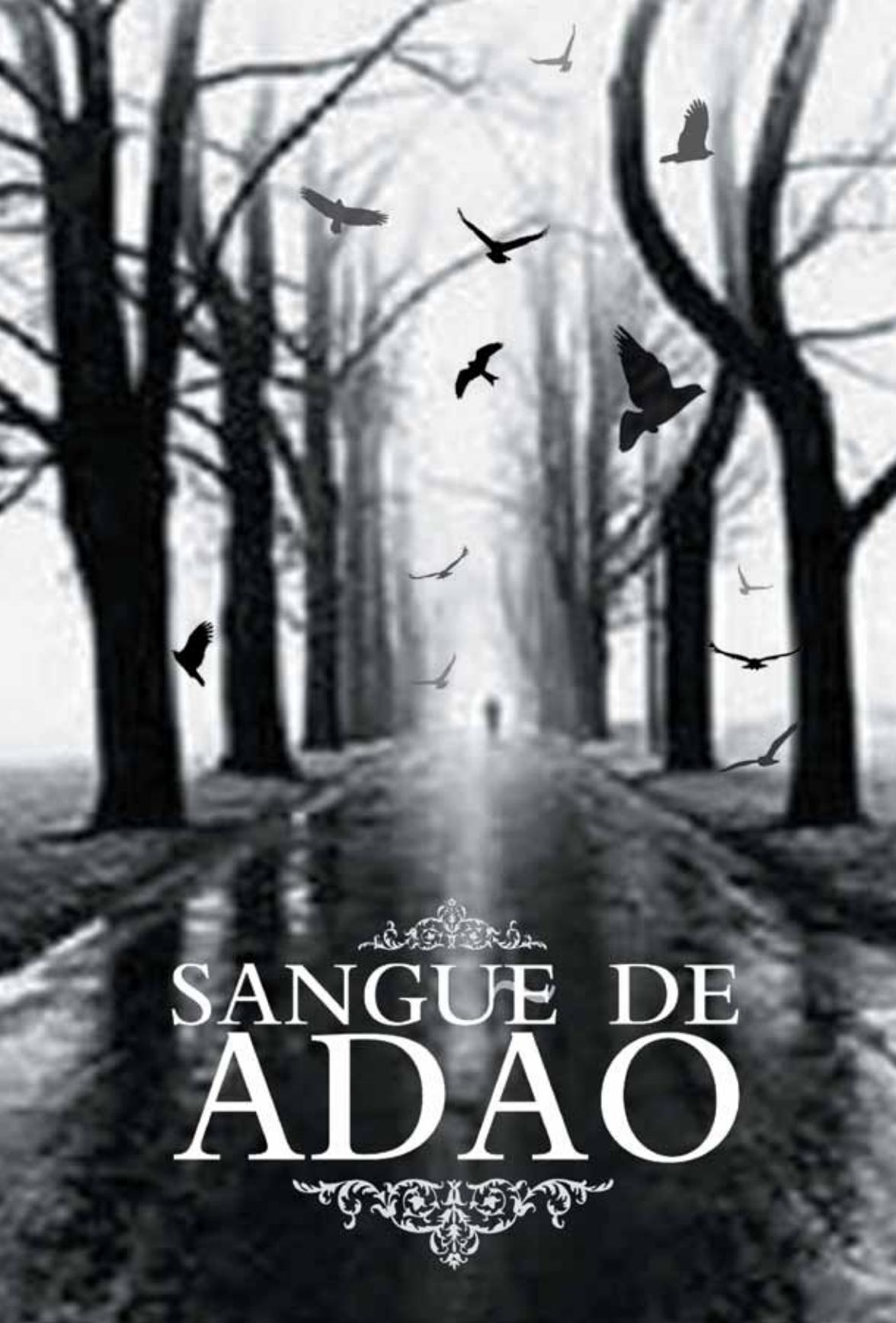




MÁRSON ALQUATI

SANGUE DE
ADÃO





SANGUE DE
ADAO

Copyright 2013 by Editora Literata

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser copiada ou
reproduzida sem a prévia autorização.
Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com a
realidade
é mera coincidência.

Capa:
Dimitry Uziel

Diagramação:
Luciane Knapick

Revisão:
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Catálogo na publicação (CIP)

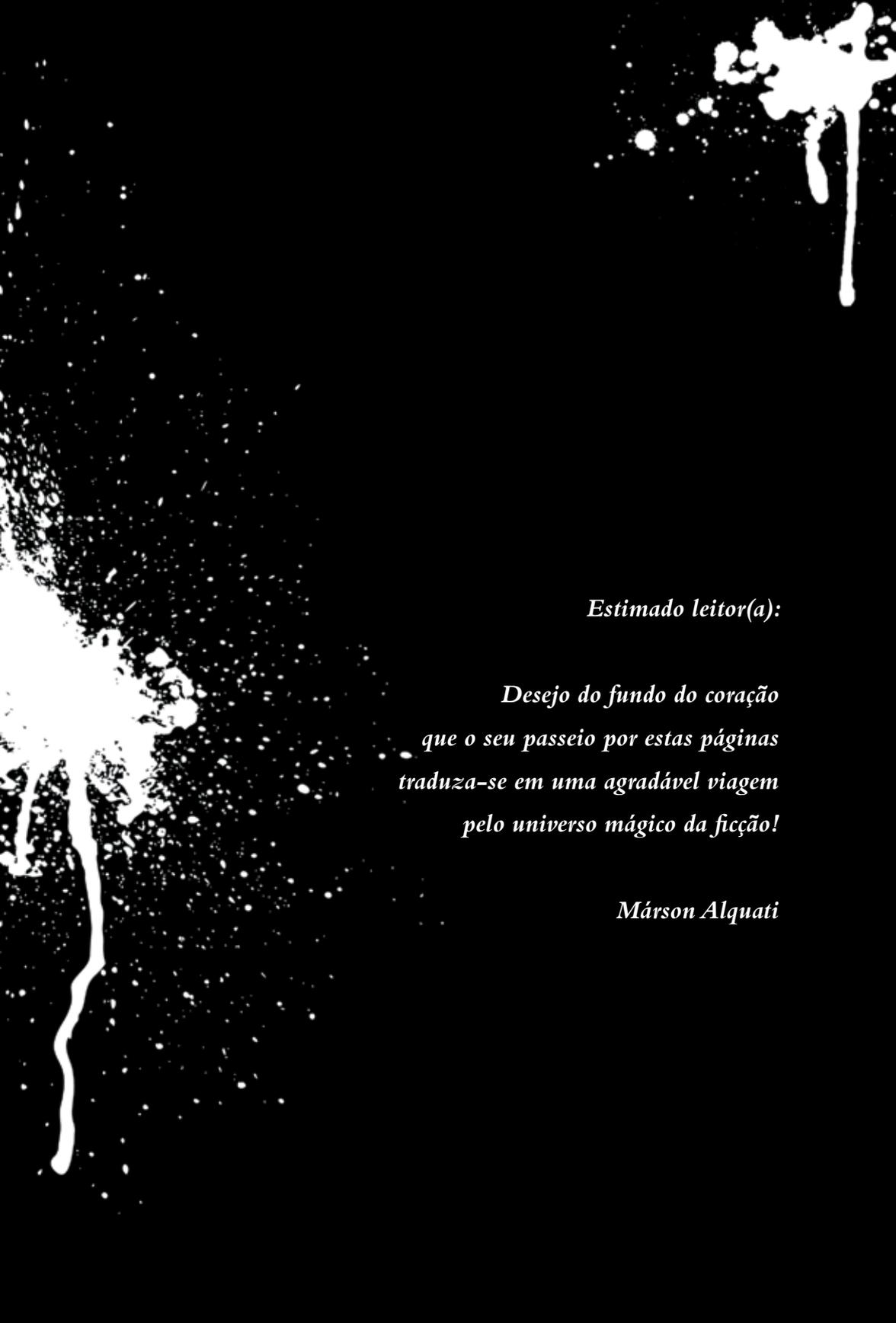
Alquati, Márson. Editora Literata. 2013
Sangue de Adão

ISBN 000000000000 || xx^a Edição: 2013
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CDD: xxx.xx

Impresso no Brasil

Direitos de edição: Editora LITERATA
Rua Jundiá - Boqueirão - Praia Grande - São Paulo
e-mail: editoraliterata@gmail.com
www.editoraliterata.com.br

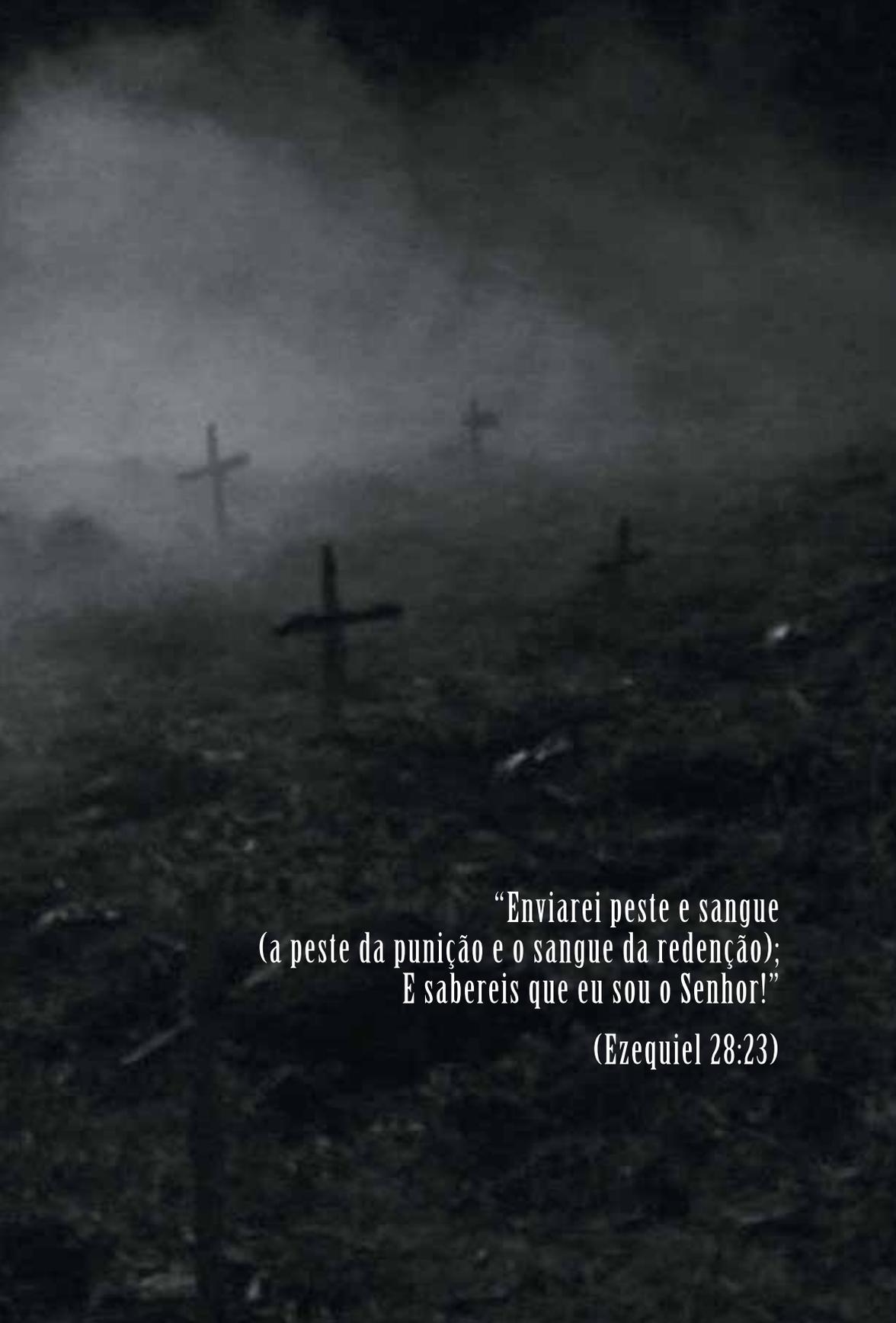


Estimado leitor(a):

*Desejo do fundo do coração
que o seu passeio por estas páginas
traduza-se em uma agradável viagem
pelo universo mágico da ficção!*

Márson Alquati



A dark, atmospheric photograph of a cemetery. The scene is shrouded in a thick, grey fog or mist, creating a somber and mysterious mood. In the background, several simple wooden crosses are visible, their forms softened by the haze. The ground in the foreground is dark and appears to be covered in grass or low-lying vegetation, with some faint, blurry shapes that could be other graves or trees. The overall lighting is very low, with the primary light source being the ambient light from the fog, which highlights the silhouettes of the crosses.

“Enviarei peste e sangue
(a peste da punição e o sangue da redenção);
E sabereis que eu sou o Senhor!”

(Ezequiel 28:23)



Prólogo

Fazia tanto tempo que eu não colocava os pés em solo sagrado, que senti uma forte claustrofobia tão logo adentrei o santuário. Parei ainda na porta, respirando com dificuldade e suando frio. Se não fosse pela minha filha Samara, com 13 anos na época, incentivar-me a prosseguir, acredito que teria simplesmente virado as costas e corrido para longe daquele lugar intimidador e sufocante.

— Vamos lá, papai! — a doce menina praticamente arrastou-me para o interior do templo religioso, apoiada pela mãe que, mesmo sem nada dizer, também deixava clara a intenção de participar do culto naquela manhã.

Os bancos de madeira da catedral encontravam-se quase vazios. Poucas pessoas haviam comparecido à cerimônia que teria início dali alguns minutos, mesmo diante da importância atribuída à ela por seus organizadores.

No altar, lindamente enfeitado com imponentes ramalhetes de flores coloridas, um porta-retratos ostentando a imagem de uma criança alegre e sorridente era o principal adorno, emoldurado por quatro velas acesas. Atrás dele, uma escultura, em tamanho natural, de Jesus Crucificado, se projetava da parede, como que a abraçar a todos os que ali se reuniam.

Atravessamos, com passos hesitantes, a enorme nave da igreja, de mãos dadas, cumprimentando os conhecidos. Sentei-me entre as duas mulheres mais importantes de minha vida, na primeira fila, bem defronte ao altar. Um nó se fez presente em minha garganta ao fitar mais atentamente a fotografia sobre a mesa, ao que um par de lágrimas

solitárias brotou de meus olhos. Eu não fiz qualquer menção de evitá-las, permitindo que elas me banhassem a face pálida.

O remorso e a dor ainda eram muito fortes e recentes. A culpa era como uma ferida aberta, que jamais cicatrizava. Já fazia um ano e eu ainda não havia aprendido a conviver com a tristeza que tomara conta da minha vida, desde aquele fatídico dia. A partir de então, depois de consumada a tragédia que me roubou a felicidade e me arrancou toda a razão de viver, eu construí uma espécie de redoma invisível ao redor de mim mesmo, tornando-me prisioneiro do meu próprio desespero e da minha própria dor. A depressão não demorou em acometer-me, transformando-me em uma pessoa introspectiva, rancorosa e infeliz.

Desde aquele funesto dia, quando a desolação me flagelou o espírito, golpeando-me diretamente no coração e na alma, eu nunca mais fui capaz de sorrir. Nada mais me alegrava, nem a família ou o emprego no banco do qual tanto gostava e que acabara abandonando. Nem mesmo a inveterada paixão pelos livros e pela arte da escrita, aos quais dedicara tanto tempo em minha vida anterior, mas que agora se encontravam relegados ao esquecimento.

Tudo o que eu apreciara antes, perdera a razão de ser depois da minha tragédia pessoal. O próprio mundo perdera a cor, tornando-se opaco e sofrível. E o pior de tudo era que até agora eu não entendia o porquê de tudo aquilo.

Com apenas 39 anos de idade, eu parecia agora um velho de 70. Magro e debilitado por não querer mais comer, mal conseguia andar, vivendo à base de antidepressivos. Os cabelos castanhos, antes fartos, fortes e bem cuidados, agora não passavam de uma massaroca branca, quebradiça e rala. As olheiras e o constante mau humor completavam o nefasto quadro. Eu não tinha disposição para nada. Vivia recluso em minha casa, enclausurado pela dor e sem querer ver ninguém.

Os meus dias eram passados geralmente no escritório, onde eu podia chorar à vontade sem que fosse in-

terrompido. Fazia muito tempo que eu não escrevia uma linha sequer. Usava o *notebook* apenas para visualizar ininterruptamente os álbuns de fotos virtuais, que tanta mágoa e amargura traziam ao meu coração. Em várias oportunidades, cheguei a pensar seriamente em me suicidar ali mesmo, mas a falta de coragem sempre me impedia de ir adiante.

Aquela era a minha primeira saída de casa em um ano inteiro, a minha primeira aparição em público, desde que a “grande tragédia”, como eu a denominava, abatera-se sobre a minha família.

Abatido e angustiado, instintivamente desviei os olhos do porta-retratos sobre o altar, elevando-os para a imagem do Cristo Crucificado que se agigantava imponente atrás dele. Encarei-a com um semblante desgostoso.

“*Por que permitistes isso? Onde tu estavas quando aconteceu?*” – indaguei mentalmente, sentindo a raiva aflorar. A raiva dos injustiçados.

– Por quê? – balbuciei entre dentes, com amargura na voz.

Patrícia, minha dedicada esposa, pressentindo que eu estava prestes a deixar-me dominar pela emoção, apertou a minha mão, transmitindo-me a força necessária para que eu recuperasse o autocontrole. E, mesmo sem pronunciar qualquer palavra, ela cumpriu seu intento.

Respirei fundo, recompondo-me no exato instante em que escutei um hino de louvor ser entoado através do moderno sistema de som da igreja. Logo em seguida, o reverendo surgiu da sacristia, dirigindo-se ao altar para iniciar os ofícios do dia. O homem cumprimentou-nos. Abriu a Bíblia sobre o altar e, após as tradicionais boas-vindas à comunidade presente, começou a ler em voz alta uma passagem que falava de morte e ressurreição. Da vida além da vida.

Incapaz de prestar a devida atenção ao sermão, discretamente passei a observar as outras pessoas presentes. A maioria delas continuava a conversar, embora agora o fizessem em voz baixa; algumas rindo descontraidamente,

enquanto seus vizinhos de banco se distraíam lendo qualquer coisa que tivessem à mão ou mexendo no celular; e outras ainda, reparando nas demais ou fofocando descaradamente, e completamente indiferentes ao assunto principal do culto. Era como se estivessem ali apenas para cumprir com a sua obrigação religiosa semanal, um mero compromisso social sem maior relevância.

Sentindo-me incomodado pela atitude ausente, para não dizer desrespeitosa, por parte daqueles homens e mulheres que me cercavam – exceto minha esposa, filha e uns poucos amigos acomodados nos bancos mais próximos e que se concentravam na mensagem proferida pelo padre –, surpreendi-me perguntando-me o que fazia ali. A única resposta que obtive, novamente olhando entristecido para a fotografia no altar, materializou-se através da vívida recordação dos dolorosos fatos que invariavelmente me conduziram até aquele ponto.

Sem conseguir deter a enxurrada de imagens que passou a desfilar por minha mente, fechei os olhos e me deixei levar pela correnteza das lembranças, mergulhando fundo no inexorável *tsunami* do próprio passado.

De repente, retrocedi ao instante exato em que tudo começou...

Capítulo

I

Era uma típica tarde de sexta-feira. Após o estressante expediente no banco, onde trabalhava há quase 20 anos, eu retornava ansioso para casa. Pois, além de rever a família que tanto amava, também planejava terminar de ler o último romance do meu autor predileto naquela noite.

Eu já sabia, de antemão, que minha esposa e os meus filhos me incomodariam por conta disso, uma vez que tinham de disputar a minha atenção com o trabalho no banco e aquela atividade paralela, desenvolvida nas horas de folga e que consistia basicamente em ler e escrever livros de ficção fantástica. Eles não entendiam que a leitura era encarada por mim como um segundo trabalho, já que eu buscava nela a inspiração para dar continuidade ao livro que estava escrevendo, baseado no mesmo assunto. Ou, então, que eu precisava disso para aliviar as tensões do dia a dia. E que ler e escrever eram as minhas principais fontes de lazer, para não dizer as únicas, uma vez que nada mais me satisfazia tão plenamente quanto isso.

Os programas familiares e sociais, geralmente sugeridos por Patrícia e que envolviam os nossos filhos, os nossos parentes e os amigos mais próximos, eram vistos, por mim, como mera perda de tempo.

Sim, eu tinha consciência de que depois que começara a escrever, me tornara um pai e um marido omisso, distante e com o pensamento inteiramente voltado para os livros. Tentava convencer a mim mesmo de que aquela era uma situação temporária. Eu tinha certeza de que assim

que o meu romance fosse lançado e começasse a fazer sucesso, os compensaria, voltando a me dedicar plenamente à família.

Contudo, naquele momento, a minha prioridade principal era trabalhar no livro. Só de pensar na chateação que teria de enfrentar em casa, senti-me profundamente irritado.

A fim de distrair-me, enquanto guiava o carro, resolvi ligar o rádio.

— Nada como uma boa música para relaxar o corpo e a mente, depois de um dia de trabalho estressante! – murmurei comigo mesmo.

Assim que sintonizei o aparelho, uma voz rouca invadiu o veículo.

“No capítulo 14, do Evangelho de João, nosso Senhor Jesus, o Messias, faz uma promessa que devemos guardar em nosso coração, por toda a eternidade. Ele diz: Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu pai há muitas moradas...”

Fazendo uma careta de repulsa, rapidamente troquei de estação.

— Era só o que me faltava! Não sou crente para ficar ouvindo sermão pelo rádio em plena sexta-feira... Será que existe alguém, hoje em dia, que ainda perde tempo com essa babaquice? – indaguei-me em voz alta, ratificando mais uma vez a minha posição de ateu convicto.

Desde a juventude, quando aprendi a pensar por mim mesmo, deixei de crer em toda e qualquer religião, em suas superstições e em seus dogmas. Os inúmeros livros que tive a oportunidade de ler me forneceram subsídios, bem mais do que suficientes, para que me tornasse agnóstico e, mais tarde, enveredasse para o ateísmo total. Nem mesmo depois do meu namoro e do posterior casamento com Patrícia, que descendia de uma família estritamente religiosa – daquelas que todos os domingos frequentava a missa – eu mudei a minha forma de enxergar as coisas. Pelo contrário, inúmeras vezes tentei, sem sucesso, mudar a opinião de minha esposa.

Mas Patrícia sempre permaneceu irreduzível e fiel em sua fé. Muito embora, por minha causa, ela já não frequentasse mais a igreja como antes, ainda rezava todas as noites e mantinha uma pequena versão da Bíblia em sua bolsa. Sempre que podia, preferencialmente quando eu não me encontrava por perto, ela a lia escondida. Isso se devia ao fato de que, nas poucas ocasiões em que eu a flagrara lendo alguma passagem, cruel e insensivelmente desdenhara dela e da sua crença, magoando-a profundamente. De modo que, para evitar novos constrangimentos, ela optara por fazê-lo longe de mim.

Ah, como gostaria que o arrependimento fosse capaz de corrigir as nossas falhas do passado. Assim eu não precisaria mais conviver com tamanha culpa. Mas, como as coisas não funcionam dessa maneira, deixemos as divagações e o remorso para mais tarde e voltemos agora a nossa atenção ao que realmente interessa...

A segunda estação de rádio sintonizada por mim naquele final de tarde era uma emissora de notícias 24 horas. A sinaleira abriu e eu precisei me concentrar no trânsito, deixando o rádio de lado por alguns momentos, no que me vi obrigado a escutar as notícias que estavam sendo levadas ao ar.

“Antes das notícias a respeito da próxima rodada do Campeonato Brasileiro, temos novas informações sobre as estranhas mortes que vêm ocorrendo nas colinas da Índia. Segundo as fontes oficiais do governo indiano, de ontem para hoje subiu de quatro para dez o número de vítimas fatais, ao norte de Calcutá, de uma nova moléstia altamente contagiosa e que, conforme afirmam os médicos responsáveis pelo caso, apresenta um quadro sintomático bastante semelhante ao de uma simples gripe comum. O que os está deixando apreensivos, entretanto, é que a nova doença vem se manifestando muitas vezes mais potente do que as gripes normais, fator que a tem tornado extremamente letal. E, para piorar a situação, o agente viral que a transmite demonstrou ser amplamente resistente, imune a todos os medicamentos ministrados aos pacientes diagnosticados com a enfermidade, os quais continuam inevitavelmente morrendo poucos

dias após apresentarem os sintomas iniciais. Em 100% dos casos registrados até o presente momento, nenhum paciente sobreviveu. Ouça a cobertura completa no nosso Jornal da Noite. Agora vamos ao futebol...”

“Ainda bem que estamos do outro lado do mundo...”
– pensei comigo mesmo.

O sinal fechou mais uma vez. Sem prestar maior atenção ao noticiário, eu pude enfim procurar, até encontrar, uma estação de música que me agradasse.

Afrouxei o nó da gravata e relaxei o corpo. Quando o sinal ficou verde prossegui, acompanhando as letras que tão bem conhecia até em casa.

Capítulo

III

Assim que fechei a porta da garagem, dei a volta pelo gramado bem cuidado e entrei pela porta dos fundos, como normalmente fazia.

— Mãe, o pai chegou! — uma vozinha infantil gritou alegre, enquanto o seu dono, um menino loiro de 6 anos, corria para os meus braços, com os olhinhos azuis brilhando de excitação.

Eduardo, o Dudu, era uma criança alegre e extrovertida. O orgulho de todo pai, pois além da indubitável beleza física, ele também era dotado de rara inteligência. Apesar da pouca idade, já sabia ler, escrever e efetuar as quatro operações. Dos meus dois filhos, Dudu era o caçula e o único filho consanguíneo, já que Samara, a minha menina mais velha, na época com 12 anos, havia sido adotada quando ainda era um bebê. Contudo, isso não mudava em nada o sentimento que eu e Patrícia tínhamos pelos dois, cujo amor e carinho eram iguais para ambos.

— E aí, garotão? Como foi a aula hoje? — indaguei, ainda com o menino agarrado em meu pescoço.

— Foi boa, fizemos um montão de coisas legais! Venha, vou lhe mostrar! — Dudu respondeu, soltando-se e me puxando entusiasmado pela mão até a cozinha, onde Patrícia e Samara nos aguardavam com o jantar quase pronto.

Enquanto eu as beijava, o garoto correu até o canto oposto do cômodo, onde costumava largar a mochila, e retirou de dentro dela um calhamaço de folhas com uma infinidade de desenhos e trabalhos diversos produzidos na escola, os quais pretendia me mostrar. Mas, em minha

cruel ignorância e total falta de tato, dispensei-o abruptamente.

— Agora não Dudu, o papai precisa tomar um banho! Depois do jantar você me mostra os seus trabalhinhos, ok? – passei por ele e fui direto para o chuveiro.

— Tudo bem... – ele murmurou visivelmente decepcionado.

Eu estava a meio caminho do quarto, quando ouvi a voz de Patrícia pedindo para que Dudu lhe mostrasse os trabalhinhos, numa óbvia tentativa de reduzir o impacto negativo da falta de atenção demonstrada pelo pai.

De repente, senti-me um crápula insensível. Uma pontada de remorso acometeu minha consciência e eu prometi a mim mesmo que repararia o dano e o compensaria assim que descesse.



O jantar foi servido tão logo retornei à cozinha. Ao adentrar o recinto, eu logo tratei de ligar a televisão, pois já estava na hora da novela das sete, que a família toda costumava acompanhar durante a refeição vespertina.

— Como foi o seu dia, querido? – Patrícia indagou, colocando o último prato na mesa.

— A mesma chatice de sempre. Você sabe bem como é trabalhar em banco! – eu resmunguei concentrado na novela.

Sim, ela sabia... Afinal de contas, havíamos nos conhecido lá, no mesmo banco que eu agora gerenciava, 19 anos antes. Na época, ambos ainda muito jovens, éramos meros escriturários recém-admitidos. No início, fomos só amigos e colegas, mas durante uma festa de final de ano da agência em que trabalhávamos, dois anos depois, bebemos, conversamos, dançamos e acabamos ficando juntos. Rapidamente nos apaixonamos. Começamos a namorar e, três meses depois, noivamos. Mais dois meses, decidimos juntar os trapos e passamos a morar junto.

Uma semana depois, ambos fomos intimados a comparecer em uma reunião no departamento de RH da ins-

tituição. Lá fomos informados de que, segundo a política interna da empresa, não era permitido que funcionários do banco tivessem vínculos afetivos entre si, de modo que como a nossa relação se tornara estável e de conhecimento público, se nós não quiséssemos ser demitidos, os dois, teríamos de fazer uma complicada escolha, pois apenas um poderia continuar trabalhando no banco. O outro deveria apresentar a carta de demissão por livre e espontânea vontade.

Naquele momento, eu tive vontade de estrangular a gerente do RH. Já estava pronto para soltar o verbo e dizer umas boas verdades para a mulher, quando Patrícia, calma e tranquila como sempre, embora achando que se tratava de uma arbitrariedade sem nexos, deu-me a maior prova de amor que alguém poderia dar. Sacrificou a própria carreira em prol do emprego do noivo. Patrícia simplesmente me conteve com um gesto, solicitando em seguida, a própria demissão.

Depois desse triste episódio, sem formação superior e com a ficha maculada, o único emprego que Patrícia conseguiu foi de vendedora no comércio local, tendo de se sujeitar à dura rotina e aos baixos salários da nova profissão. Um ano depois, eu já havia ascendido ao cargo de caixa no banco e Patrícia assumiu a gerência de uma lojinha de artigos infantis. Com a nossa vida novamente estabilizada, chegamos à conclusão de que já era hora. E, finalmente nos casamos.

Então começou outra fase bastante difícil em nossas vidas... Após quase quatro anos tentando ter filhos, sem sucesso, e por pura insistência de Patrícia, nos decidimos pela adoção. Mais um ano se passou e, de repente, surgiu a oportunidade perfeita, ao sermos chamados pela Justiça para conhecer uma menina recém-nascida que fora abandonada pela mãe e estava à espera de adoção. Fomos à casa de triagem e, de imediato, nos apaixonamos por Samara. No mesmo dia, comparecemos diante da Juíza da Vara da Infância e da Juventude responsável pelo caso e assinamos os papéis da adoção.

Para poder dedicar-se exclusivamente à filha, Patrícia abandonou o emprego na loja de artigos infantis, tornando-se uma dedicada dona de casa. Mas eis que, cinco anos depois, uma inesperada gravidez nos trouxe um novo quinhão de felicidade. Nove meses mais tarde, nasceu o nosso primeiro filho consanguíneo: o Eduardo. Lembro como se fosse hoje da emoção que senti ao segurá-lo no colo pela primeira vez...

Patrícia não disse nada, limitando-se a servir o prato do caçula.

Dudu, como ele gostava de ser chamado, estava com a corda toda, falando sem parar, contando para quem quisesse ouvir as suas peripécias e aventuras do dia.

Talvez tenha sido devido ao cansaço acumulado do trabalho no banco ou devido à ansiedade de mergulhar na agradável leitura que me aguardava no escritório, mas o que importa é que mais uma vez fui ríspido com o garoto.

— Silêncio! Desse jeito é impossível de se assistir qualquer coisa na televisão – reclamei asperamente, com a voz elevando-se acima do normal, ao que o pequenino prontamente calou, assustado com a súbita explosão de ira do pai.

— Calma, Miguel! – Patrícia interveio. – Meu bem, o menino só está querendo um pouco de atenção... – ela disse, virando-se para o filho. – Dudu, agora é hora da janta, hora de comer e não de falar. Assim que o seu prato ficar vazio, você poderá nos contar tudo o que quiser. Está bem, querido?

— Tudo bem, mamãe – ele assentiu com os olhos marejados, o que me cortou o coração, fazendo-me novamente sentir-me arrependido por ter sido tão intolerante e grosseiro com o filho que tanto amava.

Eu, contudo, não o demonstrei, concentrando-me exclusivamente no prato em minha frente e na televisão.

Patrícia esperou até começar os comerciais para tocar no assunto que estivera matutando durante o dia inteiro.

— Miguel... Eu estava pensando em visitar os meus pais no domingo. Faz tanto tempo que não vamos lá e as crianças já estão com saudades deles. O que você acha?

— Boa ideia, mãe! – Samara aprovou.

— Oba! Vamos papai... Estou louco para brincar na colônia! – Dudu falou alegre.

Mas eu, como sempre, tinha outros planos...

No ato da proposta, lembrei que havia programado trabalhar em meus projetos literários durante todo o final de semana, de modo que, segundo a minha percepção, o passeio sugerido por minha mulher serviria somente para atrapalhar meus planos. E, imbuído de pérfido egoísmo, que só agora reconheço quanto mal causou às pessoas que mais amei na vida, disparei sem remorso:

— Ah, não... Patrícia! Você sabe que eu já me programei para trabalhar no meu livro neste fim de semana! Por que não deixamos essa visita para a semana que vem? – retruquei de mau humor.

— Porque na semana que vem você inventará outra coisa. – Patrícia ainda tentou argumentar. – Já faz quase dois meses que não vamos lá. Eu estou com saudades da minha família. Até parece que você não gosta deles ou de estar conosco, pois só o que importa para você ultimamente é trancar-se no escritório com os seus livros. Quando não está escrevendo, está lendo. E nós temos de nos contentar com as migalhas que sobram do seu tempo. Ficar presos dentro de casa, enquanto você se isola do mundo. Eu estou farta dessa rotina. Também preciso me distrair...

Cego como estava, aquilo soou para mim como puro egocentrismo da parte dela, fazendo ferver o sangue em minhas veias. Agora, depois de tudo pelo que passamos e lembrando esse triste episódio, pergunto-me por que maltratamos tanto, justamente a quem mais amamos? Por que somos tão cruéis, impacientes e rudes com as nossas famílias?

Só depois de muito tempo é que eu vim perceber o quanto fui injusto. E o pior de tudo: que o verdadeiro egoísta da história era eu. Mas naquele momento, no auge da discussão, com o juízo afetado pela raiva e pela ignorância, limitei-me a contra-atacar.

— E eu? Você não pensa em mim? Trabalho fora o dia inteiro, estressando-me de mil maneiras, e não posso ficar em minha própria casa descansando durante um final de semana sequer. E por quê? Porque você fica inventando esses malditos programas de índio! – alfinetei, sentindo o calor subir pelo meu rosto.

— Programa de índio é ficar trancada em casa durante toda a semana e também nos finais de semana para que o “senhor escritor” possa trabalhar na porcaria do seu livro! Não basta o que aconteceu com o primeiro, que quase nos levou à falência e até hoje não fomos capazes de recuperar o dinheiro que investimos na publicação?

Realmente, o meu primeiro livro tinha sido um verdadeiro fracasso literário. Uns poucos exemplares vendidos e, praticamente, nenhuma expectativa de recuperação do capital investido em sua publicação. Mas isso não dava a ela o direito de aproveitar-se da constrangedora situação para jogar-me na cara essa dolorosa derrota.

Pelo menos era assim que eu pensava.

— Não chame o meu trabalho de porcaria! – berrei descontrolado. – Porcaria são essas drogas de passeios inúteis que você fica inventando toda hora e que só servem para atrapalhar a minha vida!

— A sua vida? E nós somos o quê? – Patrícia também se descontrolou.

Ela não conseguiu mais segurar as lágrimas, que rolaram livremente pelas suas bochechas avermelhadas.

— Eu sempre o apoiei em tudo, Miguel. Sempre fiz tudo o que você quis. E para quê? Tudo o que tenho recebido em troca são patadas e descaso. Estou cansada. Não aguento mais...

Levou as mãos aos olhos e desfez-se em prantos, perdendo de vez a compostura.

De repente eu voltei à razão e fiquei sem saber o que dizer. No fundo concordava com Patrícia. Sabia que ela tinha razão. Mas era orgulhoso demais para admitir isso. Queria falar, me desculpar e, no entanto, não fui capaz. As

palavras ficaram presas na garganta, como que enclausuradas por grossas correntes de aço.

— Você deveria parar de pensar somente em si mesmo e começar a pensar um pouco mais na sua família! — ela reiterou, após acalmar-se o suficiente para poder retomar a discussão.

Levantou-se e deixou a cozinha, com o seu prato quase intocado. Subiu correndo e chorando para o quarto do casal, na clara intenção de poupar os filhos.

— Parabéns, você conseguiu de novo! — Samara encarou-me reprovadamente.

O olhar recriminador que a menina me dirigiu, confesso, afetou-me muito mais profundamente do que toda a briga em si. Acredito que jamais serei capaz de esquecer o desapontamento estampado naqueles olhinhos ainda tão jovens.

Em seguida, também ela se levantou e foi atrás da mãe.

— Samara, volte já aqui e termine de comer! — eu gritei, numa inútil tentativa de reverter a situação, mas ela já havia desaparecido escada acima.

Olhei para o lado e só então constatei que Dudu chorava baixinho, as lágrimas caindo sobre o prato, molhando a sua comida, já fria.

De repente, caí em mim e, pela terceira vez naquela mesma noite, me senti um verdadeiro monstro. Será que nunca iria aprender? O remorso mais uma vez tomou conta de mim. E eu decidi, por fim, acatar a vontade da minha esposa e dos meus filhos, em detrimento da minha própria. Decidi que, no domingo, nós desceríamos a serra até a cidade vizinha onde os meus sogros moravam. Eu sabia que essa resolução jamais apagaria por completo o mal que eu causara, mas mantinha esperanças de que pudesse, pelo menos, amenizar o estrago.

Eu tinha plena consciência de que deveria deixar Patrícia se acalmar, antes de ir ter com ela e comunicar a minha decisão. Embora sem vontade alguma, terminei de comer. E então me pus a limpar a cozinha. Não sei por

que, mas sempre que brigava com ela, tentava me redimir executando as tarefas domésticas, como se isso fosse o suficiente para tornar-me merecedor do seu perdão.

Enquanto recolhia a mesa e me preparava para lavar a louça, escutava o Jornal Nacional. Foi neste momento que uma notícia qualquer, aparentemente sem muita importância, atraiu a minha atenção. Parei com tudo o que estava fazendo, para me concentrar exclusivamente nela:

"O número oficial de vítimas fatais da nova gripe na Índia subiu de dez para 58 pessoas. Novos casos de contágio continuam sendo diagnosticados e monitorados de perto pelas autoridades sanitárias locais (...). – a imagem girava por um povoado montanhês bastante pobre, focando os rostos assustados da população local. Ao fundo, uma espécie de hospital de campanha havia sido improvisado ao ar livre, em um pequeno estacionamento, com dezenas de camas de lona, sobre as quais jaziam, moribundos, os infectados.

Aquilo deixava claro que na aldeia em questão não existiam hospitais e nem postos médicos adequados. – (...) Segundo as fontes oficiais do governo indiano, o novo vírus está se espalhando rapidamente. Já há registros de pessoas infectadas não apenas na região das montanhas, mas também nos grandes centros urbanos da Índia. Foram diagnosticados casos da nova gripe em Calcutá, Kanpur, Gaya, Jaipur, Surat e até mesmo na capital Nova Délhi. Várias medidas preventivas estão sendo adotadas em todo o país numa tentativa desesperada de se evitar que a doença continue se alastrando para os demais territórios indianos, o que poderia acabar se transformando em uma nova epidemia viral generalizada e de consequências desastrosas. Outras informações sobre a recente gripe indiana a qualquer momento..."

— Mais uma gripe desconhecida. Só espero que desta vez eles não façam tanto alarde, como da última... – eu pensei cá com meus botões, lembrando do pânico e da comoção mundial que a sua antecessora, a "Gripe A", também conhecida como "Gripe Suína" ou "H1N1", causara tempos atrás. Comoção esta que tinha sido, ao meu ver, em gran-

de parte concebida e motivada pela inescrupulosa indústria farmacêutica, no vil intento de comercializar os seus produtos. O que era algumas milhares de pessoas mortas diante da possibilidade de se multiplicar o faturamento em alguns bilhões de dólares ou euros a mais? – Aposto que daqui uma semana ninguém mais se lembrará disso!

Acabamos de arrumar a cozinha, eu e Dudu. Só então, resolvi dar uma olhada rápida nos trabalhos do menino, o que fez com que ele esquecesse a briga dos pais e voltasse a sorrir alegremente. Foram momentos de extrema paz. Uma sensação de felicidade completa que somente se tem ao amparar um filho pequeno no colo, ouvir a sua vozinha doce e inocente de criança, vê-lo sorrir com alegria e sinceridade, receber um abraço ou um beijo sincero e repleto de amor, e experimentar o carinho que só a nossa prole é capaz de nos transmitir. E eu também esqueci, por alguns instantes, o grave desentendimento com minha mulher.

Naqueles tenros momentos, enquanto repassávamos os seus desenhos, senti-me verdadeiramente amado por aquela imaculada alma angelical. O que serviu somente para avivar, ainda mais, o meu remorso por tê-la magoado. Novamente prometi a mim mesmo mudar a relação com a minha família. Prometi passar mais tempo com eles. Prometi me dedicar mais à família... Prometi dar mais atenção aos meus filhos... Prometi brigar menos... Prometi, prometi, prometi e prometi...

Mas quando terminamos de olhar os desenhos de Eduardo, deixei-o brincando sozinho na sala em companhia da televisão e me dirigi ao escritório, determinado a terminar a leitura do livro que estava lendo. Antes, porém, subi até o quarto do casal e furtivamente espiei pela fresta da porta. Patrícia estava deitada na cama ao lado de Samara. Ela chorava no colo da filha adotiva que também succumbira às lágrimas, em uma mescla de revolta e tristeza.

Senti um aperto no peito. De repente, senti uma imensa vontade de entrar lá e pedir perdão às duas, de me

jogar aos seus pés e dizer que eu as amava mais do que tudo na vida; e então lhes comunicar que havia decidido abrir mão dos meus planos pessoais em prol do passeio sugerido por Patrícia.

Já estava com a mão na maçaneta, quando desisti. No último instante, achei que seria melhor dar um tempo para elas se acalmarem.

E segui direto para o escritório.

Capítulo

III

No dia seguinte, após me desculpar com Patrícia e fazer as pazes, com ela e com os meus filhos, eu concordei, durante a ceia matinal e para a alegria das crianças, em destinar aquele final de semana inteiro para a família. Deixaria para me dedicar ao trabalho no novo livro na semana seguinte.

Imediatamente Dudu se aproximou com os cadernos, pedindo colo.

— Pai, o senhor me ajuda a fazer a lição de casa?

— Hum, não sei não... – eu hesitei propositalmente, piscando para Samara com cumplicidade. – Será que eu devo?

— Eu não verifiquei o quarto dele ainda... – Samara respondeu, entrando na brincadeira.

— Ei, eu já arrumei o meu quarto sozinho. E prometo comer tudo no almoço se o senhor me ajudar! – o menino acrescentou, mostrando a língua para a irmã.

— Bem, nesse caso, acho que eu posso abrir uma exceção... – assenti, ao que os olhinhos do garoto brilharam de alegria.

Fazia muito tempo que eu não me sentia assim, tão de bem comigo mesmo. Só quem é pai ou mãe para saber a imensa alegria que é poder dar colo a um filho na flor da idade.

O resto da manhã de sábado foi dedicado às tarefas escolares. Fizemos as lições, desenhamos, pintamos e treinamos leitura. Quando vimos, já era meio-dia.

Patrícia, com a ajuda de Samara, serviu o almoço.

O dia estava maravilhoso. Almoçamos e, à tarde, resolvemos passear de bicicleta na orla da praia, a família

toda. Mais próximo do final da tarde, depois de deixarmos Samara na casa de uma amiga, eu, Patrícia e Eduardo resolvemos tomar um sorvete e então decidimos ir jogar bola no parque da cidade. Não preciso nem dizer o quanto Dudu ficou feliz. Contudo, o mesmo não aconteceu comigo. O entusiasmo inicial que eu sentia, na medida em que as horas avançavam, foi-se arrefecendo. Aos poucos, a vontade de estar no escritório trabalhando em meu livro, pesquisando ou lendo algo relevante ao que me dispunha a escrever ao invés de “desperdiçar” o meu precioso tempo ali, acabou dominando-me, deixando-me mais introspectivo. O mau humor, independentemente da minha vontade, aumentava a cada minuto.

Patrícia, atenta como a boa esposa que era, percebeu meu desconforto crescente e sugeriu que fôssemos visitar a minha mãe.

Dudu vibrou com a ideia. E eu fiz uma careta.

— Hoje? – indaguei, visivelmente contrariado. A justificativa para isso era que a minha mãe havia sofrido um derrame neural devastador, poucos meses antes, e agora se encontrava internada em uma casa de repouso para idosos, impossibilitada de sair da cama. Talvez, por eu ser filho único e por não ter mais o pai, morto de um infarto fulminante às vésperas do meu aniversário de quatro anos, eu sentia-me culpado por deixá-la naquele lugar, sozinha.

A minha vontade era de levá-la para morar conosco, mas isso não era viável, uma vez que Dona Cláudia prescindia de cuidados médicos especiais e de monitoração constante. Doía demais para mim vê-la naquele estado semivegetativo, dependente de outras pessoas para tudo. Logo ela, que a vida toda se virou sozinha. Que sempre foi independente e forte, mesmo a despeito das inúmeras dificuldades pelas quais nós passamos após a morte de seu Anacleto, o meu pai. Ela jamais se casou novamente. Ao invés disso, passou a dedicar-se exclusivamente a mim, o seu único filho.

Com o minguado salário que recebia como professora estadual aposentada, Dona Cláudia me criou sozinha,

com muito amor e carinho, e suprimo a ausência do meu pai, em todos os sentidos, de forma que jamais senti a sua falta. E eu lhe era muito grato por isso. Razão pela qual, cada vez que a visitava na clínica, ficava deprimido e revoltado. Vê-la naquele estado, invariavelmente fazia lembrar-me de tudo o que ela fizera por mim, de todos os seus sacrifícios e privações, sem nunca reclamar de nada, a fim de que o filho querido sempre tivesse tudo do bom e do melhor. Sentia-me mal com a situação injusta e deplorável em que ela se encontrava.

Concomitantemente, isso contribuía, de forma considerável, para o meu total ateísmo religioso, posto que atribuisse tamanho sofrimento à prova irrefutável da inexistência de Deus. Acreditava que se realmente Deus existisse, Ele certamente não permitiria tamanha injustiça para com uma pessoa tão boa como a Dona Cláudia. Resumindo, geralmente quando a visitávamos eu saía da casa de repouso combalido e revoltado, o que me impelia a evitar ao máximo as visitas, principalmente nos finais de semana.

— Hoje não... Agora! – Patrícia foi incisiva e irredutível. – Antes que se encerre o horário de visitas.

E para não me indispor novamente com a minha esposa e filho, não tive opção senão acatar a sugestão.

Minutos depois, nós três embarcamos no carro da família e deixamos o parque, rumo à casa de repouso de Dona Cláudia.



Faltando 15 minutos para o encerramento do horário de visitas, chegamos à casa de repouso "Paraíso da Terceira Idade" que, em minha opinião, de "Paraíso" só tinha o nome. Preciso admitir: era uma residência limpa e espaçosa, com inúmeros quartos, ambientes adequados e um excelente atendimento, mas lotada de idosos, muitos dos quais debilitados mental ou fisicamente, e a maioria cheia de problemas de saúde, de todos os tipos, o que transmitia a impressão de estarmos em uma espécie de hospital interiorano. E eu detestava hospitais.

Logo na chegada fomos recepcionados por uma agradável atendente, que tratou de desfazer a má impressão que o ambiente nos transmitia, estampando um amável sorriso na face rechonchuda. De imediato, nos conduziu aos aposentos de minha mãe.

Dona Cláudia estava, como sempre, recolhida ao quarto que dividia com outras duas simpáticas senhoras. Mas era a única deitada, já que as suas companheiras ainda dispunham de condições para andar ou ficar sentadas nos confortáveis sofás da antessala. Depois do derrame, a minha mãe perdera completamente os movimentos dos membros superiores e inferiores. Precisava usar fraldas e se encontrava mentalmente abalada. Nas parcas e lamuriantes palavras que conseguia pronunciar, a pobre alma não dizia coisa com coisa, misturando eventos do passado longínquo com situações recentes. “Viajando na maionese”, como Samara costumava dizer. Algumas vezes ela reconhecia os entes queridos, noutras não. Era como se a sua mente tivesse sofrido uma pane geral e os neurônios estivessem embaralhados em uma conflitante confusão mental.

Aquilo calava fundo em meu coração, de modo que, em diversas ocasiões, eu me perguntava por que ela simplesmente não se deixava levar pela morte ao invés de ficar sofrendo. Como se isso fosse passível de escolha...

Eu comparava o estado lastimável da minha mãe a uma vela acesa no fim de seu ciclo de queimação, cuja chama da vida, aos poucos e muito lentamente, se apagava, consumindo os últimos resquícios de parafina até se esvaír por completo. A diferença era que, segundo os médicos, no caso de Dona Cláudia, esse processo ainda poderia levar muito tempo. O que significava anos inteiros de sofrimento e dor sem qualquer justificativa ou razão plausível.

Ah! Seria tão mais fácil e menos doloroso se, com os seres humanos, o ciclo vital funcionasse como em uma lâmpada elétrica que, ao findar seu tempo útil, com um mero acionamento da chave, a luz simplesmente se extinguia, rápida e indolor. Mas infelizmente não era assim que as coisas funcionavam na vida real.

Conforme a enfermeira da casa de repouso, desde a nossa última visita, Dona Cláudia sofrera uma forte recaída. E no momento ela se encontrava completamente incomunicável.

Ignorando a advertência da mulher, Patrícia e eu nos debruçamos sobre a cama, enquanto Eduardo se sentava ao pé da mesma.

— Oi mãe! Como a senhora está? – indaguei baixinho.

Aproximei-me de Dona Cláudia e lhe dei um beijo na testa, ao que ela limitou-se a encarar-me com um semblante de ambiguidade e indiferença; depois virou a cabeça para o outro lado, mirando a parede e assim permaneceu, refém do mais absoluto silêncio.

— A vovó não está bem hoje... – Eduardo concluiu.

— Ela só está cansada, meu bem. Venha, vamos deixá-la dormir. – Patrícia pegou o menino pela mão e o levou para a sala de recreação da casa de repouso.

— Já faz alguns dias que ela está assim. – a enfermeira falou. – Amanhã, o doutor Alfredo ficou de vir para examiná-la.

— Por gentileza, peça para ele me ligar depois da consulta. Mudando de assunto, o Péricles está por aí? Eu preciso acertar com ele o próximo mês. – levantei, puxando a carteira do bolso.

— Ele está lá embaixo, no escritório. O senhor quer que eu o acompanhe?

— Não precisa! Eu já fiz tantas vezes esse caminho que o decorei.

O escritório ficava no porão do prédio de dois andares onde funcionava a casa de repouso “Paraíso da Terceira Idade”. O obeso administrador da clínica se encontrava sentado atrás de uma escrivaninha de mogno, concentrado na tela do computador, onde passava o tempo jogando paciência.

Ao ver-me na porta, Péricles abriu um amplo sorriso e me convidou a entrar e a sentar.

— E então, Miguel? Veio ver a Dona Cláudia? Infelizmente hoje ela não está nas suas melhores condições. – Péricles iniciou a conversa.

— É... Pude perceber. – resmunguei desanimado, retirando o talão de cheques da carteira. Ato contínuo, pus-me a preencher uma folha com o valor da mensalidade da internação. – Mas como costume dizer: faz parte! Infelizmente nem sempre a vida é como gostaríamos que ela fosse, não é mesmo?

Terminei de preencher o cheque e o entreguei ao homem, que o conferiu antes de guardá-lo na primeira gaveta da mesa, de onde sacou um talão de recibos.

— Falando nisso, você já escutou as notícias mais recentes da nova gripe que está tirando o sono de tanta gente importante, na Índia? – Péricles indagou casualmente, enquanto preenchia o recibo.

Diante da minha negativa, ele prosseguiu.

— Os médicos de lá estão mais perdidos do que cego em tiroteio. Eles não sabem mais o que fazer e nem a quem recorrer. A população está apavorada com a acelerada propagação da doença. E com razão, afinal de contas, já são mais de 200 mortos desde que a tal gripe desconhecida foi descoberta. Isso me causa calafrios! Duzentas mortes em dois dias não é algo que podemos considerar brincadeira...

— Mas é perfeitamente compreensível. – rebati inabalável. – Já que a Índia é um dos países mais deficientes do mundo em termos de higiene sanitária. Deste modo, não me causa nenhuma surpresa o que vem ocorrendo por lá. Até acho que demorou demais para algo assim acontecer. Quem sabe agora as autoridades locais tomem as medidas cabíveis e corrijam o problema.

— Não sei... Pelo que escutei na televisão, os médicos não estão atribuindo essa nova gripe às condições de higiene em que os indianos vivem e sim a uma mutação do vírus original da gripe comum, que acabou tornando-se muito mais resistente e letal do que o seu antecessor. Que Deus nos acuda, se essa maldita gripe se espalhar pelo mundo e chegar até nós, como aconteceu com a "Gripe Espanhola" na Idade Média; e mais recentemente com a tal da "Gripe A". – Péricles acrescentou, benzendo-se com o sinal da cruz. Ele era extremamente religioso.

— Eu ainda acho que o lixo e as más condições de higiene em que eles vivem são os grandes responsáveis por essa mortandade toda. Além do mais, eu não vejo razão para tanto alarde por aqui, uma vez que estamos do outro lado do mundo. — reiterei inabalável em minha convicção. — E, sinceramente, acredito que se o que você teme acontecer de fato, e essa tal gripe indiana se espalhar mundo afora, Deus nada fará para contê-la. Ele provavelmente permanecerá, como de costume, confortavelmente sentado em seu esplendoroso trono celeste, rindo e zombando de nós, pobres mortais, enquanto sofremos e perecemos, a exemplo do que tem acontecido desde o início dos tempos até agora.



Uma hora e meia depois, enquanto retornava com a família para casa, flagrei-me refletindo sobre o que o Péricles havia dito sobre a nova gripe. Embora eu não tivesse levado a sério aquela conversa com o dono da casa de repouso, não conseguia afastar da mente a nefasta ideia de uma possível propagação global da tal gripe indiana.

Afinal de contas, 200 vítimas fatais em apenas dois dias era algo bastante perturbador, até mesmo para um incrédulo como eu.



Capítulo

IV

No domingo, acordamos bem cedo. E, sem demora, pegamos a estrada rumo à cidade vizinha, onde moravam os pais de Patrícia.

O dia estava perfeito para o passeio: ensolarado e sem nuvens ou ventos, nem quente e nem frio, temperatura ideal de meia estação. A paisagem entre as serras que separavam as duas cidades era exuberante e convidativa. Muito verde entremeado ao colorido das flores que começavam a desabrochar, embaladas pelo canto dos pássaros que lotavam as árvores na beira do asfalto por todo o caminho.

Para mim, contudo, nada disso merecia atenção. Eu estava mesmo preocupado era com os meus projetos literários, os quais me vi obrigado a deixar de lado a fim de satisfazer o que julgava "capricho" da minha esposa. Para mim, o simples fato de ter de passar um dia inteiro na colônia, sem absolutamente nada para fazer além de comer, beber e jogar conversa fora, seria uma verdadeira tortura. E, por mais que eu quisesse e tentasse, não conseguia esconder isso, esbanjando, durante toda a viagem, o meu mau humor característico.

Limitava-me a dirigir o veículo, calado e sério a maior parte do tempo. Vez ou outra respondia a algum comentário de Patrícia, com um singelo e taciturno "sim", "não" ou "é".

Ao contrário de mim, Patrícia e as crianças que, aparentemente não se abalavam com a "birra" do motorista, se divertiam cantando, brincando de "*diga um animal que começa com a letra...*", ou simplesmente apreciando a paisagem.

Sei que estava sendo egoísta, mas vê-los alegres, daquele jeito, deixava-me ainda mais irritado. E demonstrava isso nas atitudes e através da carranca mal-humorada.

Eu não sabia se Patrícia e os meus filhos haviam notado o meu baixo astral ou se somente fingiam não ter percebido.

De qualquer forma, assim transcorreram os 56 quilômetros até a residência dos meus sogros. Nem bem estacionamos em frente à casa antiga de dois andares, os cachorros começaram a latir, anunciando a nossa presença.

Dona Maria, vigorosa e robusta descendente de italianos no auge da meia-idade, saiu para receber-nos. Para piorar o meu já afetado estado de espírito, a minha sogra também esbanjava alegria e sorrisos.

— Mas que surpresa! — ela disse, virando-se para Patrícia. — Quando você ligou avisando que viriam, nem acreditei.

Eduardo correu e abraçou a idosa senhora.

— Oi, vovó!

— Como vai, meu filho? — Dona Maria perguntou ao garoto. — Eu já estava com saudades do meu netinho! — em seguida abraçou também a neta, sem se desfazer do caçula, ficando com um neto sob cada braço. — Olá, Samara. Nossa! Como vocês dois cresceram! Andaram comendo fermento, foi?

— Tudo bem! — Dudu respondeu, rindo da brincadeira que a avó sempre fazia a respeito do tamanho deles. — Onde está o vovô?

— Ele foi pescar no rio com alguns amigos, mas prometeu voltar para almoçar conosco. — Dona Maria falou.

Após os cumprimentos de praxe, todos entramos; menos Dudu, que preferiu se divertir com uma bola no amplo espaço gramado da propriedade.

— Papai! Vem jogar comigo! — ele intimou-me.

Estava a ponto de dizer não, quando lembrei da promessa que havia feito a mim mesmo na sexta-feira. E não tive escolha, senão largar tudo e sair novamente para dar uns chutes com o meu filhote.

Embora jamais viesse a admitir publicamente, me diverti bastante naquela meia hora descontraída de bate-bola, como há muito não fazia. Hoje, tenho a consciência que naquela época me fugia, do quanto foi importante ter aberto mão de meu tempo em prol da família. Se soubesse disso antes, eu acredito que teria agido diferente em muitas outras ocasiões, pois só agora entendo a máxima de que o tempo não pára... E que um dia, ele também se acaba. Desse modo, o melhor que podemos fazer é curtir-lo ao máximo, ao lado daqueles que amamos, enquanto isso nos é permitido.

E foi exatamente o que me dispus a fazer. Só encerrei a minha participação no jogo, sob os protestos de Dudu, quando um outro veículo chegou e estacionou atrás do nosso. Era a irmã mais velha de Patrícia e o marido.

"Pronto, agora a reunião está completa!" – pensei com meus botões.

Jussara e Eliseu desceram e nos cumprimentaram. Apesar de eles residirem na mesma cidade que nós, raramente nos encontrávamos longe da colônia. O problema maior era a total escassez de tempo. Eliseu era um competente veterinário que vivia assoberbado de serviço e Jussara trabalhava no comércio local, de segunda a sábado. Eles não possuíam filhos. Não que tivessem algum problema, mas por opção mesmo. Eu gostava do meu cunhado, visto que Eliseu tinha as mesmas convicções do que eu quanto à religião. Era igualmente ateu. Já a minha cunhada seguia os preceitos da família de Patrícia e era religiosa, não tão fervorosa como a irmã mais nova e os pais, mas crente em Deus e seguidora dos preceitos da religião cristã.

Conversamos sobre diversos assuntos.

E, pouco antes da refeição ser servida, seu Diógenes, o sogrão, chegou, trazendo uma sacola cheia de lambaris que pescara no rio que fazia divisa com as suas terras. Dona Maria logo tratou de limpar os peixes e fritá-los para acompanhar a succulenta polenta com molho de guisado que havia preparado.

Almoçamos até nos fartar e depois passamos a tarde conversando sobre diversos assuntos; em geral, amenidades do dia a dia, sem muita relevância, enquanto Dudu e Samara se divertiam jogando em um videogame velho e ultrapassado.

Dessa forma, passou-se o domingo, sem maiores atribulações.

Já era noite estrelada quando nos despedimos dos parentes e deixamos o sítio. Na volta para casa, Patrícia, Dudu e Samara renderam-se ao cansaço e logo pegaram no sono. E eu, para não cochilar no volante também, liguei o rádio.

Por sorte, estava tocando “*Eduardo e Mônica*” do Legião Urbana, uma música antiga que fizera parte da minha juventude e que eu adorava. O grupo em questão já nem existia mais, porém a inigualável obra que deixou permanecia viva no coração e na alma de toda uma geração, a qual Patrícia e eu honrosamente pertencíamos.

Acompanhei a letra, que tão bem conhecia, até o final, em voz baixa, envolto por um irrefreável sentimento de nostalgia. E lamentei profundamente quando a música terminou, cedendo lugar à voz do apresentador.

“Bem pessoal, acabamos de escutar Legião Urbana. Agora, antes de seguirmos com a nossa programação musical, vamos às últimas informações sobre a nova onda de gripe que desde a semana passada vem assolando a Índia. A população local está apavorada, à beira do pânico. E com razão, pois, até o presente momento, todos os que contraíram o vírus em questão, sem exceção, acabaram morrendo poucos dias após apresentarem os sintomas iniciais da doença.

Sintomas estes que se fazem bastante semelhantes aos de uma gripe comum, mas que têm se revelado extremamente mais letais. Independentemente do que se faça, o quadro clínico dos pacientes infectados sempre termina evoluindo até que seu sistema imunológico acabe sendo afetado gravemente, e de forma irreversível, comprometendo o funcionamento de vários órgãos vitais imprescindíveis como os rins, o fígado, o baço, o coração e os pulmões. Geralmente o

indivíduo é levado à morte por parada respiratória ou cardíaca, insuficiência renal crônica, falência múltipla de órgãos ou por quadros de infecção generalizada e progressiva.

Os profissionais da área da saúde estão desesperados. Eles se dizem de mãos atadas. Em vista disso, alguns dos mais influentes líderes religiosos do hinduísmo já estão atribuindo a nova gripe a uma espécie de manifestação divina que, segundo eles, visa punir o homem pelas suas iniquidades. Razão pela qual afirmam que o vírus em questão não pode ser contido. Uma teoria que infelizmente faz sentido, posto que até o momento nenhuma cura ou vacina eficaz foi encontrada.

Segundo as estatísticas oficiais divulgadas pelas autoridades indianas, o número de mortos em virtude do vírus “Yama”, como está sendo chamado pelos habitantes das montanhas ao sul da Índia, ultrapassa a casa dos mil. Não obstante, outros milhares de pessoas, em todo o território indiano, vêm apresentando os sintomas iniciais da suposta gripe, fator determinante para que o “Yama” seja enquadrado na categoria de epidemia generalizada.

Os países vizinhos da Índia, como o Paquistão, a China e o Sri Lanka decretaram estado de alerta total e prometeram fechar as suas fronteiras para esta nação caso a “peste indiana” não seja erradicada ou ao menos contida nos próximos dias. A pedido do governo indiano, um grupo de epidemiologistas do Comitê de Controle de Doenças Transmissíveis da OMS (Organização Mundial da Saúde) está sendo enviado para a Índia neste exato momento, no intuito de investigar e de estudar melhor essa nova gripe assassina...”

Não aguentei mais. Troquei de estação, imaginando que aquela história de vírus fatal poderia render um bom romance de suspense/drama.

— Quem sabe... – divaguei indiferente, não prestando maior atenção na notícia em si. – Talvez mais adiante eu mesmo resolva seguir por essa linha e escrever algo do gênero... Mas, se o fizer, com certeza o vírus da minha

história não irá se chamar “*Yama*”. De onde será que tiraram esse nome? ¹(*)

Naquele instante, começou a tocar uma nova música no rádio. Passei então a me concentrar exclusivamente na estrada, escutando um agradável som do “Engenheiros do Hawaii”, outra banda do meu tempo de solteiro e que eu curtia bastante.

1 (*)Yama = O Senhor da Morte no Hinduísmo. O primeiro registro feito nos “Vedas”. Yama pertence às camadas iniciais da Mitologia Indo-Iraniana. Na tradição védica, ele foi considerado o primeiro mortal a morrer e a espiar o caminho para a morada celestial. E, em virtude de sua precedência, tornou-se o Regente dos Mortos. Em algumas passagens, Yama inclusive é citado como o próprio Deus da Morte (Nota do Autor).

Capítulo

V

Após uma revigorante noite de sono, posso afirmar que, em se tratando de uma segunda-feira, acordei bem disposto. A ducha morna espantou os últimos resquícios do cansaço do final de semana e despertou-me de vez. Foi quando senti o delicioso e convidativo aroma de café recém passado que subia da cozinha.

Poucos minutos depois, descí para o desjejum. Patrícia me aguardava, ocupada no preparo do café e das torradas. Um ritual matutino que repetíamos todos os dias há anos.

— Bom dia, querido! Dormiu bem? — ela indagou contente.

Pelo visto, o passeio até a casa dos meus sogros surtira efeito. E eu também me senti satisfeito.

— Melhor impossível. E as crianças? — interpelei, notando que nenhum dos dois havia descido ainda.

Só então, Patrícia me recordou de que não haveria aula naquele dia, devido a uma reunião dos professores. Eu resolvi ler o jornal, como normalmente fazia antes de ir para o trabalho. Assim que o peguei, logo de cara, fixei os olhos na manchete principal da capa:

“EPIDEMIA DE GRIPE INDIANA CAUSA 17.000 MORTES”.

Aquilo foi como um choque para mim, pois até onde eu sabia, na noite anterior, o número oficial de mortos beirava a casa dos mil. Daí para 17 mil, em apenas uma única noite, era um salto considerável, preocupante. Finalmente, aquele assunto até então desprezado e ignorado, começava a despertar em mim um sentimento misto de inquietação e

de aflição. De repente, esqueci do café da manhã, das torradas e de tudo o mais. Fui direto à página que continha a matéria em questão, concentrando-me inteiramente nela como se nada mais tivesse importância.

A reportagem fazia um apanhado geral da acelerada evolução do vírus "Yama" desde os primeiros casos detectados há três dias atrás até uma hora antes de o jornal ser impresso, onde os índices de vítimas fatais já ultrapassavam a casa dos 17 mil óbitos, enquanto dezenas de milhares de outras pessoas também apresentavam os sintomas iniciais do Yama.

A matéria mostrava o desespero das autoridades indianas diante da impotência em se encontrar uma solução para a crise, juntamente com a apreensão do resto do mundo diante da preocupante perspectiva de propagação do terrível vírus para além das fronteiras daquele país. Em entrevista, especialistas do Departamento de Epidemiologia da Divisão Brasileira da OMS alertavam para a total ineficácia da medicina atual frente à acelerada evolução do quadro sintomático nos pacientes que haviam adquirido o "Yama", e indicavam etapa por etapa, a velocidade de progresso da doença no organismo humano e a cruel devastação que causava nos órgãos vitais.

Deste modo, invariavelmente, todos os que a adquiriam, sem exceção, acabavam falecendo em questão de poucos dias. Até o fechamento da presente edição não havia nenhum registro de sobreviventes entre os milhares de infectados pela nova gripe, o que reforçava a declaração de um cientista alemão de que nunca, na história, uma gripe de origem viral fora tão severa a ponto de não deixar sobreviventes. Alguns até já comparavam o vírus "Yama" à "Peste Negra" que, durante a Idade Média, dizimara populações inteiras, mas com uma diferença: todos eram unânimes ao classificarem essa nova versão como a mais letífera de todos os tempos.

A reportagem igualmente alertava para o fato de que a maioria dos países do mundo, incluindo o Brasil, estava se

preparando para enfrentar a atual epidemia montando barreiras sanitárias nos principais acessos rodoviários de fronteira, assim como nos portos e aeroportos internacionais, a fim de impedir a entrada de pessoas e de produtos oriundos da Índia. Na faixa de fronteira daquele país com o Paquistão, a situação adquirira contornos ainda mais dramáticos, pois os soldados paquistaneses haviam recebido a ordem para fuzilar todo e qualquer indivíduo proveniente da Índia, independentemente de sua nacionalidade, que ousasse adentrar os limites territoriais de divisa entre os dois países sem uma autorização expressa do governo paquistanês.

A polêmica determinação estava gerando um grave impasse diplomático entre as duas nações asiáticas. E, para finalizar, uma última nota reportava que os Estados Unidos já haviam enviado, para a Índia, um grupo de cientistas, médicos e epidemiologistas do "*Comitê de Controle de Doenças Infecciosas Americano*", para ajudar os colegas enviados pela OMS nos estudos e pesquisas em busca de um antídoto ou vacina capaz de, ao menos, amenizar os devastadores efeitos da mortífera "Peste Negra do Século XXI", como alguns formadores de opinião insistiam em denominá-la.

Ao terminar de ler a inquietante reportagem, notei que a alegria de antes me fugira, cedendo lugar a uma súbita e justificada apreensão. Simplesmente larguei o periódico ainda aberto sobre a mesa, tamanha era a minha perplexidade diante do que havia acabado de ler. Praticamente esqueci o café e as torradas intocados. Na verdade, eu não sabia o que pensar. Jamais poderia ter imaginado, quando escutei a primeira notícia sobre aquele assunto na sexta-feira anterior, que uma simples gripe comum pudesse ser capaz de transmutar para algo tão tenebroso como o tal vírus que há dias assolava a Índia e agora ameaçava o resto do mundo. Definitivamente, o tal "Yama" não era como os seus antecessores: a gripe espanhola e o H1N1. Desta vez, a enfermidade se revelava muito mais séria e perigosa.

Foi automático. Sem que eu conseguisse evitar, algo lúgubre me ocorreu. E, por um momento, fiquei envergonhado em sentir alívio ao concluir que felizmente aquilo acontecia lá na Ásia, no outro lado do mundo, de modo que nos encontrávamos em uma zona de conforto, distante do epicentro da catástrofe e, portanto, relativamente segura. Fiquei encabulado por me sentir aliviado, enquanto milhares de outros seres humanos continuavam morrendo. Porém, não pude evitar.

Nunca me iludi, achando que o vírus se manteria restrito ao território indiano para sempre. No fundo, eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele inevitavelmente acabaria cruzando as fronteiras da Índia e se alastraria para outros países, sem descartar a possibilidade de até mesmo chegar aos demais continentes. Em contrapartida, nutria a certeza absoluta de que as autoridades que trabalhavam no caso acabariam encontrando uma cura definitiva ou uma vacina realmente eficaz antes disso acontecer.

Bem... A vida continuava e eu precisava ir para o trabalho. Cheguei então à sábia conclusão de que não deveria me preocupar à toa com algo que, pelo menos por ora, não me dizia respeito. Nem a mim e nem à minha família.

É como rezava o velho ditado popular: *“Pimenta nos olhos dos outros é refresco. Só arde de verdade quando é jogada em nossos olhos”*.

Retomei o jornal e pulei direto para as páginas do esporte, lendo-as rapidamente enquanto degustava o café e as torradas já frios. Quando terminei, despedi-me de Patrícia e segui direto para o banco.

Mas foi só o tempo de tirar o carro da garagem e ganhar as ruas, para perceber que havia algo de estranho no ambiente. Eram quase oito horas da manhã e a temperatura começava a subir rapidamente. O sol arrastava-se pelo leste em um céu desprovido de nuvens, de modo que podia ser visto por cima dos prédios mais altos. Para a minha infelicidade, o clima estava ficando cada vez mais abafado e eu começava a transpirar. Porém, foi apenas ao parar no primeiro sinal, bem em frente a uma tradicional banca de

revistas, que notei uma discrepância atípica no movimento ao redor dela.

Em volta da banca havia uma aglomeração incomum de pessoas. Mesmo atrasados para os seus compromissos, muitos ali não conseguiam prosseguir sem antes dar uma olhadinha na primeira página dos jornais expostos. As manchetes de todos, sem exceção, eram relacionadas ao “Yama”.

Enquanto os periódicos mais discretos limitavam-se em relatar a situação catastrófica atual enfrentada pela Índia, tal como se apresentava, os mais sensacionalistas discorriam até mesmo sobre a proximidade inquestionável do “Fim dos Tempos”, alegando que o tal vírus assassino nada mais era do que um sinal divino prenunciando o início do Apocalipse Bíblico. Outros ainda viajavam por inúmeras teorias de conspiração, ora imputando a culpa pela desgraça a um “projeto militar ultrassecreto” dos americanos, ora a uma ação terrorista da Al Qaeda, ou ainda a uma nefasta estratégia da indústria farmacêutica para aumentar o faturamento com as vendas de medicamentos.

Ao contemplar uma dessas manchetes sensacionalistas, não consegui conter um sorriso de escárnio. Espantava-me saber que, ainda hoje, existiam pessoas capazes de se aproveitar de uma situação tão trágica, como a que o povo indiano enfrentava, para ressaltar os seus pontos de vista religiosos, políticos e antiamericanos. Por essas e outras que eu havia optado em me abster de toda e qualquer religião, tornando-me um adepto declarado do ateísmo; também não simpatizava com a política.

Em compensação, as reportagens sérias transmitiam, no mínimo, preocupação. Era impossível de se ficar cem por cento alheio ao fatídico drama que se desenrolava na Índia. Relembrando o teor da sombria reportagem que havia lido antes de sair de casa, eu inconscientemente passei a cogitar uma série de hipóteses que, ao invés de me acalmarem, somente serviram para me deixar ainda mais aflito.

E se o tal vírus fugisse do controle e se espalhasse pelo mundo? E se chegasse até aqui, ao Brasil, antes de ser encontrada a cura? E se eu ou alguém da minha família, por infelicidade o contraísse? E se...

O sinal abriu.

E eu prossegui, lutando para afastar da mente aquela incômoda sensação de que a coisa ainda iria piorar consideravelmente.

Eu só não podia prever, naquele momento, o quanto, e nem com que rapidez, a tragédia se alastraria da Ásia para o resto do planeta.

Capítulo

VI

Na terça-feira a epidemia "Yama" se tornara a notícia mais importante de todos os veículos de comunicação, ocupando as primeiras páginas dos principais jornais e periódicos do mundo. Era o assunto mais comentado nas rádios e tema de polêmicas discussões nos maiores canais televisivos.

Naquela manhã, porém, como eu havia me demorado demais no banho, ainda precisava deixar as crianças na escola e já estava atrasado para o trabalho, de modo que não pude me inteirar das notícias através do jornal, como normalmente fazia. Na pressa de chegar logo ao serviço, até me esqueci de ligar o rádio do carro. Larguei as crianças na escola e segui direto para o banco.

Foi somente quando cheguei à agência em que trabalhava que eu reparei que o clima no local estava diferente. Uma mistura de tensão e de medo emanava no ar. No meu setor, as pessoas estavam bem mais sérias do que o habitual. Poucos sorrisos e os tradicionais cumprimentos de "bom dia" me soaram um tanto apáticos e frios.

— Ei, Rafaela... — indaguei à gerente de contas, que organizava alguns papéis na mesa ao lado da minha —, você sabe o que está acontecendo aqui? Por que é que todo mundo está com essa cara de velório hoje?

— Você não leu as últimas notícias? — a mulher me encarou soturna.

Diante da minha negativa, ela apontou para o jornal em cima da minha mesa.

Assim que o vislumbrei, imediatamente compreendi.

Estarrecido, passei a ler a manchete que dominava a capa inteira do periódico. Dentre outras coisas, a reportagem em questão, promulgava o expressivo aumento no número de vítimas fatais da nova gripe asiática, paralelamente ao que noticiava a proliferação do vírus "Yama" para além das fronteiras indianas. Até o fechamento da presente edição já haviam sido contabilizados mais de 100 mil óbitos e estimava-se o número de infectados em mais de um milhão.

Porém, o mais alarmante era que agora, além da Índia, também no Nepal, no Paquistão, no Irã e no Afeganistão haviam sido confirmados casos de contaminação pela mortífera gripe assassina. Outra manchete menor anunciava que naquela mesma madrugada, como forma de prevenção, a China decretara o fechamento total das suas fronteiras para o resto do mundo, e por tempo indeterminado.

Entretanto, o que mais despertou o meu interesse em tudo o que li foi uma pequena entrevista no final da página, cedida por uma equipe de infectologistas brasileiros que alertavam para o fato de o "Yama" já estar fora de controle. Segundo eles, seria apenas uma questão de tempo para o vírus se disseminar e contaminar o planeta inteiro. E o pior: os especialistas americanos e da OMS não sabiam mais o que fazer para combater os sintomas extremamente letais da nova gripe. Eles já haviam tentado de tudo e nada funcionara. Sequer faziam ideia do que fazer para controlar a propagação da epidemia que, segundo alguns, se nada fosse feito nos próximos dias, estava muito perto de se transformar na maior pandemia da história. E que, se esse quadro calamitoso de fato se concretizasse como eles previam, milhões de pessoas, ao redor do mundo todo, poderiam perder as suas vidas nos próximos meses...

Nervoso, afastei os olhos do jornal e suspirei.

Realmente não sabia no que pensar. Embora ainda me sentisse, até certo ponto, tranquilo por nós nos encontrarmos do outro lado do mundo e bem longe das áreas

críticas, eu estava cômico de que, mais cedo ou mais tarde, o mal igualmente poderia chegar ao “nosso quintal”.

— O pessoal da igreja que eu frequento está falando até em Juízo Final. – Rafaela comentou. – Tá todo mundo apreensivo quanto ao que irá acontecer. As pessoas de lá estão se perguntando se isso tudo não será um prenúncio do Fim dos Tempos...

— Bobagem! – eu tentei tranquilizá-la. – Concorro que a coisa está feia lá para aquelas bandas, mas daí pressupor que seja um sinal do Fim do Mundo já é abuso. Você não acha? Devemos nos lembrar da “Gripe A”, que no início também parecia o Fim do Mundo, e depois todo o alarde se transformou em alarme falso. Pior ainda: no final foi constatado que todo aquele escarcêu não passou de uma bela jogada de *marketing* articulada por meia dúzia de empresários da indústria farmacêutica para vender o seu peixe. Quem pode afirmar, com certeza absoluta, que agora não está acontecendo a mesma coisa? Eu realmente continuo achando tudo isso um tremendo exagero. Você vai ver. Daqui a um ano ninguém mais falará sobre esse tal “Yama”.

— Não sei não... – Rafaela ponderou, demonstrando certo ceticismo em relação à minha última afirmação. – Eu espero sinceramente que você esteja certo, Miguel. Mas tenho cá comigo uma forte convicção de que desta vez a coisa será diferente.

— E por que você acha isso? – eu quis saber, com genuína curiosidade.

— A “Gripe A” ou mesmo a “Gripe Espanhola”, apesar de fatais em grande parte dos casos, causaram a morte de apenas uma porcentagem dos seus infectados. Já o atual “Yama”, até agora não deixou nenhum sobrevivente! Você já parou para pensar nisso? Nenhum sobrevivente. Todos que o contraíram, sem exceção, estão mortos ou irão morrer dentro dos próximos dias...

Durante todo o restante do dia, não consegui tirar aquilo da cabeça. O trabalho não rendeu. Diversas vezes,

flagrei-me distraído, refletindo sobre o que eu faria para proteger a minha família, e a mim mesmo, se a tal doença chegasse ao Brasil. E, no final do dia, cheguei à frustrante conclusão de que não haveria absolutamente nada o que eu pudesse fazer, além de torcer para que isso nunca acontecesse.

Após o expediente, retornei direto para casa. Desta vez, de forma consciente, não liguei o rádio do carro, pois não queria mais me preocupar, por antecipação, com o drama asiático. Depois de tanto matutar sobre a terrível tragédia, eu estava deveras ansioso para relaxar um pouco na companhia da minha família. Naquele momento, talvez por efeito das alarmantes notícias que não paravam de chegar a todo instante, subitamente Patrícia e as crianças haviam adquirido importância extra para mim. No âmago do meu ser, eu só queria estar com eles, abraçá-los e passar o maior tempo possível ao seu lado.

Mas logo descobri que seria impossível me desligar da dura realidade. Bastaram alguns minutos de observação analítica durante o trajeto para casa e eu constatei que em todo lugar não se falava em outra coisa, senão na terrível gripe assassina. O medo e a preocupação eram constantes nos olhares e semblantes de todos que transitavam pelas ruas, e ambos dominavam a grande maioria dos círculos de conversas.

Capítulo

VII

A noite, já em casa e com a família toda reunida em frente ao televisor, assisti a uma reportagem que seria a grande responsável por me impedir de dormir tranquilo naquela, e em todas as outras noites que se seguiriam.

Durante uma interrupção da novela das nove, foi veiculada uma notícia que nos surpreendeu a todos. Conster-nados, tomamos conhecimento de que a União Europeia decidira, de comum acordo entre os seus estados mem-bros, retirar imediatamente os seus cientistas e os seus médicos da Índia. E, em seguida, fecharia preventivamente as fronteiras para "todos" os países asiáticos, mesmo para aqueles que ainda não haviam registrado nenhum caso da nova epidemia gripal.

O radicalismo da decisão abalara as estruturas diplo-máticas de um grande número de países, dando vazão a uma série de protestos violentos por todo o oriente, e com repercussão internacional, inclusive na sede da ONU, em Nova York.

Naquele momento, as embaixadas de diversos países europeus envolvidos na questão estavam sendo violentamente atacadas, depredadas, saqueadas e incendiadas, principalmente as cujas localizações se davam em países do Oriente Médio e do Sudeste Asiático. Populações inteiras saíam às ruas e protestavam revoltadas contra as medidas anunciadas pelos europeus. Grupos terroristas islâmicos ameaçavam começar uma nova e sangrenta Guerra Santa na Europa, caso os líderes e dirigentes do referido continente não voltassem atrás em sua controversa decisão.

Na maior parte dos casos, muçulmanos radicais apontavam os europeus e os americanos como os verdadeiros responsáveis pela crise “Yama”, alegando que tudo não passava de um maquiavélico plano dos “infiéis capitalistas” para poderem se apossar das suas reservas de petróleo. Já os governos oficiais dos países asiáticos e do Oriente Médio contestavam a deliberação do bloco europeu no Conselho de Segurança da ONU, não descartando até mesmo a possibilidade de declaração de guerra, caso a questão do bloqueio de fronteiras não fosse imediatamente revista. Em contrapartida, a União Europeia, por meio de seus representantes reunidos em Berlim, mantinha-se resoluta e firme em sua decisão, afirmando categoricamente que enquanto a crise asiática não fosse devidamente contornada, não abdicaria da segurança das suas populações.

Os judeus ortodoxos acusavam os indianos e os muçulmanos, declarando que o “Yama” era tão somente um merecido castigo de “Yaweh” (2) pelas suas heresias e as suas iniquidades. Os muçulmanos, por sua vez, culpavam os indianos, os cristãos e principalmente os judeus, alegando que “Alá”(3) enviara o “Yama” como uma forma de punição pelas suas blasfêmias. O Vaticano imputava a culpa da tragédia que assolava o mundo às demais vertentes religiosas não católicas, pela sua equivocada idolatria aos falsos Deuses. Os evangélicos alegavam que a sua fé era a única verdadeira e, por isso, todos os demais pagariam o preço por seguirem falsas religiões. E assim por diante...

Enfim, o caos e a desordem haviam se instalado de vez naquele canto do mundo.

Cansado de escutar sobre aquilo, mudei de canal, topando com uma entrevista onde um maluco qualquer ousava afirmar, acometido por uma espécie de insanidade psicótica, que apenas um ataque nuclear em grande escala, sobre a Ásia inteira, seria capaz de conter o avanço da letífera gripe assassina. Outros dois entrevistados eram

2 “Yaweh” = Divindade hebraico-judaica venerada pelos povos semíticos.

3 “Alá” = Divindade venerada pelos povos de origem muçulmana.

totalmente contra. Mais sensatos, alegaram que uma hecatombe nuclear traria muito mais prejuízos e mortes do que o próprio vírus assassino.

Continuei trocando de estação em estação, na vã tentativa de encontrar uma que não estivesse transmitindo algo sobre o assunto mais comentado do momento. Não fui feliz. Em diversos canais, pastores exaltados, aos berros, proclamavam a chegada do "Fim dos Tempos", convocando a população a se converter para a sua religião e se arrepender dos pecados antes que fosse tarde demais. Alguns, dentre os mais radicais, pregavam que o "Yama" era a verdadeira personificação do Anticristo, e que havia sido lançado à Terra para dar início ao período de tribulações previsto no livro bíblico do Apocalipse de São João...

Para mim, aquilo foi a gota d'água. Desliguei a televisão e subimos para dormir.

Mas quem disse que conseguiríamos pregar o olho naquela noite?



Capítulo

VIII

Na quarta-feira, enquanto tomávamos o café da manhã, fomos surpreendidos por um pronunciamento oficial, e em conjunto, do Ministro da Saúde com o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, levado ao ar em rede nacional.

No discurso, os dois homens advertiram sobre os riscos inerentes à nova gripe que, segundo as informações mais recentes, prosseguia sem qualquer possibilidade de cura e se alastrava de forma calamitosa pelo continente asiático.

Conforme um estudo divulgado pela OMS, as vítimas do "Yama" geralmente não sobreviviam mais do que quatro ou cinco dias no máximo, após detectados os primeiros sinais de contágio. E, mais da metade desse tempo, passava-se sob a influência de sintomas horríveis que variavam desde o surgimento de feridas purulentas por todo o corpo, hemorragias e perda de sangue através da urina, deterioração progressiva das funções vitais e muita dor, culminando em quadros de falência múltipla dos órgãos, ou então em derrames e infartos fulminantes.

Não obstante, ainda havia a preocupante questão da crescente e incontrolável propagação do vírus. Nas últimas 24 horas, mesmo com o fechamento total das fronteiras chinesas para o restante do mundo, foram registrados 48 casos comprovados do "Yama" no referido país. E como não bastasse, a pandemia asiática ter atingido a China, também na Mongólia, Turquia, Cazaquistão, Iêmen e Coreia do Sul e do Norte foram detectados casos suspeitos de contaminação pelo terrível vírus assassino.

A calamidade asiática havia atingido tal ponto que até o presente momento já se contabilizava a inacreditável cifra de meio milhão de mortos e de dezenas de milhões infectados. Mas, conforme o Ministro da Saúde, a despeito disso, o povo brasileiro não precisava se preocupar, uma vez que até então, a doença restringia-se unicamente ao continente asiático.

No entanto, como prevenção, todos os cidadãos brasileiros que tivessem viajado para os locais críticos mencionados, ao retornarem para casa, teriam de se submeter a uma bateria de exames obrigatórios e ficariam isolados em quarentena até ficar comprovado que não haviam contraído o vírus assassino durante a sua viagem. Uma forte estrutura estava sendo montada em todos os aeroportos, portos e terminais rodoviários do país a fim de dar suporte e de viabilizar essa importante determinação do Ministério da Saúde.

Quando o Ministro da Saúde terminou a sua exposição sobre a situação global da pandemia, o seu colega das Relações Externas fez o uso da palavra.

— E, por conta disso, nenhuma nação da União Europeia está recebendo voos do estrangeiro. Todas as fronteiras encontram-se temporariamente fechadas para o resto do mundo, inclusive para os cidadãos destes países que se encontram fora dos limites territoriais das suas nações. É nosso dever alertar aos cidadãos brasileiros que tinham feito planos de viajar à Europa e à Ásia nos próximos dias que todos os voos internacionais partindo do Brasil, assim como dos demais países do Mercosul, com destinos europeus estão suspensos por tempo indeterminado. Convém salientar ainda que as aeronaves que já se encontravam em trânsito quando essa resolução foi tomada, terão obrigatoriamente que retornar aos seus pontos de origem. Uma força-tarefa da Infraero, em conjunto com os Ministérios das Relações Exteriores e da Saúde está sendo constituída a fim de atuar nos principais aeroportos brasileiros para auxiliar no desembarque e monitoramento clínico destes cidadãos, e também no esclarecimento de quaisquer dúvidas que eventualmente possam surgir...

— Papai, nós vamos morrer? – Dudu perguntou-me visivelmente assustado.

O rostinho apavorado do menino mexeu comigo. Por um momento, eu senti as palavras arranhando a garganta como se fossem feitas de arame farpado, impedindo-me de responder. A incerteza da resposta me deixava agoniado.

— Não vamos não! – Patrícia, sempre atenta e perspicaz, interveio acalmando-o. – Mudando de assunto, moquinho, o senhor já verificou a mochila hoje?

— Sim senhora. Está tudo lá! – ele respondeu orgulhoso. E saiu correndo da cozinha em busca da mochila.

Olhando para o garoto novamente alegre, eu pensei em como era bom poder ser criança para esquecer tão rápido os problemas e as preocupações.

Mas infelizmente para nós adultos, isso era impossível.

— Papai, eu não quis comentar perto do Dudu, mas também estou com medo... – Samara pronunciou-se em voz baixa para que o irmão caçula não escutasse. – Tenho calafrios só de pensar no que poderia acontecer se esse tal vírus assassino chegar ao Brasil.

Desta vez, as palavras saíram.

— Todos nós estamos preocupados, Sam... – eu argumentei. – Mas não devemos nos afligir por antecipação. Eu ainda acredito que, bem antes desse “Yama” aparecer por aqui, os cientistas da OMS vão descobrir uma forma de destruí-lo. No fim, vai ser como a “Gripe A”, e o “Yama” vai se tornar mais uma doença derrotada pela medicina moderna.

Porém, eu mesmo já não estava mais tão certo disso.

— Sam, o seu pai tem razão. Você não deve se preocupar com isso, minha filha. Deus é pai. Ele sabe o que faz e certamente irá nos proteger. Preocupe-se em se sair bem na sua prova de matemática de hoje... – Patrícia encerrou o assunto. – Agora vá ajudar o seu irmão, que já estamos atrasados.

Mais uma vez, fiquei admirado com a forma tranquila e lúcida com que Patrícia, embora invocando a sua crença religiosa que eu tanto desdenhava, tratara o assunto, sem

demonstrar qualquer sombra de preocupação. E convicta de que, no final, Deus, num passe de mágica, nos proveria dos recursos necessários e nos livraria do mal.

Antes que eu pudesse falar qualquer coisa ou traçar qualquer linha de objeção à sua inabalável fé, ela aproveitou a deixa e apagou a televisão.

Com isso, também não pude acompanhar o resto do pronunciamento.

De qualquer forma, já estava mesmo na hora de ir para o trabalho.

E o dia transcorreu lentamente, como se o próprio tempo tivesse resolvido frear o destino.

No banco, assim como nas ruas e em todos os lugares por onde eu passava, as pessoas mostravam-se taciturnas, de expressões preocupadas e sem ânimo nenhum para sorrisos ou brincadeiras.

No fim do expediente, segui direto para casa, pois havíamos combinado, ainda no domingo, que Jussara e Eli-seu jantariam conosco neste dia, já que ele embarcaria na manhã seguinte para o Rio de Janeiro, onde participaria de um importante Congresso Veterinário.

Durante todo o trajeto, nem sequer me atrevi ligar o rádio do carro. Não queria estragar a agradável noite que se desenhava, com as prováveis notícias desagradáveis sobre o "Yama" que deveriam estar sendo transmitidas naquele momento.

Ao chegar em casa, fui absorvido pelo clima de festa. Patrícia já me esperava com tudo encaminhado para o jantar. Dudu e Samara a ajudavam no que podiam. E eu, após banhar-me, juntei-me a eles sentindo uma intensa alegria como há vários dias não sentia. Mesmo sabedor de que naquela noite não poderia me dedicar aos meus projetos literários, eu me encontrava bastante animado.

Gostava dos meus cunhados, principalmente de Eli-seu, com quem eu sentia grande afinidade por compartilharmos dos mesmos princípios ateístas e os mesmos gostos, o que normalmente nos rendia longos e promissores debates.

Jussara e Eliseu chegaram às vinte horas em ponto. Jussara logo se juntou à Patrícia e à Samara na cozinha. Eu, Eduardo e Eliseu nos acomodamos nos sofás da sala. Após alguns *drinks*, regados com boas risadas e meia hora de conversa fiada, Patrícia serviu o jantar: uma apetitosa lasanha de quatro queijos com molho branco.

— Uau, lasanha! Já vi que o meu regime vai para o espaço hoje. – brincou Eliseu, saboreando a generosa porção que Jussara lhe serviu.

— Que nada... – Patrícia retrucou, visivelmente encabulada pelo elogio. – Aposto que nestes tais congressos que você frequenta servem comidas muito melhores e mais elaboradas do que isto.

— Ledo engano, minha cara. – ele murmurou com a boca cheia, o que provocou risos em Dudu. – Nada se compara a isto. Hummmm! Vou passar o congresso inteiro sonhando com esta lasanha...

— Eu pensei que você fosse sonhar comigo! – Jussara protestou, dando-lhe um peteleco na cabeça.

— Ei, você não me deixou terminar. Vou sonhar com a lasanha da Patrícia, e com você... – e piscando o olho para Dudu, acrescentou – ... servindo-me várias porções gigantes dela, meu amor.

Essa última declaração rendeu-lhe um beliscão no braço, ao que todos riram.

E assim seguiu-se o jantar: animado e descontraído. Nem parecia que o mundo lá fora se encontrava no limiar de um dos períodos mais negros de sua história.

Era perto de meia-noite e meia quando as visitas foram embora, sob os protestos de Dudu. Ele queria, a todo custo, que os tios dormissem lá. E só se acalmou quando Eliseu explicou-lhe que precisava ir, pois teria de acordar cedo no dia seguinte para pegar o avião rumo ao Rio de Janeiro, prometendo, em seguida, que traria uma linda lembrança para o sobrinho quando retornasse do congresso.

Após eles partirem, colocamos as crianças na cama e,

enquanto lidávamos com a louça e a bagunça generalizada da cozinha, assistíamos ao *Jornal da Globo*.

Por causa do recente fechamento das fronteiras europeias e do avanço irrefreável do “Yama”, Patrícia e eu, assim como grande parte da população mundial, passamos a nos plugar, sempre que possível, nos meios de comunicação disponíveis, a fim de nos mantermos informados acerca dos progressos e fracassos da ciência na dura batalha contra o terrível vírus assassino.

De repente, uma notícia de última hora nos fez parar com tudo o que estávamos fazendo naquele instante para encararmos, estupefatos, o aparelho de TV, onde uma assustada apresentadora anunciava:

Atenção! Acabamos de receber a confirmação de que um homem de 45 anos acaba de ser internado, em estado gravíssimo, num hospital público de Bruxelas, na Bélgica, acometido pelos horríveis sintomas do “Yama”, o que configura o primeiro caso da doença na Europa!

Capítulo

IX

As notícias na manhã de quinta-feira eram ainda mais aterradoras.

Patrícia e eu lemos juntos a matéria do jornal local, que trazia estampada a foto de um homem com o rosto totalmente desfigurado e à beira da morte no leito isolado de um renomado hospital belga. Logo abaixo da assustadora imagem, vinha a notícia de que o pânico instalara-se na Europa durante a noite passada, ao ser confirmada a contaminação do referido sujeito pelo vírus "Yama". E a situação que já estava ruim, piorara drasticamente durante a madrugada, ao serem veiculadas informações de que outras 19 pessoas, em nove países europeus diferentes, também apresentavam os terríveis sintomas do vírus assassino. Destes países, a Inglaterra reportava cinco casos de contágio, a França quatro, a Alemanha três e a Lituânia dois casos, enquanto Portugal, Hungria, Noruega, Itália e Bulgária prestavam conta de um caso cada.

Pelo visto, o recente fechamento das fronteiras da União Europeia não impedira que o vírus asiático se alastrasse para os seus países membros.

Ainda estávamos lendo quando as crianças entraram na cozinha. Rapidamente escondemos o periódico e nos recompusemos, a fim de não deixar transparecer a elas a angústia que sentíamos. Nunca um café da manhã foi tão amargo como aquele. Pela primeira vez na vida, eu realmente senti medo do futuro. O olhar de Patrícia também deixava claro que com ela não era diferente.

O pior de tudo era termos de fingir para os nossos filhos que estava tudo bem, quando sabíamos que nada estava bem.

Percebendo que Patrícia estava nervosa demais para dirigir, me propus a deixar as crianças na escola antes de ir para o trabalho, ao que ela prontamente consentiu, agradecendo-me com um beijo e um "muito obrigado" sussurrado em meu ouvido.

Após largar as crianças, durante o restante do trajeto até o banco permaneci sem coragem de ligar o rádio do carro outra vez, receoso quanto ao que poderia escutar.

Cheguei atrasado e, por conta disso, só consegui estacionar a dois quarteirões de distância do meu local de trabalho, de modo que precisei retornar caminhando até o banco.

A uma quadra e meia da agência, cruzei com um sujeito esfarrapado, sujo e com os cabelos desgrenhados que berrava aos quatro ventos, para quem quisesse escutá-lo, uma espécie de pregação religiosa apocalíptica, da qual me vi forçado a escutar um trecho enquanto esperava o sinal fechar para atravessar a movimentada avenida.

— O reino dos homens está chegando ao fim... – gritava o mendigo-profeta. – ... pois despertou "Aquele" que o terror dos povos temia! "Aquele" que os sacerdotes antigos exorcizavam e que os feiticeiros do mal evocavam nas noites sombrias... "Aquele" que as Sagradas Escrituras previram que viria no "Fim dos Dias" para anunciar o "Tempo do Julgamento". Desgraçados de nós, pobres mortais! Ele chegou: a besta anunciada no Apocalipse; o enviado de Satanás e "Senhor da Morte". "Yama" é o seu nome... E a Morte, o seu cartão de visitas! Arrependei-vos dos vossos pecados enquanto é tempo, pois, em breve, será tarde demais...

O sinal fechou e eu me apressei em sair rapidamente dali.

No entanto, as sombrias palavras do inusitado pregador permaneceram ecoando em minha cabeça por muito tempo.



A tarde fora bastante movimentada na agência. E já estava próximo da hora de encerrarmos o expediente externo, quando recebi uma inesperada ligação de Patrícia.

Ela parecia apavorada no telefone.

— Miguel, por favor, apanhe as crianças na escola para mim e venham logo para casa. Estou muito nervosa. Não tenho condições de ir buscá-los. – a voz dela estava perceptivelmente afetada.

— O que foi querida? Aconteceu alguma coisa? – indaguei preocupado.

— Nada grave. Por telefone não. Em casa nos falamos. Apenas faça isso por mim, tudo bem? – ela pediu-me, ao que não tive alternativa senão concordar.

Saí um pouco antes da minha hora e andei a passos largos até o carro, passando novamente pelo “Profeta do *Armagedom*”, que permanecia firme, pregando o Fim do Mundo na mesma esquina onde o encontrara naquela manhã. Desta vez, para minha sorte, o sinal se encontrava fechado, de modo que eu não precisei submeter os meus ouvidos ao apocalíptico sermão do sujeito.

Cheguei à escola dez minutos antes de bater o último sinal. Como estava deveras intrigado por conta da ligação de Patrícia, não me contive e desci do carro, indo até o portão da escola, a fim de apressar Samara e Dudu assim que saíssem. Outros pais e mães também aguardavam os seus filhos ali. Eu me aproximei de um grupinho e, sem querer, acabei escutando uma parte da conversa entre duas senhoras, que me deixou bastante preocupado.

— A situação na Europa está ficando crítica. – dizia uma delas. – Antes de vir para cá eu ouvi que já são mais de 140 casos de “Yama” registrados no continente, espalhados por 18 países diferentes. Isso segundo as fontes oficiais. Vai saber quantos mais eles estão escondendo...

— Também ouvi. – falou a outra. – E a nível global, já estão falando em mais de 800 mil mortos!

Senti um calafrio ao escutar aquilo.

Procurando não chamar atenção das duas mulheres, logrei me aproximar ainda mais delas, no intuito escutar o resto da conversa.

— Pois é... — continuou a primeira. — Não bastasse isso e a grave crise política em andamento entre a Europa e a Ásia, agora o Presidente dos Estados Unidos também resolveu isolar o país para o resto do mundo. Desde hoje pela manhã, ninguém entra e ninguém sai da América.

— Como se isso pudesse impedir a maldita doença de chegar lá! Muita pretensão dos americanos em acharem que isolando as suas fronteiras ficarão imunes. Ninguém está a salvo do "Yama"! O pastor da minha igreja diz que é apenas uma questão de tempo para a doença chegar a todos os lugares, inclusive ao Brasil.

— Credo! Nem fale uma coisa dessas... — a segunda mulher benzeu-se.

Naquilo tocou o sinal. E as crianças começaram a sair ruidosamente do colégio, impedindo que eu escutasse o resto da conversa. O que não importava muito, uma vez que havia conseguido captar o bastante para terminar com a minha paz de espírito.

Pouco tempo depois, já com meus filhos no carro, ao passarmos por duas igrejas evangélicas, que ficavam no caminho entre a escola e a nossa casa, não pude deixar de notar a enorme aglomeração de pessoas em frente delas. Fato atípico para um dia de semana normal. Mas eu sabia que aquele não era um dia de semana "normal". Também estava ciente de que o medo era o combustível que as impelia a se reunir nos seus templos, orando pela descoberta de uma cura definitiva para a terrível doença que já dizimara milhares de vidas ao redor do globo e que comprometia tantas outras.

Aqueles homens e mulheres oravam por uma intervenção divina que eu, absorto em meu ateísmo religioso, tinha plena convicção que jamais ocorreria.

Capítulo



Ao chegarmos em casa, Patrícia nos esperava na janela. Outro fato bastante raro, mas que não me impressionou tanto quanto a maneira lúgubre como ela nos olhava. Entramos, a cumprimentamos normalmente e, assim que as crianças subiram para trocar de roupas, eu a interpelei:

— Você pode me dizer agora o que a está afligindo?

— Miguel, eu sei que você não acredita nisso e que vai ficar bravo com o que vou dizer... – ela afirmou hesitante, como se medisse as palavras. – mas estou certa de que tudo isso o que está acontecendo, essa nova gripe assassina e tudo o mais, é obra de Deus. Uma maneira d’ Ele nos alertar para a proximidade do Fim dos Tempos. Você pode achar uma bobagem, mas eu estou com tanto medo em relação ao nosso futuro, principalmente pelos nossos filhos, que gostaria de te pedir que fôssemos, *todos nós*, à Igreja Matriz, hoje à noite, para participarmos de uma corrente de orações em prol da descoberta de uma cura para o “Yama”.

— Ah não, Patrícia! Quando você me ligou à tarde, achei que era algo sério... – eu simplesmente desdenhei da proposta dela.

Abalada, ela caiu no sofá e desatou a chorar. No ato me arrependi da minha total falta de sensibilidade. Mas agora que a mancada fora dada, só o que me restava era tentar corrigi-la.

— Desculpa amor! – sentei ao lado dela e a abracei. – É que você sabe o quanto é difícil para mim esse negócio de religião.

— Miguel, eu não estou pedindo para você acreditar naquilo em que eu acredito. – ela declarou ressentida. – Só que me acompanhe, juntamente com as crianças. Pode até parecer exagero, mas desde a noite passada venho sentindo que uma desgraça muito grande está prestes a se abater sobre a nossa família. Não temo por mim, mas por você e pelos nossos filhos, que são os meus bens mais preciosos.

O choro aumentou novamente e eu a abracei ainda mais firme.

— Patrícia, ponha uma coisa na sua cabeça: nada de ruim vai acontecer conosco. Nem comigo, nem com você e tampouco com as crianças. Confie em mim.

Ela me encarou sorumbática.

— Eu não queria contar nada para não deixá-lo preocupado, mas durante a noite passada tive um pesadelo extremamente realista, em que me encontrava de luto, no velório de um de vocês. Mas como eu estava sozinha, e o caixão se encontrava lacrado por conta do perigo de contaminação pelo “Yama”, não pude ver quem o ocupava. Só sei que a dor que senti no sonho foi tão real, que até agora sinto calafrios ao lembrar.

— Foi apenas um sonho ruim, querida. Um pesadelo influenciado negativamente pelas últimas notícias que assistimos ontem sobre o tal vírus, o que é perfeitamente compreensível. Eu tenho certeza absoluta de que o “Yama” jamais chegará à América e muito menos ao Brasil. Antes de isso acontecer, os cientistas americanos e europeus encontrarão uma cura definitiva ou uma vacina eficaz capaz de contê-lo.

— Assim mesmo, eu quero ir à Igreja Matriz hoje à noite, Miguel. Por favor! Nem que seja apenas para me livrar dessa sensação funesta que tem me atormentado.

Ainda discutimos um bocado sobre a real necessidade do pedido dela, porém, no final, eu acabei cedendo. Concordei em levá-la à igreja naquela noite, mas desde que eu não precisasse entrar no templo. Combinamos então

que eu ficaria aguardando no carro, enquanto ela, Samara e Dudu participavam do culto e da posterior corrente de orações.



Jantamos mais cedo naquela noite e logo em seguida nos dirigimos para a igreja. Ao chegarmos, reparei que muitas outras pessoas haviam tido a mesma ideia, pois a escadaria estava repleta de fiéis inquietos, assim como a gigantesca nave do templo.

Conforme combinamos, Patrícia e as crianças entraram e eu fiquei aguardando no carro, curtindo um CD antigo dos *Titãs*, cujo som adorava. Em meio a uma música e outra, por inúmeras vezes flagrei-me refletindo sobre o inusitado pesadelo de minha esposa. E confesso que comecei a ficar apreensivo. Só então percebi que não estava, e que jamais estaria preparado para enfrentar uma situação grotesca como a sonhada por Patrícia.

A mera possibilidade, mesmo que remota, de perder qualquer membro de minha família me afligia. Tanto que imediatamente tratei de convencer-me de que nada de ruim iria acontecer a mim ou aos meus; de que o "Yama" jamais chegaria ao Brasil; de que, quando menos esperássemos, os infectologistas da OMS achariam uma cura definitiva e o tal vírus da morte seria erradicado para sempre.

Mas nada funcionou.

Nada seria capaz de aplacar a angústia que se apossara de meu coração.

Uma hora e pouco depois das atividades na igreja terem começado, na tentativa de acalmar o meu espírito, decidi entrar para buscar a minha família. A desculpa que usaria era a de que já estava tarde e que no dia seguinte eu tinha de levantar cedo.

Desci do carro e me dirigi para a escadaria. Porém, antes que colocasse os pés no primeiro degrau, as pessoas começaram a sair. Esperei por dez minutos, e como nem Patrícia nem as crianças apareceram, perdi a paciência e

decidi entrar no prédio atrás delas. Assim que adentrei na nave, as avistei próximas ao altar, junto a outras pessoas, conversando. De longe, Patrícia me pareceu um pouco mais tranquila e animada, o que me fez avaliar positivamente o sacrifício de levá-la até lá.

Aproximei-me do grupo, no intuito de juntar-me a eles.

Dudu foi o primeiro a me avistar, e prontamente correu para os meus braços.

— Oi filhão, tudo bem? – abracei-o forte.

E aquilo, não sei explicar o porquê, me acalmou os nervos.

— Agora não estou mais com medo. O padre disse que Jesus vai nos proteger da doença matadora! – o menino declarou confiante. – O senhor também acredita nisso, não é papai?

Fui pego desprevenido. E, intimidado pelos olhares das pessoas que rodeavam-nos, todos religiosos de carteirinha, limitei-me a concordar com ele.

— É claro que sim, Dudu. – menti descaradamente.

Neste exato instante, algo totalmente inesperado aconteceu, surpreendendo-nos a todos. Como que no vil intuito de desmentir-me publicamente, uma idosa senhora entrou correndo na igreja, aos berros:

— Liguem o rádio! Liguem o rádio! Estão dizendo que três mulheres morreram agora há pouco em Nova York, todas elas vítimas do “Yama”!

Capítulo

XI

Na sexta-feira, o comentário geral era sobre as três aeromoças americanas que haviam perecido em plena Nova York, acometidas pelo "Yama". As primeiras vítimas das Américas causaram espantoso rebuliço entre as autoridades competentes daquele país.

O governo dos Estados Unidos vira-se obrigado a decretar estado de alerta epidemiológico de grau máximo em todo o território americano. Todos os profissionais de saúde e as demais pessoas que tiveram qualquer tipo de contato com as três mulheres infectadas foram postos em quarentena, por tempo indeterminado, e o *Serviço de Inteligência para Epidemias* – criado pelo *Serviço de Saúde Pública dos EUA* nos anos 50 – fora acionado.

No momento eram monitorados 13 possíveis novos casos de transmissão da mortífera doença em território americano, cujos pacientes e familiares também se encontravam em regime de isolamento total.

Ao mesmo tempo havia rumores de que a *Organização Panamericana de Saúde* relatara casos de contaminação pelo vírus assassino em cidades do México, de Cuba e em outros cinco países da América Central. Alguns dentre os maiores especialistas no assunto até se atreviam a dizer que a crise já podia ser comparada, quantitativamente, à devastadora epidemia de Gripe Espanhola, que em 1918, causara a morte de cerca de 25 milhões de pessoas, ao redor do mundo, em questão de poucos meses. E não era nenhum exagero, afinal de contas os números de vítimas fatais do "Yama" apontavam, naquele momento, para a

impressionante cifra de dois milhões de mortos além de 14 milhões de infectados confirmados em todo o globo, em apenas uma semana desde que fora detectado pela primeira vez na sexta-feira anterior.

Em questão de dias, parecia que o "*Senhor da Morte*" invadira o mundo inteiro, trazendo dor e óbito para todos os que entravam em contato com ele. Os cientistas da OMS continuavam trabalhando, incansavelmente, na busca por uma cura definitiva ou pela descoberta de um composto químico-farmacológico que fosse capaz de, senão curar, ao menos atenuar os terríveis sintomas da nova gripe indiana, permitindo que alguns dos infectados sobrevivessem. Mas, para o seu desespero, nada funcionava...

E o "Yama" prosseguia, implacável, em seu curso assassino, ceifando as vidas de todos que o contraíam, sem exceções.



Enquanto eu cumpria a minha desgastante jornada diária no banco, Patrícia e as crianças, que deliberadamente haviam faltado à aula naquela manhã, se dirigiram para a igreja, onde pretendiam passar o dia, reforçando a vigorosa corrente de orações em prol de uma solução para a terrível crise global que agora assolava os seis continentes.

"Pura bobagem!" – eu pensava, em minha concepção ateísta. – "Rezar para algo que não existe não resolverá e nem atenuará o problema. Não obstante, a reunião de tanta gente junta em um ambiente fechado, respirando o mesmo ar, pode sim, trazer sérias consequências. Se algum dos presentes por infelicidade estiver infectado..."

Eu discuti com Patrícia sobre isso mais cedo naquela mesma manhã. Expus os meus pontos de vista. Alertei-a para os perigos de se frequentar reuniões como aquela e apelei para o grave risco a que ela estava expondo, de forma irresponsável, os nossos filhos. Tudo em vão. Contrapondo a férrea determinação de minha esposa, tudo o que eu dissera até então, não passara de uma infrutífera

tentativa de dissuadi-la de sua inabalável fé. E, contrariando-me abertamente, pegou as crianças e se encaminhou para a catedral.

Sem alternativa, limitei-me a acatar a sua decisão e me dirigi frustrado ao banco.

Durante todo o trajeto, por onde eu passava, a tensão podia ser sentida no ar. Era humanamente impossível de se ficar alheio às alarmantes notícias que chegavam às ruas a cada momento, trazendo verdadeiras enxurradas de más novas, acerca da pior pandemia da história, que nas últimas horas dava a nítida impressão de ter se alastrado para todos os lugares do planeta, fazendo milhares de novas vítimas a cada minuto.

No banco não foi diferente. Muitos funcionários haviam faltado ao trabalho e os poucos que compareceram só tinham assunto para comentar sobre a macabra crise epidemiológica que assolava o mundo. Estávamos todos atemorizados e preocupados. Não bastasse isso, sabíamos que teríamos de nos virar no serviço, cada qual fazendo o trabalho de dois ou três colegas ausentes, se quiséssemos dar conta do recado.

E assim foi... Mal as portas se abriram para o público, a agência ficou lotada de pessoas assustadas. A maioria delas tinha ido ao banco, decidida a sacar todas as suas economias, por prevenção. Os poucos pagamentos que recebemos durante o dia não deram conta do rombo financeiro. E, em poucas horas, o dinheiro do cofre evaporou. Para evitar uma justificável revolta daqueles que ainda não haviam conseguido sacar as suas economias, nos obrigamos a fechar as portas duas horas antes do término do expediente. Fato que somente ocorreu mediante o apoio logístico da Brigada Militar. E não sem uma violenta onda de protestos dos clientes que não conseguiram realizar as operações de retirada.

Alguns dos mais exaltados ameaçaram quebrar as vidraças do estabelecimento com pedaços de paus e pedras, e precisaram ser contidos à força, sendo que vários

foram presos. Para o final do expediente e durante todo o final da semana a segurança da agência foi reforçada. Eu e os demais funcionários tivemos de deixar o banco pela porta dos fundos e bem antes do que o normal. Confesso que, diante das atuais conjunturas, eu até que gostei disso. Senti um grande alívio quando finalmente consegui sair do caos da agência e me misturar ao atravancado e caótico trânsito do centro da cidade.

Estava ansioso para voltar para casa e para a minha família.

Somente algum tempo depois, através do rádio do carro, é que eu fiquei sabendo que aquele fato não havia sido isolado. Longe disso, tinha sido generalizado. Todos os bancos do país padeciam do mesmo mal. Se nenhuma atitude coerente fosse tomada pelas autoridades competentes, o sistema financeiro brasileiro inteiro sucumbiria, e, assim como já acontecia na maior parte do mundo, alertavam os locutores, a nossa economia também entraria em colapso.

Ao pensar sobre o problema e conjecturar a respeito das suas implicações, caso as previsões mais pessimistas se concretizassem, senti uma onda de medo e de aflição percorrer-me dos pés à cabeça. A nossa sociedade contemporânea não sobreviveria nem por uma semana sem uma economia estável por trás. Sem o maldito dinheiro, em pouco tempo, o comércio e a indústria cessariam suas atividades. Sem acesso aos bens de consumo essenciais, regressaríamos a algo parecido com a Idade da Pedra. E logo começaríamos a nos matar uns aos outros por comida, remédios e outros artigos de primeira necessidade. Era o caos batendo a nossa porta e pedindo para entrar.

Eu estava decidido a passar pela igreja para apanhar Patrícia e as crianças. Mas, durante o trajeto, de súbito resolvi mudar os meus planos – até hoje não sei o porquê – e tomei o caminho que levava à *Casa de Repouso Paraíso da Terceira Idade*.



— A dona Cláudia passou uma noite bastante agitada. — a enfermeira da clínica de repouso comentou, enquanto me levava ao quarto onde minha mãe estava. — Além de não dormir direito, teve uma hora em que ela começou a gritar desesperada. E se a minha colega não tivesse chegado a tempo, Dona Cláudia teria caído da cama, pois ela tentava se levantar sozinha a todo custo, alegando que precisava sair. A pobrezinha só se acalmou novamente depois que o Dr. Alfredo chegou e lhe aplicou um sedativo. Nós íamos lhe ligar mais tarde, caso o senhor não aparecesse.

— O que aconteceu para deixá-la tão agitada assim? — indaguei curioso, visto que normalmente “Dona Cláudia” era calma até demais.

— Na verdade, ninguém sabe, seu Miguel. Quando a colocamos na cama, ontem à noite, ela estava bem. Parecia calma e tranquila como sempre. Tudo começou de repente, em plena madrugada. Foi como se a coitadinha tivesse acordado subitamente de algum sonho ruim ou algo do tipo.

— E agora, como ela está? — eu quis saber antes de entrar no quarto.

— Está mais calma, mas ainda sob o efeito de tranquilizantes. O problema é que desde que acordou não disse uma palavra e não vem demonstrando reação para nada.

Entrando no quarto, logo avistei Dona Cláudia sentada em uma poltrona, com o olhar perdido no céu, através da janela aberta. Um fino cobertor tapava-lhe as pernas, ao mesmo tempo em que escondia as suas mãos.

— Dona Cláudia, olha quem chegou... O seu filho! — a enfermeira anunciou.

Nada. Nenhuma reação por parte da idosa.

A enfermeira nos deixou a sós. Eu sentei-me ao lado da acabrunhada senhora, ao que ela pareceu não perceber. Ou se percebeu, não demonstrou. Entristecido por ver aquela pessoa a quem tanto amava em tal situação, limitei-me a beijar-lhe a face.

— Oi mãe... — disse com as lágrimas insistindo em brotar nos olhos.

Pousei as mãos sobre as dela, por cima do cobertor, no intuito de lhe fazer um carinho. Foi então que aconteceu algo totalmente inesperado. E o que tinha tudo para ser mais uma simples visita de rotina, como tantas outras, transformou-se, de súbito, no maior susto da minha vida.

Sem nenhum aviso, a minha mãe virou-se brusca-mente para mim, olhando-me dentro dos olhos com uma expressão sombria, ao mesmo tempo em que se livrava do meu toque e apertava o meu braço com a sua mão enrugada e fraca, agora descoberta. Mas o que realmente me assombrou foi a estranha sentença proferida através da voz fina e trêmula:

— Você deve ser forte, meu filho! Pois “*ela*” se aproxima...

A minha primeira reação foi de recuar espantado. Fazia tanto tempo que eu não ouvia aquela voz, que ao fazê-lo senti o coração disparar. Por um instante achei que estava delirando. Mas o aperto em meu braço, e a dor que o mesmo provocava, não deixava margem para dúvidas, aquilo era real. Procurei me controlar ao tentar falar.

— Mãe, como é bom vê-la melhor e principalmente escutar novamente a sua voz!

Dona Cláudia ignorou o meu comentário e repetiu tensa aquilo que, mais tarde, se revelaria como uma profética previsão do futuro.

— “*Ela*” está vindo, Miguel! Nada e nem ninguém poderá impedi-la de cumprir o seu propósito, de modo que você precisará ser forte...

— Precisarei ser forte para o quê? – perguntei atônito.

— Para aceitar os desígnios de Deus... Quando “*ela*” os fizer cumprir!

— Mãe, do que a senhora está falando? – interpelei-a, procurando compreender o que ela dizia. – Quem se aproxima?

Eu só não esperava que a resposta pudesse ser tão perturbadora.

— A *Morte*, meu filho... “*Ela*” está chegando!

E tão abruptamente como quando me agarrou o braço, Dona Cláudia soltou-me. Ato contínuo, ela virou-se na poltrona, retomando a posição original, de frente para a janela. Estremeceu e literalmente apagou nos meus braços.



Ainda perturbado com a inusitada conversa que acabara de ter com minha mãe, interrompida tão bruscamente como começara, transferi gentilmente Dona Cláudia para a cama. Feito isso, limitei-me a observá-la por algum tempo, totalmente imerso em uma torrente de inquietantes e confusos pensamentos.

“A *morte* está chegando” – eu conjecturava. – “O que será que ela quis dizer com isso? Quem ela acha que vai morrer?”.

Foi quando me lembrei da outra parte, aquela que se referia a que eu deveria ser forte e, juntando isso ao peso do que a agitara na noite anterior, concluí que só podia significar uma coisa... O que me entristeceu ainda mais.

A minha mãezinha querida, o ser iluminado que me concebera à vida, estivera tentando me alertar, ou melhor, preparar-me psicologicamente para aceitar a sua morte?

Eu intuí que sim e que o fatídico evento, conforme a própria Dona Cláudia devia ter previsto naquela madrugada, aconteceria em breve.

“A *Morte* está chegando...” – ela dissera.

Arrasado e assustado, beijei-a mais uma vez e deixei o quarto. Precisava ir a um lugar sossegado para colocar as ideias em ordem. Pensar direito sobre o que acabara de acontecer. Contudo, tive a intenção frustrada assim que botei os pés fora da porta.

Na sala comum da clínica, estavam todos reunidos diante de um monitor de LCD que fazia às vezes de televisão para os internos e os funcionários do local. Estavam tão concentrados no aparelho que ninguém percebeu a minha aproximação.

— Minha Nossa Senhora! – escutei alguém comentar com voz angustiada e cheia de terror.

Aproximei-me mais, logrando espiar por cima dos ombros de uma enfermeira baixinha. E só então compreendi a razão de tamanha aflição:

Naquele exato momento, era noticiado o primeiro caso de “Yama” no Brasil!

Capítulo

XIII

Após a comprovação oficial do primeiro caso de contaminação pelo "Yama" em solo brasileiro, outros possíveis infectados começaram a surgir em diversos estados da federação, a grande maioria apresentando os terríveis sintomas iniciais da gripe assassina.

No dia seguinte, as notícias eram ainda piores: a doença se espalhou para todos os lugares. Não havia mais um só país que não registrasse focos de "Yama". As vítimas fatais do "Senhor da Morte" já haviam atingido o patamar de sete milhões ao redor do mundo, e os infectados somavam agora mais de 30 milhões.

No Brasil, dez estados reportavam casos suspeitos, sendo que em outros quatro era comprovada a infecção pelo vírus letal. Nunca na história um vírus se espalhou com tanta rapidez.

E então noticiou-se o primeiro óbito no país. Um rapaz de 25 anos de idade que acabara de retornar de uma viagem de intercâmbio estudantil no exterior e que faleceu durante a noite, no Distrito Federal.

O final de semana foi regido pelo desespero de milhões de pessoas apavoradas e que não sabiam como se defender da letífera doença que a ninguém poupava. As ruas e avenidas das grandes regiões metropolitanas, assim como as das pequenas cidades, ficaram completamente desertas, com ressalvas para as igrejas, sinagogas e templos das mais diversas religiões que permaneciam lotados o tempo todo. Era como se um consenso coletivo tivesse ordenado para que a população inteira se trancasse em

casa ou se refugiasse nos locais de oração, com suas respectivas famílias. Como se isso, por si só, pudesse protegê-las ou eximí-las do terrível destino a que em breve estariam condenadas...

Contra a minha vontade, Patrícia e as crianças também resolveram passar uma boa parte da tarde de sábado na igreja, reforçando a permanente corrente de orações em prol da descoberta de uma cura para o denominado *Mal do Milênio*.

No tempo em que fiquei sozinho em casa, eu pude refletir com calma sobre o que estava acontecendo. E a conclusão a que cheguei, após horas e horas de reflexão, não foi nada animadora. Concluí por fim que o “Yama” era real, que a morte era real. E o que para mim parecia completamente impossível apenas alguns dias atrás, se tornava realidade palpável naquele momento: que ambos, o “Yama” e a “Morte”, nos haviam indiretamente alcançado. Ambos batiam agora à nossa porta, esperando apenas pela oportunidade certa para invadir o nosso lar – que eu até então julgava impenetrável – e destruir as vidas daqueles que eu mais amava. Era o que mais me provocava medo.

Eu não me preocupava tanto comigo mesmo, como me afligia pelos entes queridos da minha família. Por mais que tentasse afastar aqueles pensamentos macabros, eu não conseguia parar de imaginar sobre como reagiria caso Patrícia ou algum dos nossos filhos fosse, por desventura, contaminado.

Lembrei-me então da sinistra profecia de Dona Cláudia. E senti um calafrio.

Quando percebi, nem mesmo a minha condição de ateu convicto me impediu de cair de joelhos. E me pus a rezar sobre o tapete da sala – para quem ou para o que, eu não faço a menor ideia –, implorando para que nada de ruim acontecesse conosco; para que algum antídoto ou vacina eficaz fossem descobertos logo, em tempo de impedir o avanço do “Yama” e, conseqüentemente, a desgraça de se abater sobre nós.

Mal sabia eu que seria em vão. Que nada daquilo surtiria efeito.

E que, na verdade, o meu "Apocalipse" particular estava apenas começando...



O nosso domingo só não foi pior, porque recebemos a visita de Jussara. Era umas 8 horas da noite, quando ela chegou com uma pequena valise de viagem a tiracolo.

— Eu estou apavorada com tudo isso que está acontecendo. — declarou. — Tenho medo de ficar sozinha em casa. Como Eliseu está no Rio de Janeiro e só volta amanhã, vocês se importariam se eu passasse a noite aqui?

Patrícia e eu prontamente concordamos, para a alegria de Eduardo e Samara. Os dois adoravam a divertida companhia da tia. Em poucos minutos, as três mulheres já se entretinham na cozinha, preparando o jantar, enquanto Dudu e eu assistíamos a um DVD de desenho animado na sala.

Eu topei assistir ao vídeo, pois não estava em condições psicológicas para escutar novas notícias sobre morte e dor. Naquela noite eu queria distância de tudo o que se relacionasse com o "Yama".

Jantamos, conversamos um pouco sobre amenidades gerais do nosso dia a dia – evitando tudo o que se referisse ao vírus assassino – e fomos dormir.



Acordei no meio da noite, com a nítida impressão de ouvir um celular tocando. O relógio de cabeceira marcava 4h30min da manhã. Concluí que tinha sido apenas um sonho e virei para o outro lado, pronto para dormir novamente. Então escutei de novo o som de celular tocando. Apurei os ouvidos e constatei que vinha do quarto ao lado, onde Jussara descansava. Ouvi quando ela atendeu e concluí que deveria ser Eliseu.

O que eu não imaginava era que, minutos depois, Patrícia e eu teríamos o nosso descanso interrompido por meia dúzia de batidas na porta.

Patrícia acordou assustada. E correu para atender, dando de cara com a irmã, aos prantos, com o celular ainda na mão. Jussara tremia.

— Ju? – Patrícia indagou preocupada. — O que aconteceu querida? Por que você está chorando?

— É o Eliseu... – a outra mal conseguia falar, o desespero estampado nos olhos vermelhos pelo choro.

Um alarme soou em meu cérebro. Levantei e me juntei às mulheres, na porta do quarto.

— Eliseu? O que tem ele? – Patrícia interpelou, abraçando a desconsolada irmã e puxando-a para dentro do quarto.

Jussara precisou de um bom tempo para se recompor. Esforçou-se para conter o choro. Respirou fundo, tentando juntar forças. Então, parcialmente refeita, disparou em meio às lágrimas:

— Ele acaba de ser internado em um hospital do Rio de Janeiro, juntamente com diversos outros participantes do Congresso Veterinário, após apresentar os sintomas de uma forte gripe. Os médicos estão suspeitando que eles estejam com “Yama”!



Quatro horas depois, atendendo a um pedido explícito de Patrícia e após ligar para o RH do banco e solicitar uma semana de licença, eu embarcava juntamente com Jussara em um voo comercial, cujo destino final era a capital do Rio de Janeiro.

Capítulo

XIII

A manhã de segunda-feira chegava ao fim, quando chegamos ao hospital. Ainda vigorava o horário de visitas, de modo que nós não tivemos maiores problemas para acessar as dependências internas do prédio. No entanto, assim que atingimos o andar em que Eliseu se encontrava internado, fomos barrados por uma enfermeira-chefe um tanto mal-humorada. Ao sermos indagados pela carrancuda mulher sobre quem procurávamos, Jussara se antecipou e se identificou como a esposa de Eliseu.

— O seu marido está em isolamento total. As visitas estão proibidas.

— A senhora pode nos informar qual é o estado dele? – interpelei.

A mulher, ainda mais mal-humorada, verificou no computador.

— Aqui diz que o estado dele é grave. Mais informações só falando com o médico que está cuidando do caso. Jussara perdeu a compostura e desatou a chorar.

— Podemos ter uma palavra com ele, com o médico? – eu pedi.

— No momento o Dr. Fernando está ocupado. Mas, se vocês quiserem aguardar na sala de espera ao final do corredor, tentarei entrar em contato com ele. Assim que puder, peço a ele para procurá-los lá.

Agradei. E amparando a minha desconsolada cunhada, a conduzi até a sala de espera apontada pela carrancuda enfermeira.

— Calma Jussara, tudo vai dar certo... – tentei consolá-la.

Todavia, o meu gesto surtiu o efeito inverso e serviu apenas para aumentar o seu desespero.

— E-eu estou com um mau pressentimento, Miguel. — Jussara soluçava enquanto cuspiava as palavras.

Embora eu próprio não acreditasse no que estava prestes a dizer, deixei-me levar pelas palavras de otimismo que me vieram à mente, na vã tentativa de consolá-la.

— Não diga isso. Eliseu é forte e vai conseguir sair dessa. Você vai ver só. É nessa hora que a esperança deve prevalecer. E, além disso, nós precisamos ter fé em Deus!

“Eu falando de fé em Deus? A que ponto chegamos!” — pensei comigo mesmo.

Contudo, nada do que eu fizesse ou dissesse conseguiria ser capaz de tranquilizar a pobre mulher. No fundo, acho que ela já sabia.

Uma hora e meia depois, quando eu já estava disposto a retornar até o posto de enfermagem e exigir a imediata presença do médico, um homem de meia-idade, com a barba por fazer e de jaleco branco adentrou a sala de espera.

— Boa tarde! — cumprimentou-nos o médico. — Vocês são parentes do Sr. Eliseu Soares da Silva?

Assenti com um movimento de cabeça.

— Dr. Fernando, sou o médico responsável pelo caso. — ele se apresentou.

— Como está o meu marido doutor? — Jussara levantou-se de imediato.

— Infelizmente eu não tenho boas notícias. O Sr. Eliseu baixou com um quadro sintomático que diagnosticamos, a princípio, como uma forte gripe comum, mas que se agravou bastante nas horas subsequentes. No momento ele se encontra sedado e sob observação. Não temos certeza ainda, todavia tudo nos induz a crer que se trata do tal vírus indiano. Solicitei uma bateria de exames que ficarão prontos no decorrer do dia e então teremos a confirmação ou não das nossas suspeitas. Por conta disso, e como forma de prevenção, até lá continuaremos mantendo-o em isolamento total.

— Oh não! – Jussara começou a chorar novamente, desabando no sofá.

— Qual é o estado do meu cunhado agora, doutor? – indaguei, puxando o sujeito pelo braço até um ponto mais afastado da sala de espera, onde a desesperada mulher não pudesse escutar. – O estado real, sem enrolação. Por favor, seja sincero comigo.

— Antes de qualquer coisa, quero deixar bem claro que estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance pelo seu cunhado, senhor. No momento, ele está sedado e sob observação constante, como já disse. Mas o seu quadro, assim como o de todos os demais infectados, vem regredindo a cada hora que passa. Os pulmões do Sr. Eliseu já apresentam sinais de estresse e em breve será necessário entubá-lo para que continue respirando, também há sinais de taquicardia aliada a um preocupante aumento da pressão arterial, de mau funcionamento dos rins e de uma leve hemorragia interna que foi detectada durante a madrugada.

“Já que o senhor me pediu, eu vou ser sincero: se o estado clínico do seu cunhado continuar piorando nesse ritmo, logo não haverá mais nada a ser feito. A qualquer instante as funções vitais do Sr. Eliseu podem entrar em colapso. Pelo que sabemos, até agora todos os infectados pelo tal “Yama” tiveram morte cerebral decretada em no máximo quatro ou cinco dias depois de apresentarem os sintomas iniciais. Sinto muito, mas devo aconselhá-los a não alimentarem muitas esperanças. Pelo contrário, vocês devem se preparar para o pior. Agora, se me derem licença, preciso voltar aos meus afazeres”.

Dizendo isso, o abatido médico se despediu, deixando-nos a sós.

A sós... Com a nossa dor e o nosso desespero.



Passamos o resto da tarde, e a noite inteira, mal acomodados na sala de espera do hospital. Já era alta madrugada, quando Jussara finalmente se rendeu ao sono.

Eu, no entanto, estava tão preocupado com o que o médico me dissera que não fui capaz de pregar os olhos por um minuto sequer. Limitei-me a velar o descanso da minha abalada cunhada. De repente, senti uma devastadora pena dela, antecipando a tragédia que se prenunciava.

Involuntariamente pensei em Patrícia e nas crianças. Em qual seria a sua reação se os maus augúrios do Dr. Fernando se concretizassem e Eliseu morresse. Então eu me coloquei na posição de Jussara, imaginando os meus entes queridos no lugar de Eliseu. Um calafrio percorreu-me a alma. Só de cogitar essa possibilidade, senti um súbito mal-estar, que só se amansou quando me escorei na janela aberta, recebendo a brisa fresca da noite no rosto.

Parcialmente recuperado, andei até o bebedouro e me servi de um copo de água gelada.

Procurando afastar da mente o pior, logrei distrair-me com o agitado movimento dos corredores do hospital. O vai e vem frenético de médicos, enfermeiras, auxiliares e pacientes até que funcionou como fonte de distração por um tempo, mas acabou se tornando cansativo após algumas horas e, ao invés de me distrair, passou a irritar-me.

Retornei para a janela aberta e para a brisa gelada.

E, dessa forma, revezando-me entre a janela e os sofás da sala de espera, a noite prosseguiu em seu curso natural.

As horas transcorriam lentamente. Os ponteiros do relógio pareciam congelados. Era como se o próprio tempo conspirasse contra nós. E quase não acreditei quando vi os primeiros raios do Sol penetrarem pela abertura. Junto com eles senti o alento da renovação que normalmente acompanha o desabrochar de um novo dia.

Contudo a minha fortuna durou pouco. Pois, com a claridade e o calor, chegou a triste notícia. Dr. Fernando, o médico que estava cuidando de Eliseu, entrou na sala e veio em minha direção, assim que me localizou.

Reparei nas profundas olheiras que ele ostentava. E, pela expressão de pesar e de derrota em seu rosto, logo deduzi que as notícias não eram nada boas.

— Bom dia! – cumprimentou-me baixinho, para não acordar Jussara.

— Bom dia! Então, doutor? Como está o Eliseu? – indaguei-lhe no mesmo tom.

Embora já soubesse a resposta, eu não era capaz de me desfazer da esperança de que pudesse estar enganado...

Dr. Fernando me encarou por um instante, que me pareceu eterno. E, finalmente reunindo coragem, transmitiu-me a funesta notícia.

— Eu sinto muito, mas o senhor Eliseu não resistiu. Há aproximadamente uma hora atrás ele teve uma parada cardio-respiratória fulminante. Levando-se em conta as circunstâncias da enfermidade dele, nós fizemos tudo o que se encontrava ao nosso alcance na tentativa de reverter o quadro, porém não conseguimos reanimá-lo. Eu lamento muito...



O enterro de Eliseu foi pontuado pela dor, em uma cerimônia bastante simples e discreta. Devido aos altos riscos de contágio, o corpo teve de ser velado em um caixão lacrado, o que só serviu para aumentar o desespero de Jussara, assim como o nosso e dos demais familiares. A desconso-lada viúva não arredou o pé do lado do esquife do marido, chorando sobre ele o tempo todo. Por duas vezes, Patrícia e eu tivemos que acudi-la para que não desmaiasse.

Além dela, da nossa família e de três ou quatro parentes do morto, muito poucas pessoas compareceram à cerimônia de despedida. Não que Eliseu não fosse querido ou que ele não tivesse amigos. Pelo contrário, o veterinário era muito bem querido em todos os meios que frequentava. Todos os que o conheciam o admiravam e gostavam dele. O grande responsável pela ausência das pessoas de suas relações interpessoais, tanto no velório como no cortejo fúnebre que culminou em seu sepultamento, foi o medo. O maldito medo. Medo de contrair o "Yama". Medo da doença. Medo da morte.

Um medo plenamente justificável, ante os 12 milhões de mortos e mais de 100 milhões de infectados ao redor do mundo. Milhares dos quais só no Brasil, segundo as últimas estatísticas divulgadas pela OMS.

Um medo plenamente justificável, ante ao fato de que até mesmo os mais céticos já começavam a crer na dura realidade de que o tempo da raça humana sobre a face da Terra estava se findando.

Em outras palavras, ninguém mais ousava duvidar de que o verdadeiro "*FINAL DOS TEMPOS*" fatidicamente havia chegado!

Capítulo

XIV

Na quinta-feira, um dia após o doloroso enterro de Eli-seu, enquanto assistíamos à televisão e almoçávamos, fomos surpreendidos com a tão almejada notícia.

Os cientistas e infectologistas da OMS, em conjunto com alguns dos melhores geneticistas americanos e europeus, finalmente haviam conseguido decifrar o *DNA* do "Yama". De acordo com o assessor de imprensa da OMS responsável por divulgar a boa nova, graças a isso, em breve tornar-se-ia possível a fabricação de um antídoto. Uma vacina eficaz contra o terrível vírus assassino.

Assim que processamos as informações em nossos cérebros e compreendemos as suas implicações, fomos incapazes de nos conter. Saltamos das cadeiras, gritamos e comemoramos, nos abraçamos uns aos outros e choramos de alegria e de alívio.

— Até que enfim, uma boa notícia! — exclamei com Dudu nos braços.

O menino, apesar de não entender direito o acontecia conosco, fazia-se parceiro nas comemorações. Gritava e vibrava como os adultos.

— Oh! Finalmente as nossas orações foram atendidas! Obrigado, Senhor Deus! — Patrícia rejubilou-se com os olhos umedecidos pela emoção.

"Deus..." — eu pensei comigo mesmo. — "Deus nada tem a ver com isso. Foram os nossos cientistas humanos que protagonizaram o milagre da salvação. Foi a moderna ciência dos homens que descobriu o caminho para a cura, e não Deus!".

Mas, em respeito à Patrícia, abster-me de fazer qualquer menção ao assunto.

E então Samara, com um simples e inocente comentário, nos trouxe de volta à dura realidade, fazendo-nos perceber o quanto estávamos sendo egoístas.

— É uma pena que isso não tenha acontecido antes. Caso contrário, o tio Eliseu e tantos outros também poderiam estar vivos agora.

Imediatamente lembrei-me de Jussara – que logo após o enterro do marido fora arrastada pelos meus sogros para a casa deles – e dos milhões de seres humanos que haviam perdido os seus entes queridos naquelas quase duas semanas nefastas para nossa história como humanidade. A perda que haviam sofrido jamais seria aplacada. Assim como a dor em seus corações jamais cicatrizaria.

De repente, passei a sentir um misto de compaixão e raiva.

Compaixão por todos aqueles que tiveram as pessoas que amavam arrancadas de seu convívio pelo mortífero vírus assassino. E raiva, muita raiva, da Energia Cósmica denominada “Deus”, por ter permitido que tamanha desgraça e injustiça se abatessem sobre os seus filhos, sem mover uma palha sequer para ajudá-los.

Ah, como me arrependo disso!

Arrependo-me com todas as minhas forças, pois somente muito tempo depois é que eu tomaria consciência da verdade. Do quanto estivera errado nesse meu modo de pensar. Somente muito tempo mais tarde é que eu entenderia que Deus sempre esteve presente. E que tudo aquilo fazia parte do seu humanamente incompreensível, mas divinamente perfeito “Plano da Evolução”.



A notícia rapidamente se alastrou para os quatro cantos do globo. As pessoas de todas as partes comemoraram aliviadas. Os templos, igrejas e sinagogas lotaram com seus fiéis, que se dirigiam a eles no intuito de agradecer

pela graça alcançada. As ruas das grandes metrópoles se encheram de vida novamente. Todos se compraziam com a boa-nova, acreditando que aquele prodígio, em síntese, preconizava o fim do período mais negro de toda a história humana. Ninguém mais falava em *Ira Divina, Castigo de Deus, Fim do Mundo, Apocalipse* ou *Armagedom*.

Nem mesmo o significativo aumento de vítimas fatais da nova gripe indiana, que agora já ultrapassava a funesta cifra de 117 milhões de mortos e mais de meio bilhão de infectados ao redor do mundo, conseguia arrefecer os ânimos das comemorações.

Todos acreditavam piamente que em breve, numa questão de uns poucos dias, o escatológico drama do "*Senhor da Morte*" se acabaria. E a vida, aos poucos, retomaria o seu curso natural.

Patrícia e as crianças, contrariando a minha vontade mais uma vez, seguiram a maré e passaram a tarde inteira na Igreja Matriz, reforçando a corrente de orações em agradecimento pela salvação da humanidade.

Eu, por minha vez, resolvi descansar durante a tarde toda, aproveitando o alívio proporcionado pela boa notícia, aliado ao fato de que me encontrava sozinho em casa, para recuperar o sono atrasado dos últimos dias.

Assim que me vi só, estiquei-me no sofá da sala e, em pouco tempo, apaguei.

Foi quando tive o pesadelo mais aterrador da minha vida, até então.

De repente, uma intensa luz azulada banhou-me o rosto, forçando-me abrir os olhos. E qual não foi o meu espanto, ao deparar com um fantasmagórico espectro negro flutuando acima de mim, rente ao teto, encarando-me com olhos vermelhos e esbugalhados, incrustados em uma horripilante face cadavérica, com dentes afiados e protuberantes. O vulto encontrava-se coberto, dos pés à cabeça, por um manto negro com capuz e nas mãos, igualmente esqueléticas, ostentava, para meu terror e estarecimento, uma enorme foice de lâmina prateada afiadíssima.

No ato eu soube de quem se tratava. A Morte sorriu maquiavelmente para mim. Estremeci. Com o coração disparado, e em total aflição, tentei me mexer. Queria saltar para fora do sofá e correr. Queria fugir. Queria gritar. Queria fechar os olhos novamente. Queria cobrir a cabeça com uma almofada. Queria desesperadamente acordar. Foi tudo em vão.

O medo e o pavor haviam congelado os meus membros e o meu cérebro, assim como os meus lábios. Não fui capaz de mover um único músculo sequer. E então ela, a Morte em pessoa, se aproximou até quase me tocar com o seu fétido hálito de cadáver e me anunciou em sua hedionda voz: “Não se iluda, porque não acabou, meu caro... Muitas vidas ainda serão ceifadas antes do verdadeiro fim! Esteja preparado para me receber, caro Miguel, pois muito em breve visitarei a sua casa...”. Dito isso, o horripilante espectro negro retrocedeu. Ergueu a assustadora foice; e a desceu com toda a força em minha direção.

O grito que explodiu da minha garganta foi tão assustador que instantaneamente me despertou do terrível pesadelo. Sentei-me no sofá, em estado de choque. Estava completamente molhado de suor, com o coração descompassado, zozzo e tremendo da cabeça aos pés. Fiquei um bom tempo assim, sem conseguir me mover, apenas refletindo acerca do tenebroso pesadelo que acabara de ter.

Depois de meia hora de letargia absoluta, finalmente concluí que tudo aquilo não passara de um mero subproduto do estresse, ao qual todos nós estivemos submetidos naqueles últimos dias. E decidi não dar uma maior importância ao fato. Mas o certo é que jamais conseguiria esquecer daquele medonho pesadelo. Pelo resto dos meus dias, eu lembraria das tétricas palavras que a funesta *Dama da Foice* me dirigira em sonho naquela tarde.

Contudo, naquele momento, eu jamais poderia ter sido capaz de imaginar que o mencionado pesadelo, por si, ganharia tanto significado e força nos dias vindouros, quando acabaria por revelar-se uma profética antevisão do futuro.

Capítulo

XV

A noite chegou. E, com ela, Patrícia e as crianças retornaram. Para comemorar a descoberta de uma possível cura para a avassaladora “Peste Negra do Século XXI”, resolvemos jantar fora, no restaurante italiano de um amigo meu que ficava a poucas quadras de onde morávamos.

Durante o rodízio de massas nós rimos e conversamos, comemos e bebemos. Divertimos-nos bastante e o ambiente estava tão leve que eu já nem me lembrava mais do terrível pesadelo que abreviara o meu descanso naquela tarde. Melhor assim. Pois antes de sair de casa, havia decidido nada comentar sobre ele com Patrícia ou com os meus filhos. A noite era de comemoração e alegria e eu não pretendia estragar tudo levando a sério um sonho idiota e sem sentido.

Pelo menos era assim que eu o considerava.

O restaurante estava lotado, como há muitos dias não acontecia. Todos queriam comemorar com suas famílias. Desde aquela tarde, ninguém mais se preocupava com o “Yama”. O risco de contágio que antes os impedia até mesmo de colocar os narizes para fora de suas casas, agora era coisa do passado. O momento atual era de júbilo e de regozijo.

Tudo parecia perfeito. Perfeito demais...

Perfeito até que, num dado instante, e sem nenhum aviso prévio, a programação transmitida pelos cinco aparelhos de TV espalhados pelo restaurante foi subitamente substituída por uma chamada urgente em rede nacional.

De repente, o único som que se ouvia era o do silêncio. Ninguém mais respirava dentro do restaurante. Todos os olhares e ouvidos voltaram-se cheios de expectativa para os aparelhos.

Foi neste exato momento que o meu agourento pesadelo daquela tarde, já quase completamente esquecido, retornou com toda a força. E, de uma hora para a outra, as palavras do espectro da foice começaram a fazer sentido.

Interrompemos a nossa programação para transmitir um pronunciamento da equipe responsável por quebrar o DNA do vírus “Yama”, que neste exato momento se prepara para falar ao vivo de Berna, na Suíça.

A âncora do telejornal local anunciou, chamando em seguida, o correspondente internacional daquela emissora que estava encarregado de acompanhar tudo de perto, direto da Suíça. A imagem da bela mulher logo cedeu lugar para um sujeito alto, bem apessoado e todo engomado.

Boa noite, Fátima! O mundo está ansioso para ouvir este pronunciamento. A expectativa e a esperança de bilhões de pessoas dependem do que será anunciado aqui nesta noite. Neste momento, o porta-voz oficial da OMS dirige-se à tribuna de onde irá pronunciar-se para o mundo. Nós vamos acompanhar, ao vivo, o esperado pronunciamento...

A imagem girou até focalizar um homem baixinho e sisudo, que se postou sério e compenetrado na frente de um verdadeiro exército de microfones e gravadores. Não gostei da expressão no rosto dele e no ato intuí que algo estava errado. Mas antes que eu pudesse conjecturar a respeito, o sujeito começou a falar, com tradução simultânea para diversos idiomas.

O dia de hoje será um marco para nunca mais ser esquecido. Há poucas horas anunciamos ao mundo que finalmente havíamos conseguido quebrar e decifrar as complexas cadeias de DNA do vírus causador daquilo a que os especialistas já denominam a pior pandemia viral da história humana. Uma simples gripe comum que inexplica-

velmente evoluiu para um novo e indestrutível vírus, letal a cem por cento dos que o contraem. Esse vírus passou a ser, por muitos, conhecido como “O Senhor da Morte” ou simplesmente “Yama”.

Desde que foi detectado pela primeira vez, há cerca de duas semanas atrás, nas colinas da Índia, a nossa equipe vem trabalhando incansavelmente na busca por um antídoto ou uma vacina capaz de, ao menos, deter o avanço dessa terrível doença. Mas para que consigamos alcançar o nosso objetivo, em curto prazo, precisamos de uma razoável quantidade de um tipo muitíssimo raro de sangue humano. Sangue este que descobrimos possuir, em sua composição primária, certas particularidades morfológicas bastante específicas e incomuns, e que identificamos apenas em algumas pessoas especiais, em geral, que se conservam organicamente puras. Ou seja, pessoas que não tenham sido expostas, em nenhum momento, ao composto viral propriamente dito, assim como a nenhum outro agente contaminador externo como agrotóxicos, cigarros, álcool e drogas.

Após extenuante pesquisa, descobrimos que ao isolarmos algumas das propriedades genéticas dos leucócitos existentes nesse “sangue puro”, que apelidamos de “Sangue de Adão”, e cruzando-as com o DNA do próprio vírus, manipulado por processos químicos e radioativos, somos capazes de desenvolver um antídoto realmente eficaz contra o “Yama”. Mas esbarramos no problema de que esse tipo de sangue, como foi dito antes, é extremamente raro e difícil de ser encontrado; além de que, para ser identificado com precisão e segurança, precisa passar por um complexo processo de análise laboratorial. Complexo e demorado.

Por isso, e pela urgência que a situação requer, solicitamos a todos, sem exceção, homens, mulheres e crianças saudáveis e organicamente limpos que se dirijam aos postos de coleta mais próximos e doem amostras do seu sangue, a fim de que sejam analisadas e, se aprovadas, empregadas na fabricação do mencionado antídoto. Cabe-me salientar ainda que apenas uma única gota do referido “Sangue de Adão”, quando seu estado puro e depois de devidamente manipulada com o DNA original do vírus “Yama”,

possui a capacidade de salvar milhares de vidas. Com base nisso, equipes médicas de todos os países do globo já estão sendo mobilizadas e instruídas sobre como proceder para o sucesso dessa megaoperação global.

Contudo, o nosso sucesso depende de quanto “Sangue de Adão” seremos capazes de encontrar. Você pode ser um portador, ainda que não o saiba. Ou alguém da sua família. Portanto, solicitamos a todos que se dirijam, sem perda de tempo, até o posto de coleta mais próximo. Contamos com o apoio de todos nesta campanha. Se cada um fizer a sua parte, acreditamos que conseguiremos vencer esta guerra. Pois é disso mesmo que se trata: uma verdadeira guerra pela sobrevivência da nossa espécie. Não se esqueçam de que a luta contra o “Yama” ainda não acabou. E que, enquanto nós não formos capazes de produzir um antídoto eficaz em larga escala, continuaremos correndo risco de extinção...

O discurso ainda prosseguiu por mais alguns minutos, resumindo-se a um apelo mundial para que as pessoas de todos os continentes doassem amostras de sangue a fim de que fossem imediatamente analisadas e, se aprovadas, utilizadas na fabricação do tão esperado antídoto.

Estupefato com o teor do discurso, e novamente assombrado pela lembrança do pesadelo daquela tarde, eu resolvi que já era hora de voltarmos para casa.

No caminho, Patrícia manifestou a vontade de doar sangue no dia seguinte, no que foi rapidamente seguida por Samara. Até Dudu empolgou-se e disse que também queria participar da campanha. Só voltou atrás quando eu lhe disse que para ele doar sangue, os médicos enfiariam uma agulha no seu braço.

— Você também deve fazer os exames, pai. — Samara intimou-me, concluindo em meio a um sorriso. — Está decidido... Amanhã cedo iremos todos juntos fazer a nossa parte!

— Ei, pessoal, vamos com calma aí! — eu argumentei, usando de bom senso. — A coisa não é bem assim... Não

vamos nos precipitar. Eu sugiro que esperemos alguns dias e se depois disso ainda for necessário, então faremos os tais exames.

Fui tão categórico e persistente em minha posição que no final, após uma longa discussão, todos acabaram concordando comigo.



Capítulo

XVI

Durante as 48 horas seguintes, as pessoas começaram a se dirigir aos os inúmeros postos de coleta de sangue espalhados pelas cidades do mundo todo.

Ainda na sexta-feira, exatas duas semanas após o início da crise, como a oferta de sangue estava muito maior do que a demanda de locais para coleta, novas frentes foram abertas pelas forças armadas nas praças e nos parques públicos, em campos de futebol, em escolas públicas e em ginásios esportivos. Tendas improvisadas, porém devidamente equipadas, foram montadas nesses locais e equipes bem treinadas foram direcionadas para trabalharem nelas.

As gigantescas filas de voluntários perdiam-se de vista. Algumas eram tão grandes que davam voltas e mais voltas em quarteirões inteiros. Todos desejavam contribuir de alguma forma. Afinal, era a preservação da própria espécie humana que estava em jogo.

Em poucas horas, a desenfreada busca por um possível antídoto para o vírus assassino se estendeu para os seis continentes, juntamente com os apelos para que todos, sem exceção, se dirigissem aos hospitais, centros médicos e barracas das forças armadas locais, a fim de procederem a análise laboratorial de seu sangue. Os apelos igualmente solicitavam que, se porventura, fossem localizados hipotéticos portadores do raríssimo "*Sangue de Adão*", que os mesmos o doassem para a fabricação do soro salvador.

Apesar de o número de vítimas fatais do "Yama" aumentar vertiginosamente e de forma dramática a cada hora, uma aura de esperança pairava sobre a humanidade.

A fé renovada na salvação da espécie humana novamente se instalara nos corações daqueles bilhões de homens e mulheres que partilhavam da mesma aspiração: viver sem medo, livres, de uma vez por todas, da aterradora ameaça do "Senhor da Morte".

Eu, contudo, pensava diferente. Trancado em casa com a família, estava certo de que, mais cedo ou mais tarde, o tal "Sangue de Adão" seria encontrado, um antídoto eficaz seria fabricado e todos nós seríamos salvos, sem que, para isso, precisássemos nos submeter aos tais exames. Estava plenamente convicto de que fizera a coisa certa, ao convencer Patrícia e as crianças a esperarem o desenrolar dos fatos. E fazermos os nossos exames só em último caso.

Limitávamos-nos a acompanhar pela televisão as inúmeras reportagens sobre a mobilização global. Éramos meros expectadores, ansiosos por ver a notícia que todos ansiosamente esperavam, todavia sentindo-nos como se nada daquilo nos dissesse respeito diretamente.

Hoje percebo o quanto fui egoísta, achando que os outros tinham o dever de nos salvar, quando nós mesmos é que deveríamos ter sido os primeiros a nos apresentar.

Talvez, se o tivéssemos feito como Samara sugerira, as coisas poderiam ter sido diferentes...



O final de semana passou lentamente. O sábado transcorreu sem nenhum evento especial digno de nota. A noite de domingo chegou enluarada, o céu limpo e estrelado. Temperatura amena e agradável. Tudo fazia crer que o Universo conspirava a nosso favor. Faltava somente a boa notícia que o planeta inteiro ambicionava ouvir.

Os trabalhos de coleta e de análise do sangue da população continuavam a todo vapor e sem interrupção, dia e noite. Mas nada dos cientistas anunciarem a boa-nova.

O tempo passou rápido. Jantamos e fomos dormir, vencidos pelo cansaço.

Já estávamos deitados, quando o telefone tocou, assustando-nos.

Como era de costume, Patrícia foi quem atendeu. Era a minha sogra.

— Mãe? Tudo bem com... Não. Estávamos nos preparando para dormir, por quê?

Enquanto Patrícia escutava emudecida, não pude deixar de reparar na expressão transfigurada do rosto dela, fator que denunciava a importância daquela ligação. Aos poucos fui sendo tomado por uma onda de expectativa que fez com que o meu coração passasse a bater mais acelerado.

— Deus seja louvado! – Patrícia exclamou visivelmente emocionada, saltando da cama. — Vou ligar agora mesmo, mãe. Amanhã nos falamos. Boa noite!

Ela apanhou o controle e ligou o aparelho de televisão do quarto.

— O que houve? – indaguei preocupado, diante da explosiva reação de Patrícia.

Mas antes mesmo que ela pudesse me responder, assim que a imagem apareceu no aparelho, eu logo compreendi do que se tratava.

O tão aguardado pronunciamento da equipe médico-científica internacional da OMS, responsável pelo desenvolvimento da cura para o "Yama", estava começando.

... E é com muito pesar que anunciamos, apesar dos incomensuráveis esforços de todos, que até o presente momento só encontramos, no planeta inteiro, uma meia dúzia de portadores do tipo sanguíneo raro conhecido como "Sangue de Adão", livre de contaminação externa e com todos os requisitos básicos indispensáveis para a fabricação de um antídoto eficaz contra o "Yama".

Desde o início, estávamos cientes de que a nossa tarefa não seria fácil, entretanto jamais poderíamos imaginar que se revelaria tão ingrata e difícil. Para um melhor entendimento de todos sobre a gravidade da situação com que estamos

lidando, vamos às estatísticas: cerca de 96 % da população mundial já se submeteu aos exames.

Contudo, as análises laboratoriais demonstraram que mais de 99,9% das amostras coletadas até agora têm se apresentado incompatíveis para a fabricação do soro anti-Yama. E das 0,1% compatíveis, outras 99,9% se apresentaram previamente contaminadas pelos microorganismos transmissores do vírus, em uma espécie de estado adormecido, fator que nos obrigou a descartá-las.

Resumindo: até o presente momento, em todo o planeta, tão somente seis indivíduos se revelaram potenciais doadores. Dois na Europa, um na América do Norte, dois na Ásia e um na África. Esse número é alarmante e insuficiente. Ainda mais se levarmos em conta que na Oceania e nas Américas Central e Latina ainda não foram localizados doadores compatíveis. Portanto, voltamos a pedir que todos aqueles que ainda não fizeram os exames e que residem nestes continentes se dirijam, o mais brevemente possível, aos postos de coleta mais próximos. Salientamos ainda que se não encontrarmos novos doadores logo, receamos que, infelizmente, quando os acharmos, será tarde demais, de modo que apenas uma ínfima parcela da humanidade poderá ser salva. Façam os exames e ajudem a salvar milhões de vidas...

Embora eu ainda me mantivesse firme em minha predisposição de não fazer as ditas análises de sangue, antes de ver esgotadas todas as alternativas possíveis, algo dentro de mim alertava para o fato de que logo não haveria mais jeito de fugir e que todos nós, sem exceção, seríamos obrigados a nos submeter aos benditos exames.

Aquela foi outra noite em que não consegui pregar os olhos, nem por um mísero segundo sequer.

Capítulo

XVII

A segunda-feira chegou abafada e com muitas nuvens no céu nublado, num claro prenúncio de temporal. No meio da manhã a chuva começou. Era como se o próprio céu chorasse pelas almas dos milhões que já haviam morrido e de todos os que ainda pereceriam vítimas do "Yama".

Segundo as fontes oficiais da OMS, os óbitos já haviam alcançado o apavorante número dos 200 milhões e estimava-se que os infectados somavam agora outros 700 milhões. As declarações da noite anterior caíram como uma bomba nos ouvidos da população. De repente, o planeta virou de pernas para o ar.

Os cemitérios e crematórios ao redor do mundo inteiro não estavam mais dando conta de tantos cadáveres. Em alguns países do Leste Europeu, da África Central e da Ásia, gigantescas valas mortuárias foram escavadas para abrigar os restos mortais das vítimas do vírus assassino. Os corpos eram simplesmente arremessados dentro delas em sacos plásticos ou de lixo, e posteriormente sepultados sob várias camadas de terra e pedras.

Nos países nórdicos e em alguns pontos isolados do norte da África, enormes fogueiras funerárias permaneciam ininterruptamente acesas graças aos milhares de corpos que a elas se juntavam a cada hora. Já nos grandes centros urbanos dos países desenvolvidos do primeiro mundo, ninguém mais comparecia ao trabalho. As pessoas permaneciam isoladas em suas casas, reféns do medo e do pavor.

Quando a comida, a água e os remédios começaram a escassear, a violência, os saques e as desordens de todos os tipos ganharam as ruas. Revoltas e rebeliões se instalaram em inúmeros países pobres das Américas Central e Latina. E, assim como, as nações mais instáveis de lá, alguns países do Oriente Médio entraram em colapso financeiro e social e, como consequência, declararam guerra aos vizinhos mais próximos ou aos seus desafetos históricos, em uma equivocada tentativa de conseguirem meios de sobrevivência e de subsistência para as suas populações angustiadas. Não bastasse tudo isso, as pessoas continuavam a falecer, aos milhões, em todos os continentes, vitimadas pelas cruéis garras do terrível vírus indiano, o verdadeiro desencadeador de tamanha balbúrdia...

E em todos os lugares as pessoas se perguntavam desesperadas: "Quem será a próxima vítima do "Senhor da Morte"? Quando chegará a minha vez? Será este o fim de tudo? O Fim dos Tempos? O fim da raça humana?".

Em contrapartida a tanta desgraça, os médicos e cientistas da OMS persistiam esperançosos, na sua obstinada campanha pela busca do milagroso "Sangue de Adão", que, segundo eles, era a última esperança de cura-salvação para a humanidade.

Procurando não me deixar afetar pela enxurrada de notícias ruins com que os meios de comunicação nos bombardeavam a todo instante, eu me mantinha firme no propósito de esperar mais alguns dias, antes de fazermos os exames.

Patrícia concordara comigo, mas em troca eu tive que ceder e permitir que ela e as crianças fossem à Igreja Matriz todos os dias.

O que, nesta segunda-feira, ocorreu logo após o almoço.

Perto das 14:30 horas, eu estava sozinho em casa, acompanhando pela televisão as últimas notícias, quando o telefone tocou. Era a minha sogra outra vez.

— Oi Dona Maria, tudo bem por aí?

— Miguel, aconteceu uma desgraça! – ela declarou, chorando.

— O que houve? – indaguei preocupado com o tom de voz dela.

— O Diógenes precisou ser internado às pressas... Estou ligando do hospital. – ela revelou após eu informar que Patrícia se encontrava na igreja.

— O seu Diógenes? O que ele tem? – me pus em alerta total.

Como ela não respondeu, eu repeti a pergunta.

— O que aconteceu com o seu Diógenes? Dona Maria, a senhora ainda está aí?

— E-estou... Desculpe. – ela murmurou visivelmente abalada. – Só o resultado dos exames poderá estabelecer sem margem de erro, mas os médicos acreditam que ele tenha contraído o “Yama”!

Assim que o meu cérebro processou a informação, senti o chão desaparecer sob os pés. Se não estivesse sentado, teria desmaiado. Mas felizmente consegui manter a calma, pelo menos o suficiente para raciocinar e dar seguimento à conversa.

— E a Jussara, como está? Ela já sabe? – eu interpelei, lembrando que a pobre mulher ainda não havia se recuperado por completo da perda do marido, ocorrida há poucos dias atrás, e se refugiara na casa dos pais desde então.

— Ela está aqui comigo. Ao receber o diagnóstico do pai, a coitadinha teve uma síncope e precisou ser sedada para se acalmar. Como não me permitiram acompanhar o Diógenes na ala de quarentena, estou cuidando dela.

— Eu sinto muito... – foi tudo o que consegui dizer, imaginando de antemão qual seria a reação de Patrícia ao saber que o pai se encontrava naquela terrível situação.



No início daquela mesma noite, chegamos ao único hospital da cidadezinha onde os meus sogros residiam. Dona Maria estava sentada na portaria do prédio, abraça-

da à filha viúva. As lágrimas nos olhos de ambas revelavam a grandeza da dor que elas sentiam.

A portaria do hospital, assim como os corredores e as demais dependências do prédio encontravam-se completamente abarrotadas de médicos, enfermeiras, pessoas doentes e seus parentes mais próximos.

Os casos suspeitos de "Yama" eram imediatamente redirecionados para o Setor de Quarentena (que compreendia o penúltimo andar inteiro do hospital), e os casos confirmados eram transferidos, sem demora, para o Setor de Isolamento (situado no último pavimento do prédio de cinco andares), onde nem médicos e nem enfermeiras entravam sem trajes especiais totalmente vedados e máscaras anticontaminação.

Ao nos verem, ambas as mulheres se levantaram e nos abraçaram, aos prantos. De imediato, e sem que ninguém precisasse pronunciar palavra alguma, compreendi que o resultado dos exames do seu Diógenes devia ter dado positivo, confirmando o contágio pelo "Yama". Fator que praticamente condenava o idoso agricultor à morte.

Tendo em vista que nada poderíamos fazer pelo meu sogro ali no hospital, sugeri que fôssemos todos para a casa dele e lá aguardássemos pelas novidades sobre o seu estado de saúde.

Depois de muito relutar, Dona Maria acabou se deixando convencer pelas filhas de que era o melhor a fazer. Eu e Patrícia conduzimos as duas até o nosso carro, onde Samara e Dudu haviam ficado esperando.

E, do estacionamento, seguimos diretamente para a casa dos meus sogros no interior do município.

A estadia na colônia não foi das mais agradáveis. Não por culpa da minha sogra nem de Jussara que se limitavam a chorar o tempo todo, e sim por conta da angústia que pairava no ambiente...

Angústia causada pelo sofrimento do meu sogro sozinho no hospital.

Angústia pela incerteza do que nos aconteceria nos próximos dias.

Angústia pela proximidade da Morte.

E, principalmente, angústia por termos que assistir impotentes ao provável fim da nossa própria espécie, sem nada poder fazer para evitá-lo.



Capítulo

XVIII

Naquela noite, apenas as crianças conseguiram digerir alguma coisa. O resto de nós mal tocou no jantar in-sosso preparado pela minha sogra. Por incrível que pareça, depois de servida a comida, quem menos demonstrava abatimento era Dona Maria. A impressão que nos passava era a de que já se conformara com a iminente desgraça que se desenhava no horizonte.

Resolvemos nos recolher logo após o jantar, pois tínhamos a intenção de acordar cedo no dia seguinte para que, assim que clareasse, nos dirigíssemos ao hospital onde o meu sogro permanecia internado com a gripe indiana.

No meio da noite, quando finalmente consegui pegar no sono, um novo pesadelo me assolou.

De repente, me vi sozinho em uma cidade-fantasma. Uma cidade consumida pelas chamas e totalmente arrasada. Veículos tombados, amassados e destruídos. Carcaças enegrecidas pelo fogo. Edifícios e casas desmoronados. Ruas, avenidas, parques e praças completamente invadidos pela vegetação e pelo lixo. Escombros e entulho por todos os lados. E nenhuma alma viva.

Parecia um cenário de guerra. Um cenário sombrio. Surreal.

Era noite e estava escuro. A Lua não dera o ar da graça. O céu, nublado, estava carregado de cúmulos-nimbos. Trovões e relâmpagos riscavam o firmamento negro a todo instante, imprimindo um toque de terror ao ambiente pós-apocalíptico.

Então o primeiro sinal de vida. Um uivo sinistro atraiu a minha atenção para um ponto específico da rua em que me encontrava. E qual não foi o meu assombro ao deparar-me com um enorme lobo, faminto, dotado de olhos avermelhados e de aterradores caninos salientes, a encarar-me.

Mal tive tempo de processar a presença da criatura de pelagem acinzentada e ela disparou em minha direção. A intenção era clara: devorar-me.

A adrenalina, produzida pelo medo e pelo instinto de autopreservação, fez com que eu também corresse, só que para o outro lado. Saltei por cima de uma carcaça de moto incinerada e avancei velozmente através de um parque repleto de árvores mortas e de lixo.

O desespero começou a me dominar por completo quando, ao virar a cabeça, percebi que quanto mais eu corria, mais o voraz animal se aproximava. Logo ele me alcançaria. Seria o fim.

Mas eis que surgiu do nada, no meio do parque, uma porta flutuando no vazio. Uma porta de madeira sem qualquer parede para segurá-la. Sem hesitar corri até ela e testei a fechadura. Aberta. Passei para o outro lado com um salto e lacrei-a rapidamente, bem na hora em que o lobo a alcançou.

Ouvi o estrondo do animal chocando-se contra a madeira, mas a porta resistiu firme. Por ora, eu estava a salvo.

Fechei os olhos e respirei, aliviado. Mas ao virar-me para perscrutar melhor o lugar onde me encontrava agora, lá estava ele. Não sei como foi parar lá. Mas o certo é que do canto oposto da pequena sala retangular e vazia, o lobo encarava-me, soltando nojentos fios de baba da mandíbula exposta.

Então aconteceu algo estranho. Quando eu achei que seria devorado por ele, alguma coisa começou a ocorrer com a vil criatura. Contrariando todas as leis da natureza, o lobo se colocou de pé sobre as patas traseiras como os lobisomens das histórias que eu costumava ler, enquanto as suas feições se alteravam.

Aos poucos, para o meu assombro, a monstruosidade peluda passou a adquirir contornos humanos. Contornos familiares...

Em uma fração de segundo, eu não me encontrava mais na presença de um voraz predador assassino. A figura que me encarava agora, com a face aberta em um amplo e acalentador sorriso, era a minha mãe (!).

Mas tinha algo diferente. Aquela não era a Dona Cláudia que me criou ou a que eu havia acostumado a ver na clínica depois do derrame.

A Dona Cláudia que me encarava naquela sala escura brilhava e possuía asas de anjo, cobertas de penas brancas. O seu olhar era doce, terno e irradiava amor e paz. Eu sabia que se tratava de um sonho, mas mesmo assim não pude evitar de me emocionar ao vê-la ali, tão linda e reluzente.

Ela se aproximou. E de seus lábios saiu o som mais agradável que eu jamais ouvira na vida:

— Meu filho querido... Não se aflija. A minha hora chegou, como chegará para todos um dia. Mas antes de partir para o descanso eterno, eu preciso alertá-lo.

— Alertar-me? – foi tudo o que consegui dizer.

— Ouça com muita atenção o que vou dizer, pois esta será a última vez em que nos falaremos. Pelo menos nesta dimensão.

— Mãe, não...

— Não tenho muito tempo, por isso vou direto ao ponto. A minha missão aqui é alertar-lhe sobre a proximidade da Morte. A Dama da Foice se move depressa e logo baterá em sua porta, Miguel.

— Eu vou morrer, é isso? – indaguei assustado.

— Só Deus conhece o futuro, pois foi ele quem o escreveu há muito tempo atrás. O que eu quero dizer é que você precisa juntar toda a coragem e a fé que conseguir, e, então, se preparar para enfrentar o maior desafio da sua vida.

— Um desafio? Do que se trata?

— Miguel, embora você não acredite, em breve o destino de milhões dependerá tão somente de uma decisão sua. Uma difícil e dolorosa decisão, todavia de suma importância para o futuro de muitos. E é minha obrigação abrir os seus olhos, meu filho amado, ajudando-o a encontrar o rumo certo.

— A senhora pode ser mais específica? Que decisão tão importante é essa que eu precisarei tomar e que poderá influenciar no futuro de tanta gente?

— Você deve ser forte e corajoso para aceitar o seu destino. Lembre-se de que Deus é sábio. Ele escreve certo por linhas tortas, de modo que nós, reles mortais, raramente conseguimos compreender os seus desígnios...

— Mãe, qual é a decisão que eu devo tomar? – indaguei, já a ponto de perder a paciência. Aquela conversa sobre fé e Deus me deixava inquieto.

— Você deve se submeter aos exames de sangue, juntamente com sua família, o quanto antes. E, depois, aceitar com humildade o fardo que será depositado sobre os seus ombros.

— O quê? Que fardo? E se me recusar a fazer os exames ou a aceitar tal fardo?

— O livre arbítrio é um dom humano. E você é livre para decidir. Mas lembre-se de que a sua recusa acarretará o fim de toda e qualquer chance de salvação para a humanidade... E o cenário de horror que você vivenciou agora a pouco, antes de entrar nesta sala, se transformará em realidade para todos os povos da Terra, sem exceção, dentro de alguns poucos meses.

Fiquei sem palavras. E o espírito de minha mãe prosseguiu.

— Agora preciso ir. Adeus, meu filho querido. Vou em paz, pois sei que no final você tomará a decisão correta. Quero que você e os seus saibam que esteja eu onde estiver, continuarei velando por vocês todos. Pois eu os amo!

Então, sem nenhum aviso, o aspecto angelical de Dona Cláudia simplesmente evaporou no ar, diante dos meus olhos, ao mesmo tempo em que o aposento escuro e vazio também se desintegrou ao meu redor.

De súbito, eu me vi novamente no centro da metrópole-fantasma.

Escutei outro uivo às minhas costas, ainda mais poderoso e sinistro do que o primeiro; desta vez, acompanhado de um rosnado capaz de fazer gelar os ossos.

Virei para trás, no momento em que o lobo me alcançou.

Saltando de forma precisa, cravou as afiadas mandíbulas em meu pescoço.

Em meio à dor lancinante e ao desespero de estar sendo devorado vivo, escutei o celular tocando...

Acordei assustado, ensopado de suor e com ambas as mãos em volta do pescoço. E só tranquilizei-me quando constatei que ainda possuía um.

Olhei para a janela e observei que lá fora começava a clarear. Para o meu alívio, não havia lobo algum por perto.

“Bendito celular! Livrou-me do horrível pesadelo na hora H”. – pensei, aliviado.

Sentei na cama e, na pressa de atender ao aparelho antes que Patrícia acordasse, nem reparei no número que chamava.

— Alô! – atendi ainda abalado pelo tenebroso pesadelo.

— Miguel? Boa noite, aqui é o Péricles, da Casa de Repouso Paraíso da Terceira Idade.

Péricles? Da clínica? Instantaneamente levantei de pé. Ao ouvir a voz do dono da casa de repouso, uma súbita lâmpada de alerta se acendeu em meu cérebro, fazendo com que o aterrador pesadelo com Dona Cláudia retornasse à minha mente com toda a intensidade.

Sem rodeios, ele soltou a bomba:

— Desculpe incomodá-lo uma hora dessas, mas infelizmente as notícias não são boas. Eu não sei como dizer isso de outra forma, então vamos lá. A sua mãe teve uma parada cardíaca fulminante durante a madrugada. Nós fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, mas ela não resistiu. Eu sinto muito, meu amigo!



Capítulo

XIX

O enterro de Dona Cláudia aconteceu de forma tumultuada, em meio a vários outros sepultamentos, a maioria de vítimas do "Yama". O maldito vírus assassino não fazia distinção alguma entre as suas vítimas. Eram verdadeiras legiões de mortos que chegavam a cada instante, abarrotando os cemitérios e crematórios do mundo inteiro. Legiões compostas por homens e mulheres; velhos, jovens e crianças; brancos, índios, orientais e negros; ricos e pobres; religiosos e ateus. Ninguém se encontrava a salvo das garras da morte.

Os números oficiais corroboravam esta cruel realidade: ao redor de todo planeta as autoridades contabilizavam mais de 360 milhões de vítimas fatais e algo próximo a um bilhão de infectados, apresentando os sintomas da pandemia.

O significado era aterrador: um quarto da humanidade já estava condenado!

Voltando aos mortos, devido à carência de coveiros, gerada principalmente pelo exorbitante número de sepultamentos que aconteciam simultaneamente em todos os cemitérios, e também pelo justificável medo dos profissionais da área em contraírem a doença, os próprios familiares dos mortos eram obrigados a executar os ritos finais. E, no caso dos indigentes, os corpos eram simplesmente empilhados e abandonados a céu aberto em um canto do cemitério, longe das vistas dos demais.

Conosco não foi diferente...

Jamais imaginei que um dia pudesse viver tamanha degradação.

Eu mesmo tive de abrir e fechar o túmulo em que sepultamos a minha mãe. Não tinha cimento à disposição, então apenas recoloquei a pedra de granito na gaveta da capela, sem selá-la, após inserirmos o caixão. A dor pela perda daquela alma boa e generosa que eu tanto amara em vida esmagava-me o peito. Enquanto me despedia pela última vez, lágrimas amargas insistiam em banhar-me o rosto.

Lembrei do velório. Ao mesmo tempo em que Patrícia, Samara, Eduardo e meia dúzia de outras pessoas que também amavam Dona Cláudia choravam sobre o caixão de madeira simples e murmuravam orações em seu favor, eu limitara-me a cercar-me de doloroso silêncio, mergulhado numa profunda indignação contra Deus e a sua total indiferença em relação à atual tragédia humana. Não aceitava os seus desígnios. Não os compreendia.

Longe disso, a minha revolta não era apenas pela minha perda. Na verdade, eu não concordava com a morte injustificada de tantos inocentes, e de forma tão horrível e cruel. Não aceitava que tudo aquilo estivesse acontecendo aos seus ditos “filhos” e Ele nada fizesse por nós. Tudo isso apenas reforçava, cada vez mais, a minha já consolidada crença de que Deus não existia. E a minha concepção ateuísta ganhava mais força e novos subsídios lógicos.

Pelo menos era isso que eu achava.

Mas o futuro ainda me mostraria, e de que forma (!), o quanto eu estava errado.

Capítulo

XX

Naquela mesma noite de terça-feira, não obstante a dor que ainda estávamos sentindo, fomos informados por Jussara que Dona Maria, a minha sogra, também precisara ser internada às pressas ao apresentar os sintomas iniciais da letífera gripe indiana.

Patrícia ficou inconsolável. A única forma de conter o seu desespero foi levá-la novamente ao hospital da cidadezinha onde meus sogros moravam. Já era madrugada alta quando nós chegamos. A portaria do lugar estava abarrotada de gente. Pessoas desesperadas se amontoavam na frente do balcão de atendimento, buscando notícias sobre o estado de saúde dos familiares e dos amigos internados. Dos cinco andares do prédio hospitalar, dois haviam sido transformados em áreas de isolamento total para abrigar as centenas de infectados pelo mortífero vírus assassino e um terceiro virara ala de quarentena para os casos ainda não confirmados, porém suspeitos.

Os moribundos eram praticamente abandonados nos corredores e quartos das alas de isolamento para morrer sozinhos, pois os médicos e enfermeiras, que temiam contrair a doença, se abstinham até mesmo de entrar naquelas áreas. Só entravam os auxiliares de enfermagem, e mesmo assim, enfiados em roupas anti-contaminação e com máscaras. E só quando precisavam "depositar" mais um doente lá.

Como não existia ainda qualquer tratamento capaz de frear o avanço do "Yama", ninguém poderia culpá-los por isso. Era o instinto de autopreservação que falava mais alto.

Não conseguimos sequer entrar na rua do hospital, devido ao congestionamento de veículos naquele local. Fui obrigado a estacionar a alguns quarteirões de distância. E retornamos a pé. No caminho cruzamos com diversas pessoas. Todas assustadas ou desesperadas ao descobrirem que os seus entes queridos haviam falecido ou estavam condenados à morte certa por contraírem o mal do milênio. Eram pais chorando por seus filhos, eram filhos chorando pelos seus pais, irmãos chorando uns pelos outros. Casais separados. Famílias inteiras destroçadas pela desgraça.

Ao vê-los, eu não podia deixar de me imaginar, aterrorizado, em seu lugar. Só de pensar em tal situação acontecendo com meus filhos e esposa ou comigo mesmo, um aperto no coração se fazia sentir e um nó se formava no estômago.

Então, chegamos ao nosso destino.

Na praça em frente ao hospital fora montada uma espécie de acampamento de campanha, onde profissionais da saúde e militares coletavam amostras de sangue dos habitantes locais, na vã esperança de encontrarem possíveis portadores do raríssimo "Sangue de Adão". Naquele momento senti-me inclinado a doar uma amostra, mas o estado inconsolável de Patrícia e das crianças subjogou a minha intenção. Mais uma vez decidi adiar o que já começava a considerar inevitável. Entretanto, apenas por um desencargo de consciência decidi que assim que estivéssemos em condições, nos apresentáramos em um posto de coleta qualquer e doaríamos as nossas amostras, todos nós, embora eu continuasse acreditando que nem eu e nem ninguém da minha família éramos portadores do tal sangue raro que os cientistas tanto procuravam.

Jussara nos aguardava na frente do edifício do hospital. Ao nos ver, a abalada mulher não conseguiu mais segurar as lágrimas. Um choro regado à aflição, que foi acompanhado por Patrícia, Samara e Dudu. Apenas eu me mantive firme e sério. Não sei o motivo, mas acredito que

a intensa sucessão de tragédias ao nosso redor, acabou me deixando anestesiado psicologicamente.

Por sugestão de Jussara, mesmo a contragosto, acabei concordando em levar as crianças para a casa dos meus sogros, a fim de que elas pudessem dormir um pouco, posto que Patrícia e a irmã se recusassem terminantemente a abandonar o saguão do hospital.

Durante todo o caminho uma dúvida ficou martelando em minha cabeça: seriam às mortes de Eliseu e da minha mãe e à doença dos meus sogros que os pesadelos dos últimos dias se referiam? A coisa acabaria por aí ou a tragédia iria além e nos atingiria mais diretamente? Patrícia, eu e as crianças conseguiríamos ficar longe do "Yama" ou acabaríamos também contraindo o vírus maldito?

E aquelas inquietantes indagações foram o bastante para que eu não conseguisse pregar o olho naquela nefasta noite.

Outra vez.



Capítulo

XIX

No meio da manhã do dia seguinte, recebemos a triste notícia: o estado de saúde de Seu Diógenes e de Dona Maria havia piorado e ambos haviam falecido durante a madrugada. Segundo as enfermeiras de plantão, os dois estavam em macas colocadas lado a lado no setor de isolamento. Morreram de mãos dadas e, ao que tudo indicava, no mesmo instante.

— Se serve de consolo, eles encerraram os seus dias aqui na Terra da mesma forma como viveram a maior parte deles: juntos! – o médico falou. Ele era um antigo amigo da família e estava visivelmente emocionado.

No início da tarde, os corpos foram liberados. E, por orientação da Secretaria de Saúde do município, seguiram diretamente do hospital para o cemitério, em caixões lacrados. Várias camionetes da prefeitura faziam o traslado dos inúmeros corpos para o derradeiro local de descanso, sem direito aos ritos de velório. Por conta dos riscos de transmissão do vírus indiano, as despedidas tinham de ser rápidas e breves, o que só servia para aumentar o desespero dos que continuavam vivos.

No pequeno cemitério, completamente lotado de pessoas afetadas pelas perdas de seus entes queridos, vários sepultamentos ocorriam simultaneamente. No entanto, diferentemente do enterro de Dona Cláudia, nós não precisamos nos preocupar com os ritos finais de Dona Maria e de seu Diógenes. A prefeitura local disponibilizara um grande número de pedreiros, que, sem descanso, abriam e lacravam os túmulos, após depositarem os caixões.

Concomitantemente, dois padres, extremamente abatidos, corriam de um lado para o outro, encaminhando os corpos para o descanso final. Para mim tudo aquilo parecia surreal, fruto de um pesadelo recorrente, do qual, por mais que tentasse, eu não conseguia acordar.

Os dois caixões foram rapidamente conduzidos pelos homens da prefeitura até a capela da família de Patrícia. Um dos padres aproximou-se e, sem sequer nos olhar ou perguntar quem eram os mortos, benzeu os ataúdes com água benta e recitou apático:

— Que Nosso Senhor Jesus Cristo perdoe os seus pecados e os receba no reino de Deus Pai-Todo-Poderoso. Amém!

Mal acabou de recitar tais palavras, ele simplesmente saiu em busca do próximo defunto a ser encaminhado.

Os homens da prefeitura ergueram o caixão de Seu Diógenes e o acomodaram na gaveta de cima. Depois foi a vez do de Dona Maria ser inserido na gaveta do meio. Então, enquanto nos despedíamos, os pedreiros assentaram, com cimento, as pedras de granito cinza que serviriam de lacre eterno para as duas gavetas funerárias.

Terminado o serviço, também eles nos deixaram. Afinal, não podiam se dar ao luxo de perder tempo, uma vez que o dia prometia ser bastante cheio, com muitos corpos ainda por sepultar.



Durante o trajeto de volta para nossa casa, tomei a única decisão que me parecia plausível naquelas circunstâncias: no dia seguinte cedo, sem falta, compareceríamos a um posto de coleta de sangue. Todos nós, sem exceção.

Capítulo

XXXIII

Na quinta-feira pela manhã, na primeira hora, nos dirigimos ao centro de coleta mais próximo, composto por meia dúzia de tendas militares verde-oliva montadas no estacionamento de um hipermercado que ficava no mesmo quarteirão da nossa casa.

Após as dramáticas mortes de minha mãe, cunhado e sogros, aquela me parecia a única atitude cabível.

Centenas de pessoas abatidas e silenciosas aglomeravam-se em torno das tendas. A maioria trazia estampado o medo e a incerteza em seus semblantes. Medo da morte e incerteza quanto ao futuro, delas próprias e da humanidade em geral.

Segundo as notícias veiculadas naquela manhã, 99% das pessoas do planeta já haviam submetido amostras para análise e ainda não havia sido encontrado nenhum portador do "Sangue de Adão" na América do Sul. E, para piorar ainda mais a situação, não se podia contar com os raríssimos portadores encontrados nos demais continentes, uma vez que o antídoto produzido por intermédio do sangue deles não seria suficiente nem para salvar, na totalidade, as suas próprias populações.

As autoridades sanitárias sul-americanas já estavam a ponto de jogar a toalha. O que significava, em outras palavras, que as populações das 13 nações da América do Sul estavam praticamente condenadas à extinção. Só um milagre poderia salvá-las.

Mas como eu não acreditava em milagres...

Esperamos por mais de uma hora em uma gigantesca fila, até finalmente chegar a nossa vez. Enquanto Patrícia

e Samara tiravam sangue, Dudu olhava assustado para as seringas e agulhas usadas na coleta.

— Papai... Estou com medo.

— Medo do que, meu filho? – indaguei, procurando demonstrar uma serenidade que estava longe de sentir naquele momento.

— Dói para tirar sangue? – ele me interpelou, com os olhinhos arregalados.

— Só um pouquinho. – tínhamos o costume de jamais mentir sobre esse tipo de coisa para as crianças. – Mas é apenas uma picadinha, como uma picada de mosquito. Você, por acaso, tem medo de mosquitos?

— É claro que não! – ele respondeu efusivo.

— Então não precisa ficar com medo aqui. Na hora em que for tirar o sangue, imagine que a agulha é apenas um mosquito.

Patrícia e Samara terminaram e chegou a vez de Jussara, que diante dos últimos acontecimentos decidira-se por passar uma temporada conosco, e de Dudu. Como era de praxe no caso das crianças, eu acompanhei o meu filho. E posso afirmar que me enchi de orgulho ao vê-lo manter-se firme, e sem derramar uma única lágrima sequer, durante todo o processo de extração do sangue. Apenas no momento da inserção da agulha, notei uma pequena careta de dor e mais nada. Inclusive o garoto fez questão de acompanhar todo o procedimento, até o fim, sem desviar os olhinhos da seringa.

Quando terminou, perguntei:

— Então, doeu muito?

— Só um pouquinho, mas eu aguentei firme, não foi? – disse orgulhoso consigo mesmo.

Eu concordei. E então foi a minha vez.

Após todos nós termos doado as amostras, retornamos para casa. Embora ainda estivéssemos abalados com as recentes mortes em nossa família, tínhamos a sensação de dever cumprido.



Algumas horas mais tarde, durante o almoço, a campanha da nossa casa tocou. Jussara, que já havia terminado a refeição, foi atender a porta, enquanto o resto de nós continuava comendo.

— Quem será? – Patrícia indagou curiosa.

Fazia mais de uma semana que não recebíamos visita alguma.

Todos optavam por permanecer trancados a maior parte do tempo na hipotética segurança de suas casas. O medo da contaminação impedia as pessoas até mesmo de colocarem os narizes para fora, quanto mais de visitarem-se umas às outras. Também não poderia ser o carteiro, já que todos os órgãos públicos, assim como os bancos, escolas e empresas privadas não funcionavam há dias.

Eu já estava pronto para dizer que deveria ser algum esmoleiro pedindo comida, quando um grito, que imediatamente reconheci como sendo da minha cunhada, me paralisou por um instante.

Como se fôssemos um só, corremos todos para a sala.

Jussara estava pálida, mais branca do que giz de cera. E, na frente dela, sob o batente da porta, dois militares uniformizados aguardavam.

Ao vê-los ali, meu coração disparou. Ato contínuo, uma dezena de hipóteses se formou em minha cabeça, capazes de justificar a presença daqueles homens em nossa casa. Passei rapidamente pela minha abalada cunhada e prontamente fui ter com eles.

— Pois não, em que posso ajudá-los?

— Boa tarde, senhor. Desculpe incomodar, mas estamos procurando por uma pessoa que reside neste endereço e que pode ser portadora do “Sangue de Adão” – o porta-voz da dupla adiantou-se, baixando os olhos para uma folha de papel amassada que trazia nas mãos.

O homem estava visivelmente nervoso.

As palavras dele caíram como uma verdadeira bomba para mim. O tal “Sangue de Adão” na minha casa? Impossível!

— O quê? Deve estar havendo algum engano aqui... — balbuciei desconcertado, ao mesmo tempo em que sentia a mão de Patrícia apoiando-se em meu ombro.

Nem ela, nem Samara e tampouco Jussara manifestaram-se.

— Lamento, mas a informação que temos é de que nesta casa encontra-se uma pessoa com amplas possibilidades de possuir o tal sangue raro que os cientistas estão procurando! — o soldado reiterou, pronto para ler o nome que trazia no papel.

Naquele momento, eu me preparei para o pior. Estava pronto para ouvir o meu nome, o de Patrícia ou o de Jussara.

Não podia estar mais equivocado.

E então, a verdade desabou sobre nós com a potência avassaladora de um raio fulminante.

— Eduardo... Tem alguém na sua família chamado Eduardo?

Capítulo

XXIII

De repente, senti o chão desaparecer sob os meus pés. As pernas fraquejaram e senti uma forte vertigem, de modo que precisei me escorar na parede para não cair. Compreendi então o motivo do grito e da súbita paldiez de Jussara.

— Eduardo sou eu... — Dudu comentou, passando por baixo do meu braço e se apresentando para os militares.

— Meu Deus! Mas... Não pode ser ... É só uma criança. — exclamou, tomado por perplexidade, o soldado mais novo e que até então permanecera calado.

O outro verificou novamente a folha de papel. E confirmou o nome e sobrenome do meu filho.

— O que isto significa? O que vocês pretendem fazer com meu filho? — Patrícia recuperou-se mais rápido do que o resto de nós.

— Temos ordens de levar o garoto imediatamente ao Hospital Central, onde uma equipe médica o está aguardando. — disse o primeiro militar. — Acredito que eles só querem fazer alguns exames e ...

— Nunca! — esbravejei furioso, perdendo completamente o controle. — Saiam daqui! Vocês não vão transformar o meu filho em cobaia... Não vou permitir!

— Acalme-se, senhor! Infelizmente as nossas ordens são claras: levar o portador do sangue raro ao hospital imediatamente, e a qualquer custo.

Tentei fechar a porta na cara deles, mas o pé do soldado me impediu, colocando-se entre ela e o batente.

Depois disso tudo aconteceu de forma vertiginosa.

Com um forte empurrão, os militares me derrubaram e invadiram a nossa casa. Levantei-me com um salto e, sem medir as consequências dos meus atos, acertei um soco no rosto do primeiro que vi pela frente. O rapaz caiu sobre a floreira da entrada, espatifando-a e espalhando terra e flores pelo carpete.

E já me preparava para atacar o outro, quando uma coronhada de fuzil explodiu ferozmente em minha nuca. Tonteei e senti um líquido quente escorrer pelo pescoço. Sangue. Na fração de segundo seguinte beijei o chão, fora de combate.

As três mulheres gritaram assustadas. Samara e Jusara acudiram-me, enquanto Patrícia agia movida por instinto materno e puxava o garoto, protegendo-o atrás de si. Os militares não se abalaram. Tiraram-na da frente de Dudu com um forte empurrão e agarraram-no pelo braço, arrastando-o para fora da casa.

E antes que eu pudesse raciocinar direito, já estavam conduzindo o meu filho pelo jardim.

Os gritos e o choro desesperado do menino anestesiaram a dor na minha cabeça e, novamente me ergui de pé, correndo para fora, aos berros.

— Seus bastardos! Vocês não podem fazer isso!

Movido por um ódio irracional, estava decidido a matar aqueles homens se fosse preciso ou pelo menos morrer tentando.

O sujeito que eu socara virou-se ao ouvir os meus improperios e apontou a arma na minha direção, pronto para atirar. E ele o teria feito se a minha mulher não tivesse intercedido no último instante.

Patrícia materializou-se por trás de mim e me conteve pelo braço.

— Miguel... Controle-se! Por favor, deixe-me tentar falar com eles... – pediu-me, com tamanha aflição na voz que eu me vi compelido a obedecer.

Ela passou por mim e correu até os homens. Consternado, a vi ajoelhar-se diante deles, desculpando-se por

minha reação violenta e concordando que levassem o nosso filho, mas implorando aos prantos que eles reconsiderassem e permitissem que nós os acompanhássemos, afinal Dudu era apenas uma criança e estava muito assustado.

A coragem dela tocou-me profundamente. E, a julgar pela reação deles, também aos militares...

Após refletirem por alguns segundos, os homens as-sentiram.

Patrícia voltou então até mim e me convenceu de que não tínhamos outra coisa a fazer. Relutantemente, cheguei à conclusão de que o simples fato de permitirmos que fossem realizados alguns exames em Dudu não lhe acarretaria maiores malefícios. E, por fim, acabei concordando.

Eu realmente continuava acreditando que aquilo tudo não passava de um grande equívoco. E que, em poucas horas, a verdade viria à tona, com o resultado negativo dos tais exames, e nós retornaríamos para casa como se nada tivesse acontecido.

Minutos depois, Patrícia e eu embarcávamos na via-tura do Exército, juntamente com o nosso filho caçula e os dois militares.



Depois de um longo tempo aguardando, constantemente vigiado pela dupla de militares que nos escoltara desde a nossa casa até a fria sala de espera do Hospital Central, contígua ao laboratório de análises clínicas deste, para onde Dudu fora levado, finalmente Patrícia apareceu, acompanhada de dois médicos.

Ao vê-los, não pude deixar de conjecturar: por que diabos aquela gente sempre andava em duplas?

E também estranhei o fato de Dudu não estar com eles. Mas o que realmente me chamou a atenção foi a expressão em seus rostos.

Patrícia parecia lívida, claramente assustada. E, ambos os médicos, visivelmente emocionados. A julgar pelos

seus semblantes, os dois homens não sabiam se riam ou se choravam.

— E então? – indaguei, refletindo no timbre de voz toda a ansiedade que estava sentindo.

— Oh, Miguel! – Patrícia buscou refúgio em meus braços, desatando a chorar.

— O que houve? Onde está o Dudu? – interpelei nervoso.

O médico mais velho se adiantou, tomado pela emoção.

— Está tudo bem, senhor. O menino está só descansando. Não sei nem como lhe dizer isso, mas a verdade é que o seu filho é comprovadamente portador do raríssimo composto hematológico conhecido como “Sangue de Adão”!

E o outro complementou animado:

— Parece até um milagre! Em questão de horas, teremos condições de produzir o tão esperado soro-antídoto, e em quantidades suficientes para erradicarmos de vez o maldito vírus do nosso continente!

Capítulo

XXIV

A notícia de que havia sido encontrado um presumível portador do "Sangue de Adão" no Brasil, e de que em breve a esperada cura para o "Yama" estaria disponível, logo se disseminou. Por todo o continente sul-americano, as pessoas comemoraram entusiasmadas. Em cada país, em cada cidade, em cada rua, em cada casa, as pessoas agradeceram aos céus e riram à toa. Os crentes e adeptos das mais diversas vertentes religiosas, sem demora correram para os seus respectivos templos, igrejas, mesquitas e sinagogas a fim de agradecerem por aquilo que julgavam ser um autêntico "milagre Divino", cada qual atribuindo a dádiva à sua própria versão da Divindade!

Pela televisão da sala de espera do hospital, eu e Patrícia assistimos à euforia das massas que, de repente, perderam o receio e, em questão de horas, ganharam as ruas em comemoração aberta. A esperança de sobrevivência da raça humana se renovava.

E, pela segunda vez, desde que fora anunciada a descoberta de uma possível salvação através do tal "Sangue de Adão", parecia que as pessoas haviam esquecido as mazelas dos últimos tempos. As mortes e os doentes condenados foram relegados a um segundo plano. E o próprio "Yama" se viu fadado a uma espécie de esquecimento momentâneo.

O assunto do momento era o surgimento de um salvador para a humanidade, alguém que milagrosamente possuía o tal sangue raro. Estavam salvos e era apenas isso o que realmente importava.

E uma onda de otimismo se alastrou por toda América do Sul.

— Eu jamais poderia imaginar que o nosso amado filhinho acabaria se tornando um instrumento do Senhor para a salvação do homem. A última esperança para a raça humana! – Patrícia comentou emocionada.

Eu não respondi. Não sabia o que dizer. Ainda não havia digerido direito aquilo tudo. Para mim, parecia loucura. Um despropósito sem explicação.

A bem da verdade, eu não conseguia compreender como uma fração do sangue de meu filho de seis aninhos poderia ser capaz de salvar tanta gente. Não conseguia engolir aquela história esdrúxula de que apenas uma única gota seria suficiente para produzir antídoto para milhares de pessoas. Aquilo me parecia utópico demais para ser verdade.

E pensava justamente sobre isso, quando tive os devaneios interrompidos pela entrada súbita da dupla de médicos que estava cuidando do caso do Eduardo.

Eles nos cumprimentaram sérios e sombrios.

Percebi que algo não estava bem. E, instantaneamente pensei em Dudu. Todavia me contive, aguardando para ouvir o que eles tinham a dizer.

— O Eduardo já acordou? – Patrícia quis saber, ansiosa em voltar para junto do menino na enfermaria.

Nós o havíamos deixado dormindo, sob vigilância de uma prestativa enfermeira, quando resolvemos dar um tempo na sala de espera até que ele acordasse.

Os homens trocaram um olhar que me arrepiou até a alma, cada qual esperando que o companheiro tomasse a iniciativa da conversa.

Aquilo não me agradou nem um pouco.

— E então? – interpelei apreensivo, incentivando-os a falar.

— Não sabíamos que o portador seria uma criança de tão pouca idade... – disse o mais velho, puxando uma folha de papel de dentro de uma pasta com elástico e uma

caneta esferográfica. – Portanto, precisamos que os senhores, na qualidade de pais e responsáveis pelo menor, assinem uma autorização para podermos extrair o sangue do seu filho e utilizá-lo na composição do antídoto contra o “Yama”.

Notei certa hesitação em suas palavras de que não gostei.

Ele nos entregou o papel.

“Só isso?” – pensei ainda intrigado com a expressão sisuda deles. – “Toda essa seriedade só para nos pedir para assinar uma droga de autorização?”.

Mesmo achando estranho, peguei a folha e comecei a ler. Tratava-se realmente de uma simples autorização para que eles pudessem extrair e usar o sangue de nosso filho na produção dos antídotos. Mera formalidade legal.

E eu já estava com a caneta posicionada, pronto para assinar, quando reparei num pequeno, mas relevante detalhe: em nenhum lugar daquele documento constava a quantidade de sangue a ser utilizada!

Ao indagar-lhes sobre isso, o semblante dos dois homens fechou-se ainda mais, o que fez com que um alarme interno soasse em minha mente.

Patrícia, por sua vez, estremeceu com a pergunta, arregalando os olhos diante da inesperada reação negativa dos dois. Acho que ela também não havia se tocado acerca deste importante detalhe.

— É um tanto difícil encontrar as palavras adequadas para o que precisamos lhes dizer. Portanto, vou tentar ser breve e direto. – disparou o mais velho, com aflição no olhar.

Senti o coração acelerar, percebendo o desconforto deles com aquela conversa.

E antes que eu pudesse intervir, ele continuou.

— Quando encontramos o doador ideal jamais imaginamos que seria apenas um para todo o continente; e, ainda por cima, uma criança tão nova e tão pequena.

— Quanto do sangue do meu filho vocês pretendem extrair? – refiz novamente a pergunta, interrompendo-o de modo incisivo.

— Vocês precisam entender: o que está em jogo é a vida de milhões de pessoas e que... – o outro tentou argumentar, mas desta vez foi Patrícia quem o interrompeu.

— Falem logo! Quanto sangue? – ela inquiriu-os severa, com a voz num tom bem mais alto do que o normal.

Os dois médicos se olharam por uma fração de segundo, na dúvida se deveriam ou não falar. Visivelmente resignado, o mais velho respirou fundo, tomando coragem para responder. E então disparou, a um fio de voz:

— Infelizmente, se quisermos salvar, na totalidade, os milhões de sul-americanos que ainda não contraíram o “Yama”, necessitaremos de todo o sangue do seu filho...

— Até a última gota! – acrescentou o seu colega.

Capítulo

XXV

A princípio não acreditei no que havia acabado de ouvir. A sensação que tinha assemelhava-se a de estar no meio de um terrível pesadelo do qual não era capaz de acordar. O choque foi tão grande que fiquei paralisado por um instante, com todos os sentidos anestesiados.

O que será que eles queriam dizer com "*todo o sangue*"? – me indaguei durante aquele microssegundo de letargia. E somente quando o cérebro foi capaz de processar a resposta, é que fui capaz de retomar o controle sobre o meu corpo e a minha mente. Só então reparei que Patrícia ainda permanecia catatônica, em estado de choque.

— Isto por acaso é algum tipo de brincadeira de mau gosto? – interpelei-os com um olhar tão carrancudo que os fez recuar alguns passos. – Porque, se for, gostaria de deixar bem claro que não teve a menor graça.

— Infelizmente não se trata de nenhuma brincadeira senhor! – o médico mais velho respondeu com perceptível tristeza no olhar. – Neste momento, cem por cento das pessoas da América Latina já submeteram amostras de seu sangue para análise e, de todas, apenas o seu filho revelou-se portador do composto sanguíneo apropriado à fabricação do antídoto contra o "*Yama*". Como não encontramos outros doadores e o menino tem tão pouca idade e peso, calculamos que a única forma de conseguirmos produzir o antídoto em quantidade suficiente para imunizar toda a população ainda saudável do continente depende de utilizarmos o seu sangue, na totalidade.

— Mas isso é um absurdo! – esbravejei, já fora de mim, avançando, agarrando o sujeito pelo colarinho e

prensando-o contra a parede. – Vocês estão completamente loucos, se acham que eu permitirei que façam isso! Que matem o meu filho!

— S-senhor, procure compreender. Se não dispusermos do referido antídoto em doses suficientes é líquido e certo que todos nós, sem exceção, fatalmente acabaremos nos tornando vítimas da maldita epidemia indiana.

— E se nada for feito, em pouco tempo o “Yama” será o responsável pela extinção de nossa espécie! – alegou o outro.

— E por que diabos vocês não podem usar apenas uma parte do sangue dele, de forma que o meu filho permaneça vivo? – eu ainda tentei argumentar, procurando me acalmar e soltando o homem, que imediatamente se afastou para longe de mim. Com aquilo, eu tentava desesperadamente encontrar uma alternativa viável que pudesse se converter, ao mesmo tempo, na salvação da raça humana e na sobrevivência de Dudu.

— Também temos filhos e, por isso, sabemos o quanto é difícil para os senhores assimilarem tal pedido. – continuou o médico cabisbaixo. – Mas devido ao juramento que fizemos ao iniciarmos o exercício de nossa profissão, somos obrigados a fazê-lo, tendo em vista que o sacrifício do seu filho, de uma única pessoa, pode significar a última esperança de sobrevivência para milhões de outros seres humanos, inclusive de vocês dois e do resto de sua família.

— Estou pouco me lixando para a sua porcaria de juramento! – rebati colérico. – Eu até concordo com sua determinação de salvar tantos quantos vocês conseguirem, contanto que isso não acarrete a morte do meu filho! Tenho somente uma proposta para vocês. É pegar ou largar: extraiam uma parte do sangue do Dudu e produzam o tal antídoto, porém permitam que ele sobreviva... Ou então nós pegamos o nosso filho e deixamos este lugar agora mesmo. – eu implorei firme em minha determinação de não ceder, sob nenhuma hipótese, ao pérfido pedido.

— Senhor Miguel, infelizmente não é tão simples assim. A nossa principal meta consiste em tentarmos salvar o

maior número possível de pessoas, como o senhor disse e ... Veja bem, se fizéssemos como o senhor está sugerindo e extraíssemos apenas uma parte do sangue de seu filho ou se permitíssemos que vocês o levassem embora, estaríamos inadvertidamente condenando milhões de outros seres humanos à morte, em prol de apenas um.

— Não se trata de “apenas um” e sim do meu filho! Uma criança inocente de seis anos, seus malditos! – eu perdi o controle e parti ensandecido para cima do assustado médico, por muito pouco não lhe acertando um direto de esquerda no queixo. Só errei porque o homem conseguiu se esquivar, no último instante, e correu para longe, para o outro lado da sala.

Eu só não parti atrás dele ou para cima do seu colega por conta de Patrícia que, finalmente recuperada da letargia inicial, desabou pesadamente no meio da sala.

Com muito esforço, recuperei o autocontrole e corri até ela.

Ajoelhei ao seu lado, escorando a cabeça dela no meu colo. O ódio que eu estava sentindo pelos médicos só não era maior do que a preocupação que sentia em relação a minha esposa. Se ela não tivesse desmaiado, eu juro que teria estrangulado os dois ali mesmo.

— Nós vamos deixá-los a sós, por um tempo, para que vocês reflitam a respeito da nossa proposta. – o médico mais velho declarou impassível, já a meio caminho da porta. – Lembrem-se que não é somente a vida do seu filho, mas o futuro da espécie humana na Terra que está sendo depositado em suas mãos. Os senhores, e ninguém mais, serão os únicos responsáveis pelo que vier a acontecer a partir de agora. E terão que conviver, para o restante das suas vidas, com as consequências de sua decisão, seja ela qual for.

E, dizendo isso, eles nos deixaram sozinhos.

Sozinhos com a nossa dor. E com o horrível dilema de termos de escolher entre a salvação da humanidade ou a vida de Dudu, o nosso amado filho.



Capítulo

XXVI

— Nunca! – eu bati o pé, com firmeza, olhando perplexo para Patrícia.

Por um momento eu não a estava reconhecendo. Era como se estivesse diante de uma pessoa completamente estranha e não da mulher meiga por quem me apaixonei um dia, a esposa dedicada e a mãe amorosa que seria capaz de negligenciar a própria vida em prol do marido e dos filhos.

Patrícia permanecera cerca de 15 minutos inconsciente e quando despertou a primeira coisa que disse, encarando-me firme em meio ao choro convulsivo, foi que Deus havia entrado em contato com ela, enquanto estivera desacordada, e lhe dissera, com todas as letras, que nós deveríamos reconsiderar e assinar a tal autorização. Ela estava tremendo, com o olhar repleto de dor, porém resignado...

— Não acredito que você tenha dito isso... – eu estava atônito.

— Mas Miguel, se essa for a vontade de Deus, quem somos nós para dizer não? – Patrícia, que naquele momento eu julguei possuída por alguma forma de insanidade temporária, tentava me convencer a aceitar a nefasta proposta dos médicos. – Se Ele assim determinou, por mais que nós não compreendamos os seus motivos e que tal decisão nos dilacere a alma, nós devemos aceitar os Seus desígnios e nos submeter à Sua vontade sem questionarmos, assim como o patriarca bíblico Abraão se submeteu, quando lhe foi exigido, em sacrifício, a vida de seu primogênito Isaac.

Eu conhecia aquela história, o que me gabaritou a contestar o argumento.

— Só que desta vez não vai aparecer nenhum anjo em cima da hora para salvar o Dudu. Você está ciente do que está dizendo, Patrícia? Estamos falando de permitir ou não que um bando de médicos malucos extraia todo o sangue do nosso filho, do nosso Eduardo, até a última gota. Você, por um acaso, tem consciência do que isso significa? De que, ao assinarmos aquele maldito pedaço de papel, nós estaremos sumariamente condenando nosso filho à morte prematura? A minha resposta é, e continuará sendo, não, não e não! Definitivamente não! E igualmente não consigo acreditar que você esteja me pedindo isso... Ou que sequer tenha cogitado a hipótese de assinar aquela porcaria de documento.

Levantei-me furioso e a deixei sozinha no sofá, desconsolada. Nada do que ela me dissesse faria com que eu mudasse de ideia. Dei alguns passos pela sala de espera, desorientado, parando defronte à janela do corredor. Sem conseguir me controlar, e com a raiva aflorando em cada poro de meu corpo, esmurrei com força a parede ao lado da abertura, praguejando mentalmente contra minha mulher, contra os médicos que queriam arrancar o meu filho de mim, contra o “Yama” que era a causa de tudo e, principalmente contra Deus, por sua inércia e indiferença.

Mergulhado em um profundo oceano de dor e no auge da indignação, atribuí ao Criador Universal toda a culpa, assim como a responsabilidade por tudo de ruim que estava acontecendo no mundo.

Somente algum tempo mais tarde, depois de acontecer o que aconteceu, é que eu viria a compreender que tudo aquilo fazia parte de um plano maior. Um plano divino perfeito, em que cada um de nós tinha um papel bem definido e de suma importância a desempenhar...



Mas não nos adiantemos aos fatos.

Resoluto em minha decisão de não assinar a tal autorização, e decidido a exortar os médicos da minha presença assim que os visse, fui surpreendido, ainda de pé e em frente à janela do corredor, pelo celular vibrando em minha cintura.

Era o número de Jussara. Do celular dela e não o número da minha casa, o que me despertou uma súbita sensação de que algo não estava bem.

— Fala Jussara! – atendi desanimado.

Assim que murmurei o nome de minha cunhada, Patrícia levantou-se do sofá e se postou ao meu lado.

— Miguel, como estão as coisas por aí? – a voz dela denotava aflição, o que fez com que o meu coração disparasse de preocupação.

— Você parece nervosa... O que houve? – indaguei, ignorando a pergunta dela.

— A Pati está aí com você?

Estranhei o fato de ela não perguntar sobre o Dudu.

— Sim, por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Fica calmo, pode não ser nada... Eu só estou ligando por que achei que devia dar uma satisfação a vocês!

— O que está acontecendo? Tem algo a ver com a Samara? – interpelei, sentindo o sangue gelar nas veias.

Patrícia arregalou os olhos, tomada de visível aflição, ao ouvir o nome da filha.

— Nós estamos aqui em baixo, na portaria do hospital, e ... – ela revelou. – Será que vocês podem descer aqui um instante?

Três minutos depois, Patrícia e eu entramos na tumultuada recepção, repleta de pessoas desesperadas, em busca de informações sobre os familiares internados.

Logo localizamos Jussara. Ela estava de pé ao lado da porta principal de acesso ao interior do prédio. Procurei por toda a recepção, mas não avistei Samara em lugar algum.

“Ela deve ter ficado lá fora, tomando um ar” – pensei comigo mesmo, tentando me acalmar, embora inconscientemente pressentisse que aquilo era uma inverdade.

Patrícia foi até a irmã e a abraçou. Jussara, incapaz de conter a emoção por mais tempo, subitamente desabou em um copioso pranto nos seus braços.

Eu me aproximei das duas, sentindo um nó se formar no estômago ao concluir o que poderia ter ocorrido de tão grave para deixar a minha cunhada tão abalada.

— Onde está a Sam? – Patrícia indagou, ainda abraçada à irmã.

— Nós estávamos em casa, assistindo à televisão... – Jussara balbuciou, em meio ao choro – De repente a Samara começou a se sentir mal. No início nós achamos que poderia ser apenas um resfriado. Eu lhe fiz um chá, que ela tomou juntamente com um comprimido antigripal e foi se deitar. Só que, em vez de melhorar, o seu estado só piorou, de modo que eu achei melhor trazê-la para o hospital para consultar. Antes mesmo de concluir a consulta, o médico que a examinou concluiu que ela... – o choro se intensificou, impedindo-a de continuar, por alguns segundos.

— Pelo amor de Deus, Ju... – Patrícia começou a tremer, antecipando os fatos.

— E-eles a levaram... Para o isolamento... Disseram apenas que o quadro clínico dela correspondia aos sintomas iniciais do "Yama"!

Capítulo

XXVII

— Sinto muito! – a enfermeira foi peremptória. – Por questões de segurança, não podemos liberar a entrada de ninguém no isolamento e também não podemos retirar de lá nenhum paciente que esteja em quarentena com suspeitas de contaminação pelo “Yama”.

Resignados, Patrícia e eu tivemos de nos contentar em dar uma breve olhada em nossa filha através de uma sólida parede de vidro translúcido que separava a ala da quarentena, no terceiro andar do Hospital Central, do restante do edifício. Como Samara ainda apresentava os sintomas iniciais da gripe indiana, mas os exames que comprovariam ou não a sua contaminação pelo vírus, em questão, não haviam ficado prontos, ela fora deixada na antessala do setor de quarentena, onde podíamos vê-la através do vidro.

O setor de quarentena se encontrava lotado de pessoas doentes ou suspeitas de haverem contraído o “Yama”.

Samara permanecia de pé, no outro lado do enorme cômodo retangular, sozinha e com o rosto escondido entre as mãos. Supus que devia estar chorando, desesperada e assustada. Eu senti um enorme aperto no peito ao vê-la naquelas condições.

Instantaneamente imaginei a aflição que a pobrezinha devia estar sentindo.

Patrícia, por sua vez, não aguentou e, assim que avistou a filha, desatou em um choro compulsivo e inconsolável.

Ela e Jussara pareciam competir para ver quem chorava mais.

E então aconteceu.

Como se pressentisse a nossa presença, Samara levantou a cabeça, mirando-nos por um segundo. Senti um calafrio ao notar as destacadas olheiras negras que faziam conjunto com a vermelhidão dos seus olhos, o abatimento e a palidez em seu rosto.

Assim que nos viu, ela correu até o vidro aos prantos.

Não conseguíamos escutar nada por causa do isolamento acústico do vidro, mas em um determinado momento, consegui ler nos movimentos dos seus lábios juvenis um silencioso pedido de socorro. Ela queria sair de lá. Queria voltar para nós. Queria voltar para casa.

Com razão, a menina estava com medo do que viria. Do que teria de enfrentar. Ela sentia, por antecipação, medo da dor... Medo do isolamento... Medo da morte...

As mãozinhas se espalmaram no vidro, espelhando as mãos de Patrícia, como se o próprio isolamento não existisse. O simples fato de estarem tão próximas uma da outra, e ao mesmo tempo tão distantes, só fazia a dor e a aflição aumentarem.

E aquilo fez com que Patrícia surtasse de vez. Do nada, ela passou a esmurrar o vidro e a gritar para que a deixassem entrar; que queria ficar com a filha; que não se importava em contrair o "Yama"; e, por fim, que Deus tivesse misericórdia das suas crianças e que a levasse no lugar dos filhos.

Jussara e eu tentávamos consolá-la a todo custo.

Do outro lado vidro, o drama de Samara, ao ver a mãe surtar, se transformou em desespero total. Foi preciso que dois enfermeiros razoavelmente fortes e vestidos em trajes anticontaminação a contivessem e a arrastassem para a sala contígua, fora da nossa vista e de onde ela também não poderia nos ver.

E então os seguranças do hospital chegaram e simplesmente nos expulsaram da sala de espera do setor de quarentena.

Para evitar maiores danos, Jussara e eu precisamos

literalmente arrastar Patrícia para fora dali, pois ela se recusava terminantemente a deixar a filha sozinha, à mercê de estranhos.

Enquanto nós éramos retirados e Samara era conduzida pelos enfermeiros para longe das nossas vistas, voltei a cabeça para o vidro e os nossos olhares se cruzaram pela última vez. Foi só naquele momento que eu percebi o tamanho do terror que a pobre menina estava sentindo, estampado em seu rosto angelical de menina-moça.

Aquela visão me derrubou. Senti as pernas fraquejarem e o ar fugindo dos meus pulmões. Não sei o motivo, mas tudo o que a minha mente conseguiu processar foi a lembrança das palavras de Dona Cláudia em meu último pesadelo:

— Miguel, embora você não acredite, em breve o destino de milhões dependerá tão somente de uma decisão sua. Uma difícil e dolorosa decisão, todavia de suma importância para o futuro de muitos. E é minha obrigação abrir os seus olhos, meu filho amado, ajudando-o a encontrar o rumo certo.

— A senhora pode ser mais específica? Que decisão tão importante é essa que eu precisarei tomar e que poderá influenciar no futuro de tanta gente?

— Você deve ser forte e corajoso para aceitar o seu destino. Lembre-se de que Deus é sábio. Ele escreve certo por linhas tortas, de modo que nós, reles mortais, raramente conseguimos compreender os seus desígnios...

— Mãe, qual é a decisão que eu devo tomar? – indaguei, já a ponto de perder a paciência. Aquela conversa sobre fé e Deus me deixava inquieto.

— Você deve se submeter aos exames de sangue, juntamente com sua família, o quanto antes. E, depois, aceitar com humildade o fardo que será depositado sobre os seus ombros.

— O quê? Que fardo? E se me recusar a fazer os exames ou a aceitar tal fardo?

— *O livre arbítrio é um dom humano. E você é livre para decidir. Mas lembre-se de que a sua recusa acarretará o fim de toda e qualquer chance de salvação para a humanidade... E o cenário de horror que você vivenciou agora a pouco, antes de entrar nesta sala, se transformará em realidade para todos os povos da Terra, sem exceção, dentro de alguns poucos meses.*

Fiquei sem palavras. E o espírito de minha mãe prosseguiu.

— *Agora preciso ir. Adeus, meu filho querido. Vou em paz, pois sei que no final você tomará a decisão correta...*

A decisão correta... Uma escolha difícil, mas que poderia significar a salvação de milhões de vidas e, ao mesmo tempo, se tornaria um pesado fardo para mim...

E então lembrei das palavras do médico ao me pedir que assinasse a autorização para extrair o sangue de Dudu:

— (...) *"O sacrifício do seu filho, de uma única pessoa, pode significar a última esperança de sobrevivência para milhões de outros seres humanos, inclusive de vocês dois e do resto de sua família".*

Não foi preciso muito tempo para que compreendesse o verdadeiro significado daquelas proféticas palavras.

E foi ali, daquela forma esdrúxula, em meio à dor e ao desespero, que me vi na obrigação de tomar uma decisão. A mais difícil e aterradora decisão da minha vida.

Uma escolha drástica que eu sabia, de antemão, que me assombraria pelo resto dos meus dias...

Afinal de contas, não existe dor maior para um pai do que ter de escolher, entre um filho e outro, qual merece viver e qual deve morrer.

Capítulo

XXVIII

A folha de papel tremia em minhas mãos. Os médicos me encaravam com o que identifiquei como uma mescla de tristeza e de ansiedade.

Patrícia e Jussara também me olhavam, com os olhos vazios e avermelhados, já cansados de tanto chorar. Retribuí o olhar, ao que as duas assentiram com a cabeça, em uma muda demonstração de concordância em relação ao que eu estava prestes a fazer.

Olhei para o documento que tinha nas mãos e, novamente hesitei, em busca de coragem. Forcei-me então a relembrar as proféticas palavras de minha falecida mãe, em uma sôfrega tentativa de juntar as forças necessárias para acabar logo, de uma vez por todas, com aquela tortura. Porém foi a imagem do rostinho apavorado de Samara no setor de quarentena, tomada pelo pânico e depois sendo arrastada aos gritos pelos enfermeiros para longe de nós, que me forneceu os subsídios indispensáveis para levar adiante a minha decisão.

— Assine, Miguel! — Patrícia pousou a mão em meu ombro direito, encorajando-me a ir em frente.

Até hoje eu não faço ideia de onde ela tirou tamanha força. Talvez tenha sido um efeito de sua inabalável fé em Deus ou apenas o seu instinto de mãe falando mais alto. Mas o certo é que Patrícia não parecia mais a mulher frágil e delicada com que eu me casara. Transformara-se, de uma hora para outra, em um poço de determinação e de coragem. Havia assinado a maldita autorização e agora me encorajava a também fazê-lo, plenamente ciente das consequências que aquilo traria.

Pensei em Samara, infectada pelo "Senhor da Morte". E depois pensei em Dudu e no que estava prestes a acontecer-lhe.

Fechei os olhos por um segundo e respirei fundo, implorando mentalmente pelo perdão do meu filho.

E, praticamente sem sentir a caneta na mão, assinei a nefasta autorização.

Capítulo

XXXIX

— Obrigado, os senhores tomaram a decisão certa. – o médico mais jovem falou, assim que eu lhe entreguei a autorização devidamente assinada. – Uma sábia decisão, diga-se de passagem, posto que, sem o antídoto, mais cedo ou mais tarde, todos nós acabaríamos padecendo, acometidos pelo vírus assassino, inclusive o garoto.

Limitei-me a assentir com os olhos rasos, ainda atormentado pela dúvida de que realmente tinha tomado a melhor decisão. Perguntava-me ininterruptamente se não haveria mesmo outra alternativa. Se aquilo era real ou se não passava de um terrível pesadelo recorrente, do qual eu poderia acordar a qualquer minuto.

Depois que assinei o documento, Patrícia voltou a desmoronar. Ela recomeçou a chorar e no momento era amparada pela igualmente desconsolada Jussara.

— Querem ver o seu filho agora? – o médico grisalho indagou.

— Miguel, vá na frente. Nós precisamos nos recompor um pouco antes de entrar lá. – Patrícia disse, com a voz embargada. – Não quero o Dudu nos veja assim ...

Concordei e segui os médicos pelo extenso corredor até o quarto onde meu filho supostamente descansava.

— Sinta-se à vontade. Nós vamos ao centro cirúrgico preparar tudo. Acredito que em meia hora já estejamos prontos para iniciar o procedimento. – observou o médico mais jovem.

— Fique tranquilo, eu lhe garanto que o seu filho não sentirá dor alguma. Nós temos em nossa equipe um dos

melhores anestesistas do país. O Eduardo sequer vai estar consciente quando iniciarmos a retirada do seu sangue. Se quiser, o senhor pode inclusive acompanhá-lo no centro cirúrgico. – afirmou o mais velho.

Não sei o porquê, mas aquilo não foi capaz de me tranquilizar. Pelo contrário, me deixou ainda mais destruído por dentro, como se finalmente a ficha tivesse caído e eu acordado para o fato de que estava prestes a encarar os últimos minutos junto ao filho que tanto amava.

A sensação era de que quem estava morrendo, de fato, era eu.

Respirei fundo, contendo o ímpeto que sentia de sair correndo dali, de sucumbir ao pranto ou de voltar atrás, pegar o meu filho e deixar aquele lúgubre lugar. Um luxo do qual, para minha consternação, não dispunha.

Usando de sensatez, concluí que precisava ser forte e manter a lucidez.

O meu filho encontrava-se do outro lado daquela porta e, no presente momento, ele precisava de mim mais do que nunca. Concentrei-me por alguns segundos e, sem responder aos médicos, entrei no quarto.

O garoto encontrava-se sentado na cama, lendo uma revista em quadrinhos. Ao vê-lo assim, tão sereno e em paz, esbanjando saúde e vida, apesar das circunstâncias e do lúgubre local onde nos encontrávamos, senti uma avassaladora fisgada no peito, como se um punhal penetrasse fundo o meu coração, dilacerando-o em mil pedaços.

Alheio aos meus sentimentos e conflitos internos, Dudu sorriu feliz ao me ver.

— Papai! – ele largou a revistinha e saltou da cama para os meus braços.

Nunca, em toda a minha vida, eu dei tanto valor a um abraço.

Se, por um lado, eu sentia-me momentaneamente reconfortado por poder pegar o meu filho no colo, sentir o calor de seu abraço, assim como seu amor incondicional

e puro, por outro lado sentia um incomensurável remorso por não ter dado o devido valor a esse tipo de coisa antes. É como as pessoas costumam dizer por aí: somente valorizamos aquilo que temos, quando nos vemos na iminência de perdê-lo.

Se dependesse de mim, teria ficado assim para o resto da eternidade, abraçado ao meu filho. Mas esse era outro luxo que não me seria permitido.

— E então, garotão... Tudo bem? – forcei-me a dizer, da maneira mais tranquila que me foi possível.

— Tudo! – o menino respondeu alegre, apontando entusiasmado para o sofá onde repousava uma caixa de papelão com duas dúzias de revistinhas como a que ele estava lendo quando cheguei. – Sabia que eu ganhei um pote inteiro de sorvete e um montão de gibis do pessoal do hospital?

— Que bacana... – foi tudo o que consegui dizer, antes de um nó se formar em minha garganta ao intuir que a maioria daquelas revistinhas jamais seria lida.

Sentei-o na cama. E ele me encarou, agora mais sério, olhando ao redor como se procurasse por algo.

— Cadê a mamãe?

Eu já me preparava para dar uma desculpa qualquer, quando a porta se abriu e, para a alegria do menino, Patrícia entrou acompanhada por Jussara. A despeito das profundas olheiras e dos olhos avermelhados, nada nelas exteriorizava a magnitude da agonia que estavam sentindo.

Entraram sorrindo e abraçaram Dudu.

Eu me afastei e deixei as duas mulheres sentarem-se sobre a cama, uma de cada lado do garoto.

— Mamãe, sabia que Jesus falou comigo enquanto eu dormia? – Dudu disparou.

Inconscientemente eu me retraí. Falar sobre Deus naquele momento só me fazia lembrar do quanto me sentia traído por Ele. E, de que tudo o que estava acontecendo, a calamidade que assolava o mundo e, principalmente, a nossa desgraça particular eram culpa Dele.

Pelo menos era assim que eu pensava...

Entrementes, sensato, procurei não esboçar nenhuma reação que denunciasse os meus verdadeiros sentimentos.

— É mesmo? E o que Ele disse? – Patrícia indagou serena.

— Disse para eu ser forte e não ter medo, pois acontecesse o que acontecesse Ele sempre estaria comigo. E falou também que eu havia sido escolhido para uma coisa muito importante. O que isso quer dizer?

Patrícia dirigiu um rápido olhar de cumplicidade para Jussara. Notei que as duas ficaram abaladas com a pergunta, mas logo se recuperaram.

— Quer dizer que você não precisa se preocupar com nada, meu querido! – as palavras saíram arranhadas, como se a garganta dela contivesse arame farpado.

— Nossa! Quantas revistas legais... – Jussara falou, em uma tentativa de desviar o assunto, sentando-se ao lado da caixa de papelão no sofá.

— Os médicos que me deram. Disseram que posso ficar com todas elas. Se quiser tia, posso te emprestar algumas, mas você tem que cuidar para não estragar – Dudu completou sério, provocando risos em todos nós.

Durante a meia hora seguinte nós três adulamos o garoto de todas as maneiras possíveis e imaginárias. Nunca o tempo passou tão rápido. Por alguns momentos, até esquecemos de onde estávamos e porque estávamos ali. Só acordamos para a dura e cruel realidade, quando uma enfermeira entrou no quarto, empurrando a maca sobre rodas que conduziria Dudu até o Centro Cirúrgico.

— Vamos dar uma volta amiguinho? – a mulher sorriu para Dudu.

Ele olhou-nos com os olhinhos brilhando de satisfação, sem sequer imaginar o que realmente o esperava no fim do inusitado passeio.

— Vá indo na frente, meu amor – Patrícia sorriu para ele, ao mesmo tempo em que me dirigia um sugestivo

olhar. – Nós iremos em seguida. Mas antes eu quero um beijo.

Feliz da vida, o garoto abraçou e beijou-a, saltando em seguida para a maca.

E a enfermeira o conduziu porta fora.

Assim que o nosso filho deixou o quarto sobre a maca, Patrícia foi acometida por uma forte tontura. Revirou os olhos e desmaiou. Jussara e eu prontamente corremos para atendê-la. Juntei-a do chão e a coloquei na cama, ainda desacordada.

Jussara pegou uma revistinha e passou a abaná-la.

— A pressão do momento foi demais para ela. Para falar a verdade, não sei como nós duas conseguimos nos manter firmes até agora... – Jussara comentou, novamente cedendo ao pranto. – Vá com eles, Miguel. Eu fico aqui com ela.

— Mas... – ainda tentei argumentar.

— No fundo eu acho que será melhor assim. Se ela não ver, guardará na memória apenas as lembranças boas do filho. Agora vá, Miguel... O Dudu precisa mais de você do que nós!

Eu refleti por um instante e concluí que ela tinha razão.

Sentindo-me zozzo, e sem conseguir raciocinar direito, lancei-me aos tropeções pelos corredores atrás da maca que propiciava ao meu filho o seu último e derradeiro passeio.



Capítulo

XXX

Atravessamos em silêncio os corredores do hospital, rumo ao centro cirúrgico. Só eu sei a angústia proporcionada por cada passo dado que, em suma, representava uma maior proximidade do supremo sacrifício de Dudu. Parecia que aquelas paredes, de súbito, haviam se transformado em hediondos monstros que queriam nos agarrar e nos devorar. Imaginei que devia ser assim que se sentiam os criminosos condenados à pena capital, ao serem conduzidos rumo à sua execução através dos corredores da morte.

Mas que diabos! Aquilo tudo parecia tão insano e surreal que, em determinados momentos, eu podia jurar que me encontrava no meio de um terrível pesadelo e que no instante seguinte acordaria para encontrar tudo como sempre fora. No entanto, a cada novo passo, a realidade retornava cruel e avassaladora, com seus fantasmas.

Droga! Não era de nenhum assassino degenerado que estávamos tratando, e sim de Dudu, o meu filho querido, um inocente garotinho de seis anos, cujo único crime pelo qual estava sendo condenado à morte era tão somente o fato de ser o portador de algo capaz de salvar a humanidade.

Apesar de me sentir totalmente destroçado por dentro, eu procurava me manter firme e forte por fora, pois tinha consciência de que só assim seria capaz de transmitir a segurança e a paz que o garoto tanto necessitava.

Já Dudu, talvez por achar que só estava dando uma volta a fim de realizar mais exames, não demonstrava qualquer sinal de desconforto ou de medo. Cada sorriso

que ele me dirigia era como uma punhalada certa no coração. Eu até tentava, mas era quase impossível devolver na mesma medida. A minha boca sorria, enquanto a alma chorava, estilhaçada como vidro partido.

Quando chegamos ao final do passeio, instintivamente hesitei. A impressão que tinha era de que as duas enormes portas do Centro Cirúrgico haviam se transformado em uma gigantesca boca de dragão ansiosa por nos devorar a todos. O calafrio que me percorreu o corpo inteiro, dos pés à cabeça, originava-se no simples fato de saber o que nos esperava lá dentro: a maldita Dama de Vestes Negras com a foice com quem sonhara algum tempo atrás. Não sei como explicar, mas podia senti-la atrás daquelas portas, sorrindo para mim vitoriosa.

Entramos.

Uma equipe médica e de enfermagem completa nos aguardava a postos. Os dois líderes, os médicos que eu tão bem conhecia, cumprimentaram-me com as cabeças.

Recusei-me a devolver os cumprimentos.

Eduardo foi retirado da maca e rapidamente vestido com um avental hospitalar.

Concluída essa primeira etapa, o garoto foi instruído a deitar-se sobre a mesa central, enquanto a enfermeira-chefe, uma senhora de meia-idade e às vésperas da aposentadoria, com olhar triste e feições carrancudas, preparava-se para inserir-lhe uma grossa agulha na veia. Todos ali estavam cientes do que aconteceria. Talvez, por isso, se abstinham de falar. O silêncio reinava absoluto.

O tal anestesista de quem os médicos haviam falado também já estava a postos em um canto da sala, preparando a droga a ser administrada.

— Papai, o que está acontecendo? Cadê a mamãe? — Dudu indagou-me baixinho.

Segurei a sua mãozinha e expliquei-lhe que tanto Patrícia quanto eu o amávamos muito. E que apenas eu estava ali com ele porque Patrícia e Jussara tinham ido ver Samara que igualmente estava internada no mesmo

hospital. Mas que ele podia ficar tranquilo, pois logo as três se juntariam a nós. E também menti descaradamente que ele não precisava ficar com medo, porque nós jamais permitiríamos que algo de ruim lhe acontecesse.

Embora falar aquilo tenha servido para aumentar ainda mais a minha sensação de culpa, no garoto surtiu o efeito desejado. Pareceu acalmá-lo.

Durante todo o tempo que durou o processo de punção no braço, Dudu manteve-se firme, encarando a agulha com uma coragem e determinação que me encheram de orgulho. Apenas fez uma pequena careta de dor quando a agulha perfurou-lhe a pele, mas logo voltou ao normal. Nenhuma lágrima. Nenhuma demonstração de medo. Só quando o sangue começou a deixar o seu corpo e se acumular em uma grande bolsa plástica presa sob a mesa, foi que demonstrou o primeiro sinal de insegurança.

– Pai, antes, quando eu estava sozinho e Jesus me visitou, Ele me falou que isso iria acontecer... – confabulou ele, com uma ponta de receio na voz. – Que era preciso e que eu devia ser corajoso e forte. Mas estou com medo... Eu não quero morrer!

Uma lágrima solitária rolou pelo seu rostinho infantil. Os olhinhos cravados nos meus, em uma muda súplica para permanecerem abertos.

Foi naquele exato instante que eu compreendi a extensão da besteira que tinha feito ao assinar aquela nefasta autorização.

Que era o meu filho que estava ali, naquela mesa, doando a própria vida em prol de pessoas que nem conhecíamos e sem sequer saber o que estava acontecendo.

O anestesista se aproximou da mesa cirúrgica trazendo consigo uma seringa que eu calculei conter a suposta anestesia.

Num piscar de olhos compreendi que estava tudo errado. Que não era aquilo que eu queria. E o arrependimento finalmente se fez presente, com toda a intensidade.

— Parem tudo! – gritei desconsolado, empurrando os médicos e enfermeiras que rodeavam Dudu e corri em

volta da mesa, tentando chegar até o lado oposto a fim de arrancar a agulha que, aos poucos, drenava a essência vital de meu filho.

Rápidos como um raio, dois enfermeiros fortes saltaram em minha direção e me contiveram antes que eu alcançasse o objetivo.

— Isto está errado! – gritei exasperado, totalmente descontrolado. – Ele é apenas uma criança... Tirem essa maldita agulha de seu braço!

Conseguí livrar o meu braço direito e, girando o corpo, acertei um forte soco no nariz do mais baixo dos enfermeiros. O sujeito urrou de dor enquanto cambaleava alguns passos para trás, levando a mão instintivamente ao rosto. Por entre os seus dedos escorreu um rio de sangue, indicando que o nariz estava quebrado.

O colega dele me segurou como pôde, com uma imobilizadora chave de pescoço, enquanto os dois médicos tentavam me acalmar.

— Senhor Miguel... Por favor, controle-se. Senão seremos obrigados a retirá-lo daqui! – disse o mais novo.

Dudu observava a cena atônito, completamente apavorado. Tentou sentar-se na mesa cirúrgica, mas foi contido pela enfermeira-chefe.

Encarar os olhinhos do meu filho tão assustados, me fez transbordar de ira.

— Seus assassinos de m...! – berrei a plenos pulmões, pouco me lixando para as regras de boas maneiras. – Soltem o meu filho agora! Eu não vou permitir que vocês cometam tamanha atrocidade com ele!

De repente, três seguranças entroncados entraram correndo e me arrastaram, à força, para fora do Centro Cirúrgico. Eu esperneava e gritava, mas nada foi capaz de impedir que o fizessem.

Aos ver os brutamontes me retirarem daquela maneira da sala, Dudu entrou em desespero e também começou a chorar, espernear e gritar.

— Papai... Estou com medo! – escutei entre os berros dos médicos e enfermeiros. — Papai volte... Por favor, não me abandone! – ainda consegui ouvir, enquanto sentia as mãos fortes dos seguranças do hospital me arrastando para longe.

Aquelas palavras calaram fundo em meu coração. Reunindo uma força que até ali julgava incapaz de possuir, dei um forte puxão nos braços e torci o corpo. Livrei-me dos seguranças e corri de volta na direção do leito onde jazia o garoto.

Foi quando algo me acertou nas costas.

No início senti apenas uma fisgada, mas então uma forte descarga elétrica me atravessou. Senti o corpo inteiro ser acometido por espasmos, seguidos por uma forte tontura, perdi as forças e desabei no chão, totalmente refém do "Taser"⁴(*).

De repente, a minha mente anuviou por completo. Não vi e nem ouvi mais nada. E o mundo a minha volta mergulhou na mais profunda escuridão.

4 (*) **Taser** = arma de eletrochoque, não letal, que dispara uma descarga elétrica de alta tensão capaz de imobilizar momentaneamente uma pessoa.



Capítulo

XXXI

Aabri os olhos e subitamente retornei à catedral onde estava sendo celebrada a missa de primeiro ano do falecimento do meu amado filhinho Eduardo. Uma singela homenagem ao sacrifício de um garoto de seis anos que possibilitara a sobrevivência de milhões de pessoas. Com o sangue dele, os cientistas haviam conseguido produzir uma quantidade de antídoto mais do que suficiente para imunizar as populações das treze nações do continente sulamericano contra o "Yama". Fazia cerca de 11 meses que nenhuma morte que pudesse ser atribuída ao vírus assassino era relatada.

Senti uma lágrima solitária a rolar pela minha face, ao mesmo tempo em que um forte aperto comprimia o meu coração. Olhei em volta, mais uma vez, e novamente reparei nas poucas pessoas que haviam comparecido à cerimônia pública que visava honrar a seu salvador – como passaram a chamar o Dudu – em atitudes cada vez mais distantes ou desrespeitosas. A maioria sem prestar a mínima atenção ao sermão.

Elas riam e conversavam entre si ou distraíam-se lendo qualquer bobagem que tivessem ao alcance das mãos. A maioria parecia ter esquecido o motivo real daquela cerimônia pública. Outras haviam preferido aproveitar o feriado para ficarem em suas casas dormindo ou então para passearem com as famílias ou assistir ao futebol pela televisão.

Os bancos de madeira da igreja permaneciam quase vazios. E das poucas almas que haviam comparecido à

missa naquela manhã, tirando a família e os amigos mais próximos, o restante parecia estar ali apenas para cumprir com a sua obrigação religiosa semanal, um mero compromisso social sem qualquer relevância maior. Era como se não estivessem dando nenhuma importância ao evento em si, ou ao que ele significava para elas próprias e principalmente para nós.

Revoltado e inconformado com tamanha indiferença, dirigi os olhos para o altar.

Contemplei a foto de Dudu, quando, na verdade, a minha vontade era de parar tudo, subir em cima do banco onde estávamos sentados e gritar bem alto, para que o mundo inteiro escutasse: "Parem! Parem de ler e de conversar uns com os outros, e demonstrem um pouco de respeito por nós, pela nossa dor e por aquele que os salvou. O meu filho Eduardo, de seis aninhos, que morreu por vocês, seus ingratos! Será que ninguém aqui se importa com isso?".

Percebendo a minha inquietação, Patrícia, sempre atenta, apertou firmemente a minha mão enquanto dirigia-me um minguido sorriso de consternação.

Devido à forte convicção religiosa, ela há muito tinha aceitado e se conformado com o destino do nosso filho.

Mas para mim, ateu convicto, era muito mais difícil.

A dor e o inconformismo corroíam a minha alma todos os dias. E a culpa então, era ainda pior. Dilacerava-me por dentro. Sim, eu me condenava todos os dias como o grande culpado pela morte do meu filho. Por ter assinado aquele maldito documento e depois ter permitido que extraíssem o seu sangue até a última gota. Sinceramente eu acreditava que havia indiretamente matado o meu menino, no momento em que concordara com aquela insanidade descabida.

Nem mesmo o fato de Samara ter sido salva graças ao antídoto produzido com o sangue do irmão, servia-me de consolo.

Para mim nada mais restara senão o desgosto e o remorso.

Abaixei a cabeça e, mergulhado cada vez mais fundo no abismo da dor, lembrei-me de todas as pessoas que havíamos perdido naquele holocausto de um ano atrás. Um a um, os seus rostos desfilaram pela minha mente atormentada, o que serviu para aumentar ainda mais a minha angústia.

A primeira imagem foi a de minha mãe. A saudosa e querida Dona Cláudia, que, mesmo doente e entevada numa cama, previra a desgraça antes que ela acontecesse e tentara me prevenir, tanto em vida, como depois de morta. Então, seguindo o cortejo mental, passei a vislumbrar a face sorridente e brincalhona do meu cunhado Eliseu e também os semblantes serenos e repletos de amor dos meus sogros, Dona Maria e seu Diógenes, ambos arrancados brutal e subitamente do nosso convívio pelo tenebroso "Yama", o Senhor da Morte, a nefasta gripe assassina indiana que dizimara um terço da raça humana em tão curto intervalo de tempo.

E então o meu pensamento se voltou para os dois bilhões de pessoas, de todas as idades, raças, cores, credos, classes sociais e ideologias políticas que haviam perecido, acometidos pelo "Mal do Milênio", antes que fosse encontrada a cura definitiva. Uma dura e terrível experiência que a humanidade jamais esqueceria. Uma dura lição a ser perpetuada e repassada às futuras gerações até o "Fim dos Tempos" para que não se repetissem os mesmos erros novamente e nunca mais precisássemos passar por algo semelhante.

Pelo menos era isso o que eu pensava no início.

No entanto, apenas alguns meses depois do fim da praga, a realidade se sobrepôs à utopia e as pessoas voltaram a agir da mesma forma irrefletida que antes. Era como se o homem não tivesse aprendido nada com o "Yama".

A ganância e a violência, a fome por poder e o culto ao dinheiro, as guerras e o banditismo, as diferenças e a discriminação, o racismo e o preconceito, o descaso e o desrespeito para com a Mãe Natureza, a poluição e as

matanças indiscriminadas de animais em risco de extinção, a exploração dos recursos naturais e a degradação do meio ambiente retornaram com a mesma velocidade e intensidade com que haviam desaparecido no auge do apocalipse viral.

Resumindo: a raça humana mais uma vez simplesmente ignorou a lição e voltou a ser a mesma inconstante de sempre.

Levantei a cabeça e encarei o rostinho inocente e meigo de Dudu estampado no porta-retrato sobre o altar. Uma segunda lágrima juntou-se à primeira e, em seguida, muitas outras banharam-me a face.

Olhei além. E, por trás do retrato de meu filho, visualizei a enorme estátua, em tamanho natural, do Cristo Crucificado. Encarando-a fixamente, com os olhos ainda embaçados pelas lágrimas e o estômago embrulhado de tanta amargura, pela segunda vez, durante a missa, indaguei ao excelso ser de pedra:

"Por que permitistes isso? Onde tu estavas quando o Dudu mais precisou de ti? Onde tu estavas quando Eliseu, minha mãe e os pais de Patrícia mais precisaram de ti? Onde tu estavas quando eu mais precisei de ti?"

De repente fui assolado por uma insuportável dor no peito, a qual seguiu-se uma tontura tão forte quanto aquela que me toldou os sentidos, após ter sido atingido pelo "taser", no fatídico dia em que meu filho morreu.

Um milionésimo de segundo depois encontrava-me estirado no chão gelado da igreja, uma vez mais arrancado da insólita realidade e lançado na névoa benevolente das trevas.

Capítulo

XXXIII

Aos poucos retornei à consciência. Constatei que ainda me encontrava no chão frio da catedral.

A cabeça latejava e as minhas forças pareciam ter-me abandonado. Tentei sentar e senti uma súbita vertigem. Estiquei os braços na esperança de que me ajudassem a levantar, mas ninguém se prontificou. Gemi e implorei por auxílio. Foi em vão.

Mesmo tonto como estava, eu pressenti que algo ali estava errado, muito errado. Porém não era capaz de identificar o quê. Só quando finalmente consegui sentar-me no chão frio foi que descobri o motivo real de meu desconforto e da negligência das pessoas em me ajudar. O problema residia no fato de que não havia pessoas. A greja encontrava-se vazia. Completamente vazia. Exceto eu, nenhum outro ser vivente se fazia presente no templo, agora repleto de bancos vazios.

Também me chamou a atenção o fato de que eu já não me encontrava mais na primeira fileira de bancos onde tinha sentado no começo da missa, e sim no meio do santuário. E o pior de tudo: não fazia a menor ideia de como tinha ido parar lá.

Fui tomado por uma grande confusão ao constatar esse estranho fato. Até onde me recordava, quando desmaiei encontrava-me na primeira fileira de bancos e a nave não estava lotada, mas também não estava vazia.

Confuso, perscrutei cada centímetro do lugar em busca de uma explicação lógica para aquela doidice.

As enormes portas frontais permaneciam abertas, assim como as duas aberturas laterais do prédio. Lá fora era noite. Muito estranho. Quando desmaiei era de manhã. Virei-me para o lado oposto. O altar permanecia igual, ainda enfeitado com o porta-retrato ostentando a singela fotografia do Eduardo, e que jazia em meio às flores e às velas, que continuavam acesas. Entrementes, o padre que deveria estar celebrando a liturgia não estava lá, nem os coroinhas que o auxiliavam ou as beatas que cantavam.

Também não havia som algum, nem dentro do templo e nem fora dele.

E, para piorar, uma sombria penumbra dominava o ambiente, deixando tudo em tons de cinza, preto e branco. Era como se o mundo inteiro houvesse mergulhado no mais profundo silêncio e, por alguma razão desconhecida, perdido a cor.

Enfim, era como se o próprio tempo tivesse parado e eu me encontrasse agora, sozinho e perdido, em uma outra dimensão.

Só então lembrei de minha família...

“O que diabos está acontecendo aqui?” – indaguei-me assustado. – *“Para onde foi todo mundo? Onde estão Patrícia, Samara e Jussara? E o padre? E as outras pessoas?”*.

Fechei os olhos e sacudi a cabeça de um lado para o outro, imaginando que ainda deveria estar desmaiado e, conseqüentemente, aquilo tudo fazia parte de um sonho ou de uma espécie qualquer de pesadelo gerado pela alucinação pós-traumática da perda de meu filho.

Ao abri-los novamente, nada mudou. A igreja continuava deserta, na penumbra e em tons de cinza. Nenhuma viva alma para me fazer companhia.

Sentei-me no primeiro banco que encontrei. E quando lembrei da intensa dor no peito, uma ideia um tanto macabra passou pela minha mente.

Senti um calafrio.

Das duas uma: ou estava morto e me encontrava numa espécie de purgatório ou a minha mente havia entrado em colapso e eu estava em meio a um surto de loucura.

Apalpei-me e me belisquei. Senti dor. Então deduzi que não devia estar morto. E à beira do desespero, concluí que havia perdido o juízo.

Sim, a única explicação plausível para aquela bizarrice toda era que eu deveria estar ficando louco. O desgosto, o pesar e a dor da culpa pela trágica morte do meu filho caçula enfim cobraram o seu preço. A pressão psicológica pela perda e o remorso por ter consentido que o matassem, embora no fundo eu soubesse que nada poderia ter sido feito diferente, haviam me roubado a sanidade.

E o que aconteceu a seguir serviu apenas para corroborar essa conclusão.

— Por que permitistes tamanha crueldade? — indaguei em voz alta, encarando o rosto pétreo de Jesus e dando vazão à crescente revolta que me queimava por dentro. — Onde estavas, quando o “Senhor da Morte” estendeu as suas garras sobre a Terra, e sobre os teus filhos? — perdi o controle e passei a gritar. — Que espécie de Pai é você, capaz de ser tão cruel e frio a ponto de permitir que milhões dos seus filhos morram de modo tão bárbaro? Como pôde se omitir como fizestes? Ou pior, como permitistes que o Dudu, uma criança inocente de seis anos fosse sacrificada, de forma tão atroz, para salvar as vidas dos demais? As vidas de milhões de pessoas que nem ao menos são capazes de lembrar que um dia ele existiu ou que as salvou. E os poucos que ainda se recordam, não dão à mínima? — as lágrimas agora rolavam soltas pelo meu rosto amargurado. — Por que não respondes, *Senhor*? — aquela última palavra saiu em tom desdenhoso.

Eu continuava encarando a estátua de pedra atrás do altar, quando, de repente, para a minha perplexidade, percebi que os olhos de Jesus se abriram, encontrando os meus. Olhos brandos, penetrantes e que irradiavam um amor puro e incondicional.

O susto causado por aquela inesperada visão me emudeceu. Fiquei petrificado de horror. Então tive a certeza absoluta de que havia enlouquecido de vez, quando O vi se desprender da cruz, descer até o chão e começar a andar calmamente através da igreja vazia em minha direção.

Capítulo

XXXIII

Sobressaltado, percebi que enquanto Jesus caminhava o seu corpo pétreo e rijo ganhava consistência e elasticidade. Aos poucos transmutava-se de pedra em carne, e os seus passos ficavam mais suaves e firmes.

Aquilo fugia completamente de tudo o que eu poderia ser capaz de aceitar como crível ou lógico. A minha primeira reação foi a de tentar me levantar. Se pudesse teria saído dali correndo, mas estava completamente paralisado de medo. O meu coração parecia que iria saltar do peito a qualquer momento de tão rápido que batia e gotas de suor gelado escorriam pela minha testa e pelas minhas costas, provocando arrepios na coluna. Também sentia as pernas bambas e as mãos trêmulas e formigando.

Então senti o suave perfume de rosas que inundava o ambiente.

— Impossível... I-isto é uma loucura! — sussurrei a um fio de voz, desacreditando completamente em meus olhos e nariz.

Contraopondo-se a esta minha última conclusão, e indiferente à minha reação de incredulidade, Jesus continuou avançando pelo corredor até atingir o meio da igreja onde eu me encontrava.

Sorriu para mim e se sentou ao meu lado, no mesmo banco. Reparei que todo o seu corpo brilhava, envolto por uma espécie de aura azulada. Senti, subitamente, uma paz de espírito como há muito tempo não sentia. A simples presença Dele transmitia uma energia tão intensa e apaziguadora que, por si só, foi suficiente para confortar alma e mente.

Naquele momento lembrei novamente da insuportável dor no peito. E o sinistro pensamento de pouco antes retornou com toda força.

— E-eu estou morto? É isso? – indaguei assustado.

— Olá, Miguel! – a sua voz era calma e suave. – Não temas. Não estou aqui para fazer-te mal. Pelo contrário, a minha intenção é tão somente ajudar-te... Vim para responder às tuas perguntas. Para começar, referente ao fato de estares morto e ao de te encontrares em minha presença neste momento ser legítimo ou apenas um fruto da tua imaginação, o que te direi serve igualmente para ambos: bem aventurados são os que crêem, pois para eles tudo é possível.

— Hum... Não entendi. E-eu estou morto ou não? – eu refiz a pergunta que tanto me atormentava.

— Quando compreenderes que essa rápida passagem pela Terra a qual chamas de “*vida*” é somente isso: uma breve, contudo necessária, transição pela carne rumo à ascensão evolutiva do teu espírito; e que o seu fim significa apenas o começo da tua verdadeira “*vida*”, da tua verdadeira jornada rumo ao Pai e ao Paraíso, saberás que a “*morte*”, como tu a entendes, não existe de fato.

Fiquei perplexo, completamente zozzo. E continuei sem entender bulhufas.

Novamente estava em dúvida se aquilo tudo fazia parte de um sonho, de uma alucinação em que vivenciava, o que os teólogos e exegetas chamavam de *epifania*⁵(*), ou se eu realmente havia batido as botas e aquele lugar era uma espécie de antessala do Céu.

Foi então que resolvi ceder à insanidade e me deixar levar por ela para ver até onde aquela loucura poderia ir.

— V-você é mesmo real ou estou ficando louco? – gaguejei um tanto incrédulo.

— Eu sou tão real como tu ou o Reino do nosso Pai Azul. – Jesus esticou o braço direito em minha direção. –

5 (*) **Epifania** = do grego “Epiphanei” e do latim “Epiphania”, significa “aparição ou manifestação divina”.

Toque-me e confirme. Não temas, Miguel. Pode tocar à vontade.

Uma tremenda confusão se instalou em minha mente, conflitando a minha tão arraigada convicção ateísta com a inegável presença Dele ao meu lado.

Por um instante eu não soube o que pensar ou como reagir.

Hesitante, aproximei os meus dedos do braço dele e toquei-o.

A energia que senti penetrar-me pela ponta dos dedos foi tão forte que afastei a mão bruscamente, como se tivesse tomado um choque elétrico de alta voltagem, mas nada senti realmente além de uma forte vibração e um intenso calor, seguidos de uma indescritível sensação de bem-estar. Porém o que mais me assustou foi o fato de Ele aparentemente ser de carne e osso (?).

Instantaneamente as minhas lágrimas secaram e o medo evaporou junto com a revolta e a amargura. E, naquele momento ímpar e sublime, a chama da compreensão começou a se acender em meu coração.

De súbito, eu compreendi a verdade como ela se apresentava. Nua e crua. E, por fim, aceitei que tinha diante de mim o Filho do Homem, em pessoa.

Mas ainda não estava plenamente convencido de que aquilo tudo não era fruto de uma alucinação produzida pela minha mente psicologicamente perturbada. E por isso juntei coragem e indaguei-lhe:

— S-se você é realmente quem afirma ser, responda-me então: por que permitiu que o “Yama” surgisse e ceifasse tantas vidas inocentes?

— Querido Miguel, nunca ouvistes a famosa expressão: “*Deus escreve certo por linhas tortas*”? – Jesus respondeu sorrindo.

Os seus amendoados olhos castanhos da cor do mel, fixos nos meus, davam-me a impressão de perscrutarem cada cantinho obscuro de minha alma, revelando todos os meus segredos, ao mesmo tempo em que tinham a capaci-

dade de me transmitir uma paz interior como nunca antes havia sentido.

Ele encarou-me sério, sem piscar ou desviar os penetrantes olhos cor de mel, e continuou.

— Pergunto-me se um dia os habitantes da Terra entenderão que os desígnios do Pai Celestial estão, assim como sempre estarão, anos-luz além de sua compreensão?

— Desculpe-me senhor, mas não compreendo direito o que diz.

— Querido Miguel, neste momento, porém, cabe a ti entender apenas que tudo, absolutamente tudo o que acontece na Terra, assim como no Universo em que ela está inserida, faz parte de um plano maior. Em verdade eu te digo que nada acontece por acaso. Nem uma folha se solta da árvore ou sequer uma gota de chuva cai do céu sem que isso antes tenha sido escrito pelo Pai Azul nas páginas do Livro do Destino. Ao ser humano comum, portanto não cabe compreender, e tampouco questionar, cabendo tão somente aceitar o que lhe foi predestinado.

— Não consigo acreditar que algo tão hediondo como o "Yama" possa fazer parte de qualquer *Plano Divino*. – divaguei.

— Como eu disse: os desígnios do Pai encontram-se muito além da compreensão humana. – Jesus encarou-me complacente. – Acontece que, de tempos em tempos, a humanidade precisa ser lembrada de que não está sozinha no Universo. De que existe alguém, um Ser Maior, a olhar e a zelar por ela. – Jesus prosseguiu. – Em outras palavras: de tempos em tempos, o homem desvia-se de seu eixo evolutivo primordial, de modo que precisa ser imediatamente reconduzido de volta a ele.

— Como assim? – interpelei cada vez mais confuso.

— É como o pai que aplica um castigo ao filho que protagoniza uma arte. Ele não o faz por querer mal a esse filho. Pelo contrário, o amor é a fonte que move os atos desse pai que, ao castigar o seu filho, está educando-o e guiando-o em sua evolução.

— E o que foi que nós fizemos de tão errado a ponto de merecermos o “Yama”? – deixei escapular.

— Ao longo de sua existência, a raça humana, por inúmeras vezes simplesmente perdeu o rumo da própria evolução e “Nós” precisamos intervir para redirecioná-la ao caminho certo. Exemplos disso são as múltiplas passagens das Escrituras Sagradas de todas as culturas em que “Nós”, pessoalmente, ou indiretamente através de “nossa gente”, os famosos “anjos”, “deuses da antiguidade” e demais emissários divinos, nos fizemos presentes. A última vez que isso ocorreu foi há pouco mais de dois mil anos, quando a coisa ficou tão feia que eu me vi na obrigação de interferir pessoalmente, tornando-me carne e experimentando a “vida” na Terra, como um de vocês.

Eu estava estupefato. Cada vez mais me convencia de que aquilo não poderia ser apenas um sonho. Que era muito mais do que isso...

E Jesus prosseguiu.

— A real intenção da minha encarnação terrena jamais foi, como tantos crêem, a de redimi-los dos seus pecados e conduzi-los diretamente para o Paraíso, mas sim a de fornecer-lhes o endereço, para que vocês próprios, através da sua fé e das suas ações, pudessem desbravar o longo e maravilhoso caminho até a Casa do Pai sozinhos. No começo esse projeto fluiu relativamente bem, mas com o transcurso do tempo, novamente vocês perderam o rumo. Aos poucos foram esquecendo os meus ensinamentos. E outra vez o homem se desviou do caminho evolutivo. Perdeu de vista o endereço que lhe forneci, e passou a buscar pelo Reino do Pai onde o mesmo jamais poderia ser encontrado.

— E qual é o verdadeiro endereço de Deus? – eu prontamente ambicionei saber, tomado por uma súbita curiosidade.

— Um autor oriental, não cristão, certa vez escreveu uma fábula que, apesar de ser fantasiosa e poética, ilustra perfeitamente o que estou dizendo.

“Deus, após criar a Terra, os mares, os céus e tudo o que neles há, os animais e o homem, resolveu morar com suas criaturas. Tempos depois, começou a se cansar da malfadada experiência, visto que ninguém O louvava ou agradecia. Apenas se aproximavam Dele para se queixarem. Dia e noite queixavam-se das esposas, dos maridos, dos filhos, dos pais, da sogra, dos vizinhos. Queixavam-se incansavelmente os inconformados, os endividados, os doentes e os pobres. Tantas eram as queixas que tinha até mesmo quem se queixasse por não ter queixa alguma a fazer.

Em vista disso, Deus resolveu fugir do convívio dos homens e foi ter com a sua Corte Celeste. Ao comunicar aos seus a sua decisão, um Arcanjo sugeriu que Ele se escondesse no topo do Monte Everest. E o Senhor argumentou que pouco adiantaria, pois algum alpinista, em um futuro próximo, acabaria por encontrá-lo lá. Então vá para a Lua ou para algum planeta desabitado, propôs outro Anjo. Também isso não adiantará, alegou o Pai, pois em breve não existirá lugar algum no Universo que a humanidade não seja capaz de alcançar.

Ao escutar aquilo, o mais antigo e sábio dos Arcanjos se apresentou diante de Deus e se pronunciou:

— Eu sei de um lugar secreto, onde apenas os merecedores de vossa glória o encontrarão, Senhor. Esconda-te dentro do coração dos homens e os ímpios jamais O encontrarão!

E assim fez Deus. Escondeu-se no coração dos terráqueos. Por isso, até hoje a grande maioria dos homens erroneamente continua, em vão, a procurar pelo Pai fora de si e, conseqüentemente, não O encontra...”.

— Isto quer dizer que... – eu estava maravilhado, totalmente absorto por aquela bela história e também pelas implicações do que acabara de ouvir.

— Que vocês simplesmente esqueceram o endereço do Pai, o verdadeiro, aquele que Eu lhes forneci há dois mil anos atrás. Continuam procurando por Deus fora, nos seus templos, igrejas, mesquitas e sinagogas que, a bem

da verdade, nada mais são do que meras construções erigidas pelo homem; quando, em verdade, Ele se encontra no interior de cada um, dentro de vocês mesmos... Em seus corações!

— Quer dizer então que as nossas religiões atuais estão todas equivocadas?

— Presta muita atenção no que te direi agora: não existe, nem nunca existiu ou virá a existir uma religião única e mais eficaz do que as demais. Todas elas, cada qual a sua maneira e em sua essência primária, fornecem aos seus seguidores o verdadeiro Endereço de Deus, pois todas, sem exceção, inclusive as consideradas religiões pagãs, pregam o amor verdadeiro e a fraternidade universal, a misericórdia e a compaixão, livres de preconceitos. Porém, infelizmente, as crenças e religiões humanas, em geral, tendem a se perder ao buscarem pelo Pai em templos, igrejas, mesquitas e sinagogas erigidas pelo homem, através de liturgias e ritos também criados e institucionalizados pelo homem, supostamente pragmáticos, mas que, a bem da verdade, mais afastam o ser humano do verdadeiro caminho do que o conduzem a ele.

— Isto também vale para o Cristianismo? – indaguei boquiaberto.

— Sim. Vale para todas as religiões e cultos existentes atualmente, inclusive para aqueles homens e mulheres que se julgam descrentes, ateus ou agnósticos.

— Uau! Juro que por essa eu não esperava... – fiquei atônito com a resposta.

— Toda religião é nobre e respeitável, desde que não tenha a pretensão de ser a única verdadeira e que saiba ensinar onde de fato buscar o Pai. Cumpre saber que por sobre a Terra só existe um rebanho, com um único pastor: o rebanho de Deus, do qual todo homem, mulher e criança deste mundo faz parte. Independente dos diferentes nomes com que vocês se referem ao Senhor Celestial, das suas discrepâncias no que tange a ideologias políticas, nacionalidades, cor de pele, graus de instrução, riquezas ou

das diferenças religiosas e dos imensos abismos existentes entre os seus diversos credos, todos os homens continuam sendo iguais perante Deus. Independentemente de religião ou crença, todo ser humano possui o verdadeiro endereço do Reino dos Céus em seu coração. Mas para encontrá-lo, basta ao homem ter fé, esquecer os seus templos materiais e o mundo exterior por alguns instantes, voltando-se inteiramente para dentro de si mesmo e buscar a verdade em seu coração. Basta praticar o bem, sem olhar a quem, e disseminar o amor de forma incondicional entre os seus irmãos.

“Contudo, fazer isso é bem mais complicado do que parece, tanto é que foi exatamente neste ponto que a humanidade se perdeu novamente, acarretando um novo desvio de rota em seu eixo evolutivo. Em sua máxima ignorância e soberba, o homem, ao invés de nortear-se pelo caminho que mostrei há dois mil anos, acabou deturpando a minha mensagem e a imagem do Pai para criar uma cultura de ódio, racismo, intolerância, afastamento e violência que perdura até os dias atuais. E, por conta disso, surgiu a necessidade de uma nova intervenção divina. Uma última tentativa de Deus a fim de unificar a humanidade através da dor e fazê-la reencontrar o verdadeiro endereço do Reino dos Céus”.

— E essa intervenção se deu através do “Yama”... – concluí pasmado, retornando ao foco inicial da nossa conversa.

Jesus limitou-se a concordar com a cabeça.

— Mas, dentre tantos, por que logo o meu Dudu? – disparei sem conseguir me controlar.

Jesus novamente olhou-me com complacência.

— Porque assim se fez necessário. O Pai Celeste assim o determinou. Miguel, tu precisas aceitar, o que não significa, obviamente, que tenhas de compreender... Além do mais, tudo o que aconteceu com teu filho deu-se por vontade do próprio Eduardo.

— O quê? Mas como... – eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

Como o meu filho poderia ter optado por aquilo? Ele era apenas uma criança e...

— Eduardo, o teu rebento terreno, desceu ao mundo, assim como tantos outros antes e junto dele, na condição de enviado divino. Um espírito pleno, iluminado e de elevado grau na escala cósmico-evolutiva, cuja missão, por ele próprio aceita, muito antes de encarnar nesta época tão conturbada e entre os de tua família, consistia em propiciar à raça humana uma nova chance de salvação. Uma nova oportunidade de redenção, através da essência vital pura dos seres celestiais, que ele próprio portava nas veias. O fluído corpóreo dos "*Anjos*". Ou se preferires: o composto hematológico raro conhecido entre os homens de teu tempo como "*Sangue de Adão*".

— O Dudu era um "*Anjo*"? – indaguei estupefato.

— Sim, um autêntico "*Mal'ak*"⁶(*). Ele e todos os demais portadores do raríssimo "Sangue Redentor" que foi utilizado na salvação da humanidade. – Jesus assentiu com gestos suaves. – Como podes ver, caro Miguel, ao contrário do que tens pensado, em nenhum momento houve omissão de minha parte e tampouco por parte do Pai. Tudo o que aconteceu assim estava programado. Aconteceu no tempo certo, conforme foi escrito por Deus no imutável Livro do Destino.

— Se isso for verdade, o plano de vocês não parece ter funcionado lá muito bem – retruquei. – Basta olhar para as pessoas sobreviventes. Se for assim como você diz, esclareça-me por que é que a maioria delas sequer reconhece o sacrifício do meu filho e dos outros portadores do "Sangue de Adão" que doaram as suas vidas por elas? Ou o que vem a ser pior: por que é que tudo continua exatamente como era antes? – eu levantei a questão que mais me perturbava, referindo-me ao retorno das iniquidades e das inseqüências humanas, tão pouco tempo após o término da tragédia global causada pelo "Yama".

6 (*) "*Mal'ak*" = mensageiro ou emissário divino em aramaico, língua falada na época de Jesus.

— Confia! Tudo acontecerá ao seu devido tempo. Elas reconhecerão. Não todas, mas uma pequena parcela. Assim como o homem também reencontrará o seu rumo evolutivo. Lembre-se de que o tempo sempre foi o melhor dos conselheiros. Comigo também foi assim, Miguel. – Jesus declarou sereno e calmo. – Eu vivi e morri pregado em uma cruz por vocês há dois mil anos atrás, para supostamente redimi-los dos seus pecados e das suas iniquidades. E até hoje são muito poucos os que reconhecem que os salvei com o meu sacrifício. São bem raros os que crêem em mim e no Pai Celeste de coração, em espírito e em verdade. E menos ainda os que seguem, sem distorcer, os ensinamentos que releguei aos seus antepassados.

— Mas então...

— A mensagem inicial que lhes transmiti, ao longo dos tempos foi grotescamente obliterada, adulterada, subtraída ou distorcida, sempre de acordo com os propósitos de quem a pregava. Em meu nome e em nome do Pai, os homens cometeram e ainda continuam a cometer as maiores atrocidades. Ainda hoje irmãos lutam contra irmãos e os seres humanos matam-se uns aos outros em nome de suas crenças religiosas totalmente desvirtuadas.

“Veja bem, eu morri na cruz pela humanidade e ainda hoje sou ignorado pela maioria dos terráqueos. Em pouquíssimos lares sou bem-vindo. E o que podemos dizer da mensagem que tentei lhes transmitir? Hoje em dia, são muito poucos que seguem os *“Mandamentos do Senhor”*. São extremamente raros os que buscam Deus com sinceridade e no lugar certo: em seus corações. E menos ainda os que reconhecem o supremo sacrifício de amor a que me submeti por vocês”.

“Basta olhares para si mesmo, Miguel. Até alguns minutos atrás renegavas veementemente tanto a minha existência como a existência do Pai Celeste, convicto no ateísmo e na total falta de fé, e o que é ainda pior: desdenhando e zombando da crença daqueles que a possuíam.

Com base nisso tudo, diz-me por que então julgas que com o teu filho deveria ser diferente?”

A minha cabeça girava, parecendo prestes a explodir a qualquer instante. Tudo o que eu julgava saber dissolvia-se na minha frente. Tudo em que eu sempre acreditara revelara-se a verdadeira ilusão. E aquilo que, durante toda a vida adulta eu julgara como sendo a mais boba ilusão, revelara-se a verdade absoluta e inquestionável.

De repente compreendi o quanto fora idiota e preconceituoso em relação a tudo que se referia à religião. E o pior: tomei consciência de como agi de forma intolerante e injusta com aqueles que amava, durante tantos anos, principalmente com Patrícia, a irmã e os pais dela. A vergonha e o arrependimento me desmontaram. E, sem que eu conseguisse controlar, lágrimas de remorso afloraram em meus olhos.

Sem qualquer capacidade de refrear a emoção, caí de joelhos diante de Jesus e implorei pelo seu perdão. Perdão por ter negligenciado a sua existência por todo esse tempo. Perdão por ter vivido na obscuridade do ateísmo. E, principalmente, perdão por ter zombado e desdenhado de todos que, ao contrário de mim, Nele acreditavam, como Patrícia, os meus sogros, a minha mãe, o Péricles da clínica e o pessoal da igreja deles.

Jesus sorriu de forma amável e amparou-me pelos braços, ajudando-me a sentar novamente no banco.

— Miguel, os erros só existem para que possamos aprender e evoluir com eles. Se conseguires corrigi-los, então não haverá mais nada que careça de ser perdoado. E agora que obtivestes as tuas respostas, precisas retornar. Todavia, antes, tenho uma surpresa para ti...

Antes que eu pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, uma intensa luz azulada banhou a igreja inteira. E qual não foi a minha surpresa quando vi adentrarem pela porta principal do templo, cinco vultos luminosos, dois dos quais de mãos dadas com um sexto ser etéreo, menor em estatura e com imponentes asas energéticas às costas.

Não fui capaz de conter a emoção. Chorei como uma criança ao vislumbrar meu sorridente cunhado de tez negra caminhando ao lado dos meus sogros. À frente deles, do espectral cortejo, vinham os meus pais, a Dona Cláudia e o seu Anacleto, de mãos dadas com o meu filho Eduardo, investido na figura de um lindo querubim alado.

O brilho azul fosforescente que emanava de seus corpos era muito parecido com o que emanava de Jesus, só que menos intenso.

— Eliseu, Seu Diógenes e Dona Maria, Mãe, Pai e... Dudu! – exclamei a um fio de voz, embargada de tanta emoção.

Corri para o corredor. E os seis espectros de luz me cercaram sorridentes.

— Oi, Papai. Não disse que Jesus nos protegeria? – ouvi a vozinha de Dudu em minha mente, como porta-voz oficial do grupo, embora não tivesse visto os lábios dele se moverem em momento algum. – Não fique triste, pois nós estamos felizes. E um dia vamos todos nos reunir novamente. Mas, por enquanto, Jesus e o Pai Celestial, em nome do amor que sentem por todos nós, decidiram lhe dar uma nova chance.

Mal acabou de falar em minha mente, o pequeno querubim espectral avançou e, antes que eu pudesse me dar conta do que estava acontecendo, beijou-me suavemente a face, enquanto os demais, incluindo o próprio Jesus, estendiam as mãos sobre mim, como em um passe espírita.

Senti uma forte energia fluindo deles, de suas mãos, para dentro mim, buscando mais precisamente o meu coração.

Naquilo, os seus corpos etéreos resplandeceram ainda mais intensamente, até que a forte luz que passaram a emanar através das mãos paralisou-me por completo, travando todos os meus músculos e cegando-me por alguns instantes. Uma enorme fraqueza se apossou de mim e eu pressenti que estava muito próximo de perder os sentidos.

E, então, um a um, eles foram lentamente se dissolvendo no ar, desaparecendo.

Jesus e Dudu foram os últimos.

Todavia, antes de suas silhuetas luminescentes sumirem e de eu regressar para a escuridão, ouvi a vozinha do menino-anjo ecoando em minha mente:

— Papai... Lembre-se: são muito poucos os que recebem a dádiva de uma nova oportunidade, portanto faça por merecer. Cuide-se, viva intensamente e seja feliz!

A minha visão começou a nublar. Perdi a capacidade de manter-me de pé e fui ao chão gélido da igreja.

Nisso, ouvi a voz de Jesus, pela última vez:

— Agora vai, em paz, Miguel. Busca por Deus dentro de ti, no endereço certo. E, se for de tua vontade, torna-te também um "*Mal'ak*" e transmite ao mundo, através do teu dom da escrita, o que aprendestes aqui.

— E-eu o farei, Senhor! – murmurei emocionado.

E então a igreja, os bancos, o meu filho-anjo, Jesus e todo o resto simplesmente se desvaneceram diante dos meus olhos, até desaparecerem por completo.



Capítulo

XXXIV

Acordei com o coração apertado e o rosto banhado em lágrimas. O pescoço doía, devido ao mau jeito. Eu havia dormido sobre a mesa do escritório. O *notebook* ainda estava ligado na minha frente, executando o descanso de tela.

Confuso e entontecido pelo sono, eu não conseguia recordar há quanto tempo estava ali. Foi então que, num brusco lampejo de memória, lembrei de tudo.

E, em uma fração de segundo, os acontecimentos desfilaram por minha mente, não necessariamente em ordem cronológica. Recordei tudo, do surgimento do "Yama" ao sacrifício de Dudu, o meu filhinho querido, passando pela minha indiferença no início e culminando em minha dor no final, pelas mortes trágicas de Eliseu, dos meus sogros, de Dona Cláudia e de bilhões de outras pessoas ao redor do mundo até que veio a descoberta da cura através do tal "Sangue de Adão", um raríssimo composto sanguíneo, do qual Dudu era um dos poucos portadores, o único de todo o continente sulamericano. Fato que lhe custara a vida. Recordei o desespero de ver o meu filho morrendo e a inusitada conversa com Jesus na igreja. Novas lágrimas banharam-me a face. A dor fez menção de retornar, porém agora aparentava mais distante, branda e acompanhada de uma reconfortante sensação de resignação e paz interior.

Eu não sabia explicar o motivo, mas tudo aquilo parecia distante e surreal. Um sonho-pesadelo do qual acabara de acordar. O meu coração, no entanto, contrariava essa sensação, dizendo-me que eu realmente havia vivenciado

a tragédia global que culminara na morte de meu filho e depois cada um daqueles momentos mágicos e inacreditáveis com Jesus, Eduardo e os demais entes queridos falecidos por conta do “Yama”.

De repente algo me ocorreu. Eu finalmente despertei da letargia mental e então em um *flash* de pensamento lúcido compreendi. Estremeci ante aquela possibilidade.

— Será possível? – indaguei-me assombrado, com a respiração suspensa pela ansiedade, enquanto esticava a mão para o teclado e pressionava a primeira tecla ao meu alcance.

A tela se iluminou. Olhei para a data e a hora no canto inferior direito.

E, num piscar de olhos, a realidade se descortinou diante de mim...

— Santo Deus! – murmurei com os olhos marejados de emoção, mal acreditando no que estava vendo, e muito menos nas suas implicações.

Quando me dei por conta, estava correndo pelo corredor, em direção às escadas que levavam ao piso superior. Praticamente voei pelos degraus acima, saltando-os de dois em dois. Mas parei subitamente ao alcançar a porta do quarto de Dudu.

Com as mãos trêmulas, abri lentamente a porta e confirmei as minhas suspeitas.

O meu filho dormia placidamente em sua cama. Tranquilo e sereno.

Senti as pernas fraquejarem, ao tomar consciência de que toda aquela história de vírus assassino não passara de um sonho, ou, melhor, de um terrível pesadelo.

A data na tela do computador me trouxera de volta à realidade. Era madrugada de uma noite qualquer, anterior àquela em que eu discutira com Patrícia. Uma noite qualquer em que, refém do egocentrismo e da fútil necessidade em terminar logo o livro que estava escrevendo, eu havia me refugiado no isolamento do escritório, onde

acabara pegando no sono diante do *notebook* e sonhara tudo aquilo.

Eu mal conseguia acreditar. O “Yama” jamais existira... O mundo estava seguro. E o Dudu, mais vivo do que nunca, assim como a minha mãe, Eliseu e os meus sogros!

Aliviado, cheguei à inevitável conclusão de que toda aquela história de vírus da morte e de “Fim do Mundo” havia sido mais um fruto da minha imaginação fértil de escritor de ficção. Embora, no fundo, bem lá no fundo, pressentisse que algo dentro de mim havia mudado. E que após aquela noite eu jamais seria o mesmo novamente.

Mesmo que toda aquela história fosse fruto de um pesadelo, eu sentia, no âmago de meu ser, que ao menos uma parte daquilo tinha sido real ...

Ou não? A verdade é que eu jamais saberia.

Fora um sonho ou uma epifania real? Não importava. A transcendental conversa com Jesus, tivesse sido imaginária ou não, quebrara de vez com as minhas convicções ateístas, alterando para sempre a minha forma de ver as coisas.

Sopesei tudo isso em apenas um segundo.

E, então, ainda com as pernas bambas, as mãos trêmulas, lágrimas no rosto e o coração em disparada, aproximei-me lentamente da cama. Vislumbrei o rostinho livre de máculas de meu filho e deixei-me desabar sobre os joelhos diante do pequenino adormecido, procurando não fazer barulho para não acordá-lo.

E, pela primeira vez depois de tantos anos de ateísmo e de desprezo por todo tipo de manifestação religiosa, juntei as mãos diante do peito e rezei, com a máxima devoção, agradecendo aos Céus e a Jesus por tudo o que aprendera naquela noite, pela vida, pela chance de corrigir as minhas falhas, e pela possibilidade de tornar-me uma pessoa melhor.

Foi neste momento ímpar e sublime que eu finalmente celebrei, através de uma oração bastante emocionada, as pazes com Deus.



Capítulo

XXXV

— ...E, a partir daquela noite, eu passei a dedicar mais tempo ao que realmente importa: a minha família, os amigos e demais pessoas que amo. Tornei-me um filho melhor, um marido melhor, um pai melhor, um genro melhor, um cunhado melhor, um amigo melhor e até um funcionário melhor. E, de quebra, acredito que consegui cumprir a promessa que fiz a Jesus e me transformei também em um escritor melhor, um verdadeiro *"Mal'ak"*, uma vez que cá estou eu, forçando-os a escutarem a minha inusitada estória...

Risos na plateia, composta por mais de 700 convidados, entre escritores, editores, leitores, jornalistas e membros da mídia que assistiam ao pronunciamento do consagrado autor, cujo romance recém-lançado fora agraciado com o significativo título de *"Melhor Ficção do Ano"*, no mais prestigiado prêmio literário do país.

Um ano inteiro havia transcorrido desde o advento da famosa *"noite milagrosa"*, como a família de Miguel carinhosamente passara a chamar o momento da mudança.

Patrícia, Dudu e Samara, Eliseu e Jussara, os sogros e a mãe de Miguel, em sua cadeira de rodas, aplaudiam da primeira fila, orgulhosos de seu sucesso, enquanto ele discursava animado, resumindo os pontos mais relevantes de sua história e revelando aos presentes a principal fonte de inspiração que o levava a escrever o promissor livro *"O SANGUE DE ADÃO"*.

O romance fizera tamanho sucesso que, apenas 6 meses após o seu lançamento oficial, já ocupava a primeira

posição entre os mais vendidos do país, transformando-se em um dos maiores *best sellers* nacionais de todos os tempos. No momento, os originais se encontravam em pleno processo de tradução para mais de 20 idiomas diferentes. E, em breve, a obra de Miguel ganharia o mundo.

Não bastasse isso, Miguel ainda precisava pensar na proposta que havia recebido naquela semana de um poderoso estúdio holywoodiano que queria transformar o seu livro em filme. Ele havia ficado de dar uma resposta em dois dias. As astronômicas cifras oferecidas pela aquisição dos direitos de filmagem, no entanto, não deixavam margem para dúvidas. Ele aceitaria.

O escritor mal cabia em si de tanta felicidade. O sentimento de realização se fazia presente em cada célula de seu corpo. Afinal de contas, ele conseguira... Transformara um terrível pesadelo escatológico em uma obra de sucesso, puramente ficcional, mas que, além de divertir os leitores, em igual proporção era capaz de fazer com que eles refletissem sobre a forma como estavam conduzindo as suas vidas.

Mas, para Miguel, nada era mais importante do que o fato de ter feito as pazes com a Divindade e, conseqüentemente, consigo mesmo.

Encerrou o breve discurso, agradecendo a Deus pela conquista e, uma vez mais, pela inspiração e, principalmente, pela nova chance que recebera naquela fatídica noite de um ano atrás.

Após o fim da cerimônia de entrega dos troféus, houve uma sessão de autógrafos coletiva com os autores premiados. Durante todo o tempo que durou o evento, a mesa de Miguel foi a mais concorrida, com uma enorme fila de fãs disputando a atenção do consagrado escritor.

Só bem mais tarde, quando não havia mais ninguém na fila, foi que Miguel pôde finalmente dar descanso para a mão dolorida de tanto rubricar o seu nome.

Epílogo

Dias mais tarde, quando retornava para casa, sozinho, de outra cansativa sessão de autógrafos, na cidade vizinha, Miguel resolveu sintonizar o rádio do carro, a fim de se distrair um pouco e não cochilar ao volante.

Exultante com o rumo que as coisas tinham tomado em sua vida e com o sucesso alcançado pelo seu livro, o renomado escritor esperava ouvir qualquer coisa.

Qualquer coisa, menos aquilo...

E um violento choque de perplexidade percorreu-o por inteiro, quando escutou a notícia que estava sendo veiculada naquele exato instante:

“... Segundo as fontes oficiais do governo indiano, subiu de quatro para dez o número de vítimas fatais, nas colinas ao norte de Calcutá, de uma nova epidemia de gripe, altamente contagiosa e letal. Conforme os médicos locais responsáveis por combater o desconhecido vírus, o mesmo apresenta um quadro sintomático bastante semelhante ao de uma simples gripe comum, todavia tem se mostrado muito mais resistente e mortal. Para termos uma ideia da gravidade da situação, em 100% dos casos registrados até o presente momento, nenhum paciente sobreviveu”...

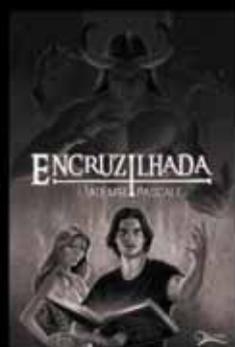
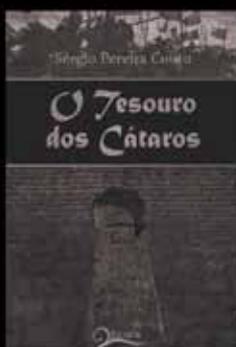
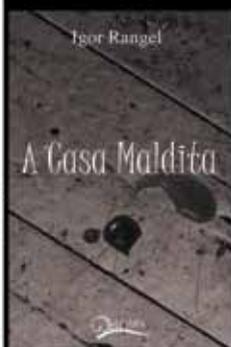
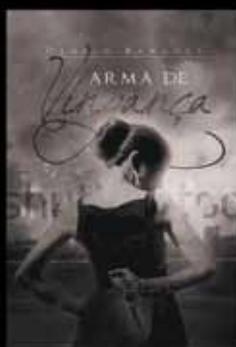
FIM

SE VOCÊ GOSTOU DESTA LIVRO,
INDIQUE-O AOS SEUS AMIGOS.



Site oficial:
<http://marsonalquati.wix.com/sangue-de-adao>

Conheça esses e muitos outros títulos da
Editora Literata



www.editoraliterata.com.br